

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**MEDIDAS E RELAÇÕES ENTRE A AGRESSIVIDADE E A
ASSERTIVIDADE**

CLÁUDIA CRISTINA FUKUDA

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia
da Universidade de Brasília, como requisito parcial
à obtenção do título de Mestre em Psicologia
(Psicologia Social e do Trabalho).

ORIENTADOR: LUIZ PASQUALI

Brasília - DF, 1997

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE PSICOLOGIA

**MEDIDAS E RELAÇÕES ENTRE A
AGRESSIVIDADE E A ASSERTIVIDADE**

CLÁUDIA CRISTINA FUKUDA

Brasília - DF, 1997

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP

**MEDIDAS E RELAÇÕES ENTRE A
AGRESSIVIDADE E A ASSERTIVIDADE¹**

CLÁUDIA CRISTINA FUKUDA

Banca Examinadora:

LUIZ PASQUALI - Presidente

BARTHOLOMEU TÔRRES TRÓCCOLI - Membro

MARIA DAS GRAÇAS PAZ - Membro

JAIRO BORGES - Suplente

¹ Agradecimentos especiais à Denise Paula Fukuda

Pesquisa realizada com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

RESUMO

Este trabalho teve por objetivos propor instrumentos para medir a agressividade e a assertividade em estudantes do Distrito Federal e verificar a existência de relações entre esses construtos e entre eles e sexo, idade e tipo de escola. A análise fatorial da Escala de Agressividade extraiu 3 fatores de primeira ordem (Agressividade Verbal, Agressividade Física e Irritação Contida) e um fator de segunda ordem (Agressividade Geral). Para a Escala de Assertividade encontrou-se 5 fatores de primeira ordem (Admitir Deficiência Pessoal, Iniciar Encontro Amoroso, Admitir Erros, Resistir à Usar Drogas e Expressar Sentimento Negativo) e dois fatores de segunda ordem (Lidar com Críticas e Ter Iniciativa). Todos os fatores de Agressividade, com exceção de Irritação Contida, obtiveram índice de consistência interna maior que 0,80. Por outro lado, nenhum fator de assertividade obteve índice de consistência interna maior que esse valor. A correlação bivariada mostrou que a Agressividade Verbal e Geral estão correlacionadas positivamente com Lidar com Críticas e Iniciativa e que a Agressividade Física e a Irritação Contida possuem correlação apenas com Iniciativa. Análises de variância mostraram a existência de efeitos de interação entre idade e tipo de escola nas variáveis critério Agressividade Física e Irritação Contida e entre idade e sexo na Iniciativa. Correlação canônica entre os fatores de agressividade e assertividade e as variáveis sócio-biográficas demonstraram a existência de dois variantes Dominância e Agressividade. MANOVAs foram realizadas visando confirmar a influência das variáveis idade, sexo e tipo de escola na Dominância e Agressividade. Os resultados encontrados para essa amostra de sujeitos não diferiu, substancialmente, dos resultados encontrados em outras culturas. Sugere-se que as Escalas de Agressividade e Assertividade sejam revisadas posteriormente e que a adequação dos variantes Dominância e Agressividade para o entendimento das relações interpessoais seja verificada em outros estudos.

ABSTRACT

This study aimed to measure the aggressiveness and assertiveness of students from Brasilia and to investigate the relationship between these constructs and gender, age, and school type. The factor analysis of Aggressiveness Scale extracted three first order factors (Verbal Aggressiveness, Physical Aggressiveness and Irritation) and one second order factor (General Aggressiveness). For Assertiveness Scale were extracted five first order factors and two second order factors (Criticism Management and Initiative). The Aggressiveness factors, except from Irritation, obtained Alfa of Cronbach higher than 0.80. However, the Assertiveness factors didn't obtain Alfa higher than 0.80. The bivariate correlation showed that "Verbal and General Aggressiveness" were correlated positively with Criticism Management and Initiative and that Physical Aggressiveness and Irritation had positive correlation only with Initiative. Analysis of Variance was performed to evaluate the differences in Aggressiveness and Assertiveness due to age, gender and school type. Interaction effects were found with age and school type in the Physical Aggression and Irritation and between age and gender in the Initiative. Canonical Correlation was performed among Aggressiveness and Assertiveness factors and age, gender, and school type. It showed the existence of two canonical variate pairs: Dominance and Aggressiveness. MANOVAs were performed to confirm the influence of age, gender and school type variables in dominance and aggressiveness. The results showed that the sample from Brasilia wasn't much different from the results showed by other cultures. The study proposes that the Aggressiveness and Assertiveness Scales should be revised and that the Dominance and Aggressiveness variates should be analyzed in future research to enable a better understanding of interpersonal relationships.

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

ÍNDICE DE TABELAS

ÍNDICE DE FIGURAS

INTRODUÇÃO..... 1

CAPÍTULO I - REVISÃO DA LITERATURA

1- A AGRESSIVIDADE	5
2- COMPONENTES DA AGRESSIVIDADE	15
3- DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA AGRESSÃO.....	17
4- MEDIDAS DE AGRESSIVIDADE.....	20
5- RELAÇÃO ENTRE AGRESSIVIDADE E ASSERTIVIDADE.....	23
6- A ASSERTIVIDADE.....	26
7- DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA ASSERTIVIDADE	29
8- MEDIDAS DE ASSERTIVIDADE	33
9- OBJETIVOS	36

CAPÍTULO II - METODOLOGIA

I- AMOSTRA	37
II- INSTRUMENTO	39
1- A ESCALA DE AGRESSIVIDADE	39
2- A ESCALA DE ASSERTIVIDADE.....	41
3- AS ESCALAS DE DESEJABILIDADE SOCIAL E MENTIRA.....	43
III- PROCEDIMENTOS	44

PARTE I: AS ESCALAS DE AGRESSIVIDADE E ASSERTIVIDADE

1- METODOLOGIA.....	46
1.1- ANÁLISE SEMÂNTICA DOS ITENS DAS ESCALAS DE AGRESSIVIDADE E ASSERTIVIDADE.....	46
1.2- ANÁLISES ESTATÍSTICAS	46
2- RESULTADOS	48
2.1 - A ESCALA DE AGRESSIVIDADE	48
2.1.1- OS TRÊS FATORES DE PRIMEIRA ORDEM.....	49
2.1.2- CORRELAÇÃO ENTRE OS FATORES.....	52
2.1.1- O FATOR DE SEGUNDA ORDEM.....	52
2.1.4- MODELO FATORIAL PARA A ESCALA DE AGRESSIVIDADE.....	54
2.2- A ESCALA DE ASSERTIVIDADE.....	55
2.2.1- OS CINCO FATORES DE PRIMEIRA ORDEM.....	55
2.2.2- CORRELAÇÃO ENTRE OS FATORES.....	59
2.2.3- OS DOIS FATORES DE SEGUNDA ORDEM.....	60
2.2.4- MODELO FATORIAL PARA A ESCALA DE ASSERTIVIDADE	62

PARTE II: ESTUDO DE HIPÓTESES

1- METODOLOGIA	64
2- DELINEAMENTO 1: RELAÇÕES ENTRE A AGRESSIVIDADE E A ASSERTIVIDADE	64
2.1- HIPÓTESE.....	64
3- DELINEAMENTO 2: RELAÇÕES ENTRE AGRESSIVIDADE, ASSERTIVIDADE E VARIÁVEIS SÓCIO-BIOGRÁFICAS	65
3.1- VARIÁVEIS.....	65
3.2- DELINEAMENTO	67
3.3- HIPÓTESES	68
3.3.1- AGRESSIVIDADE VERBAL E VARIÁVEIS SÓCIO-BIOGRÁFICAS	68
3.3.2- AGRESSIVIDADE FÍSICA E VARIÁVEIS SÓCIO-BIOGRÁFICAS	72
3.3.3- IRRITAÇÃO CONTIDA E VARIÁVEIS SÓCIO-BIOGRÁFICAS	76

3.3.4- AGRESSIVIDADE GERAL E VARIÁVEIS SÓCIO-BIOGRÁFICAS	81
3.3.5- LIDAR COM CRÍTICAS E VARIÁVEIS SÓCIO-BIOGRÁFICAS...	85
3.3.6- INICIATIVA E VARIÁVEIS SÓCIO-BIOGRÁFICAS.....	89
4- ANÁLISES ESTATÍSTICAS.....	93
5- RESULTADOS	
5.1- CORRELAÇÃO BIVARIADA.....	94
5.2- ANÁLISES DE VARIÂNCIA.....	96
5.2.1- A AGRESSIVIDADE VERBAL.....	98
5.2.2- A AGRESSIVIDADE FÍSICA.....	100
5.2.3- A IRRITAÇÃO CONTIDA.....	102
5.2.4- A AGRESSIVIDADE GERAL.....	105
5.2.5- LIDAR COM CRÍTICAS.....	107
5.2.6- INICIATIVA.....	109
5.2.7- RESUMO DOS RESULTADOS DAS ANOVAS.....	111
5.3- CORRELAÇÃO CANÔNICA	116
5.4- ANÁLISES DE VARIÂNCIA MULTIVARIADA - MANOVA.....	119
5.5- BREVE RESUMO DOS RESULTADOS DO	
ESTUDO DE HIPÓTESES.....	122
 CAPÍTULO III: DISCUSSÃO E CONCLUSÃO	
1- DISCUSSÃO	125
2- CONCLUSÃO.....	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138
ANEXOS	

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela II.1: Frequência e porcentagem de sujeitos por sexo.....	37
Tabela II.2: Frequência e porcentagem de sujeitos por escolaridade.....	38
Tabela II.3: Frequência e porcentagem de sujeitos por tipo de escola.....	38
Tabela II.4: Itens do instrumentos referentes às Escalas.....	39
Tabela 1: Matriz fatorial e alfa do Fator 1 de Agressividade.....	49
Tabela 2: Matriz fatorial e alfa do Fator 2 de Agressividade.....	50
Tabela 3: Matriz fatorial e alfa do Fator 3 de Agressividade.....	51
Tabela 4: Matriz de correlação fatorial dos fatores de agressividade.....	52
Tabela 5: Matriz fatorial e alfa do Fator de Segunda Ordem de Agressividade.....	53
Tabela 6: Matriz fatorial e alfa do Fator 1 da Escala de Assertividade.....	56
Tabela 7: Matriz fatorial e alfa do Fator 2 da Escala de Assertividade.....	56
Tabela 8: Matriz fatorial e alfa do Fator 3 da Escala de Assertividade.....	57
Tabela 9: Matriz fatorial e alfa do Fator 4 da Escala de Assertividade.....	57
Tabela 10: Matriz fatorial e alfa do Fator 5 da Escala de Assertividade.....	58
Tabela 11: Matriz de correlação fatorial dos fatores de assertividade.....	59
Tabela 12: Matriz fatorial e alfa do Fator 1 de 2ª ordem da Escala de Assertividade.....	60
Tabela 13: Matriz fatorial e alfa do Fator 2 de 2ª ordem da Escala de Assertividade.....	61
Tabela 14: Correlação entre as variáveis agressividade, assertividade e sócio-biográficas.....	94
Tabela 15: Média e desvio padrão de Agressividade Verbal por idade, sexo e tipo de escola.....	98
Tabela 16: Análise de variância para a variável critério Agressividade Verbal e variáveis antecedentes idade, sexo e tipo de escola.....	99
Tabela 17: Média e desvio padrão de Agressividade Física por idade, sexo e tipo de escola.....	100
Tabela 18: Análise de variância para a variável critério Agressividade Física e variáveis antecedentes idade, sexo e tipo de escola.....	101
Tabela 19: Média e desvio padrão de Irritação Contida por idade, sexo e tipo de escola.....	102
Tabela 20: ANOVA para a variável critério Irritação Contida e variáveis antecedentes.....	103
Tabela 21: Média e desvio padrão de Agressividade Geral por idade, sexo e tipo de escola.....	105
Tabela 22: Análise de variância para a variável critério Agressividade Geral e variáveis antecedentes idade, sexo e tipo de escola.....	106
Tabela 23: Média e desvio padrão de Lidar com Críticas por idade, sexo e tipo de escola.....	107
Tabela 24: Análise de variância para a variável critério Lidar com Críticas e variáveis antecedentes idade, sexo e tipo de escola.....	108
Tabela 25: Média e desvio padrão de Iniciativa por idade, sexo e tipo de escola.....	109

Tabela 26: Análise de variância para a variável critério Iniciativa e variáveis antecedentes idade, sexo e tipo de escola.....	110
Tabela 27: Comparação entre as hipóteses e os resultados da ANOVA para Agressão Verbal.....	112
Tabela 28: Comparação entre as hipóteses e os resultados da ANOVA para Agressão Física.....	112
Tabela 29: Comparação entre as hipóteses e os resultados da ANOVA para Irritação.....	113
Tabela 30: Comparação entre as hipóteses e os resultados da ANOVA para Agressão Geral.....	113
Tabela 31: Comparação entre as hipóteses e os resultados da ANOVA para Lidar com Críticas.....	114
Tabela 32: Comparação entre as hipóteses e os resultados da ANOVA para Iniciativa.....	114
Tabela 33: Correlação Canônica: o primeiro e o segundo variantes canônicos.....	116
Tabela 34: Relação entre Dominância e variáveis sócio-biográficas.....	119
Tabela 35: Relação entre Agressividade e variáveis sócio-biográficas.....	121

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura II.I: Modelo teórico de agressividade para a construção dos itens	41
Figura I: Representação gráfica do Modelo Fatorial para a Escala de Agressividade	54
Figura II: Representação gráfica do Modelo Fatorial para a Assertividade.....	62
Figura III: Modelo do Delineamento 2X2X2.....	67
Figura IV: Expectativa hipotética para a Agressividade Verbal	68
Figura V: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre sexo e idade	70
Figura VI: Expectativa hipotética de interação entre idade e sexo.....	70
Figura VII: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre sexo e tipo de escola	70
Figura VIII: Expectativa hipotética de interação entre sexo e tipo de escola	71
Figura IX: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre idade e tipo de escola	71
Figura X: Expectativa hipotética de interação entre idade e tipo de escola na Agressão Verbal	71
Figura XI: Expectativa hipotética para a Agressividade Física	72
Figura XII: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre sexo e idade	74
Figura XIII: Expectativa hipotética de interação entre idade e sexo na Agressão Física.....	74
Figura XIV: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre sexo e tipo de escola	75
Figura XV: Expectativa hipotética de interação entre sexo e tipo de escola na agressão física.....	75
Figura XVI: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre idade e tipo de escola	75
Figura XVII: Expectativa hipotética de interação entre idade e tipo de escola.....	76
Figura XVIII: Expectativa hipotética para a Irritação Contida	77
Figura XIX: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre sexo e idade	78
Figura XX: Expectativa hipotética de interação entre idade e sexo na Irritação Contida.....	78
Figura XXI: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre sexo e tipo de escola	79
Figura XXII: Expectativa hipotética de interação entre sexo e tipo de escola na agressão física.....	79
Figura XXIII: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre idade e tipo de escola	79
Figura XXIV: Expectativa hipotética de interação entre idade e tipo de escola na irritação.....	80
Figura XXV: Expectativa hipotética para a Agressividade Geral	81
Figura XXVI: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre sexo e idade.....	82
Figura XXVII: Expectativa hipotética de interação entre idade e sexo na Agressão Geral.....	82
Figura XXVIII: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre sexo e tipo de escola	83
Figura XXIX: Formulação gráfica da hipótese H5.....	83
Figura XXX: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre idade e tipo de escola	84
Figura XXXI: Representação gráfica da hipótese H6.....	84

Figura XXXII: Delineamento hipotético da relação entre Lidar com Críticas e variáveis sócio-biográfica.....	85
Figura XXXIII: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre sexo e idade	86
Figura XXXIV: Efeito de interação entre idade e sexo.....	86
Figura XXXV: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre sexo e tipo de escola	87
Figura XXXVI: Efeito de interação entre sexo e tipo de escola.....	87
Figura XXXVII: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre idade e tipo de escola	88
Figura XXXVIII: Representação gráfica da hipóteses 6 para Lidar com Críticas.....	88
Figura XXXIX: Delineamento hipotético para Iniciativa e variáveis sócio-biográficas.....	89
Figura XL: Delineamento hipotético para o efeito de interação entre sexo e idade	90
Figura XLI: Representação gráfica da hipótese 4 para iniciativa.....	90
Figura XLII: Delineamento hipotético para o efeito de interação entre sexo e tipo de escola	91
Figura XLIII: Efeito de interação entre sexo e tipo de escola.....	91
Figura XLIV: Delineamento hipotético para o efeito de interação entre idade e tipo de escola	91
Figura XLV: Efeito de interação entre idade e tipo de escola na Iniciativa.....	92
Figura XLV: Efeito de interação entre idade e tipo de escola na Agressão Física.....	102
Figura XLVI: Representação do efeito de interação entre idade e tipo de escola na Irritação Contida.....	104
Figura XLVII: Efeito de Interação entre sexo e idade na variável critério Iniciativa	111
Figura XLVIII: Modelo do primeiro par de variantes canônicos	117
Figura XLIX: Modelo do segundo par de variantes canônicos	119

INTRODUÇÃO

A agressão tem se tornado uma das formas mais utilizadas pelos seres humanos para obter ganhos sociais e materiais e resolver conflitos. Num mundo cada vez mais competitivo, as pessoas, visando a sobrevivência com maior qualidade, são incentivadas a sobrepor-se às outras, por meio de coerção e imposição de poder.

A agressão é um fenômeno social complexo. Quando usado com moderação pode ser útil como forma de sobrevivência nas sociedades competitivas como as de hoje. Mas quando usada em seu extremo gera atos de violência e se torna destrutiva, sendo, nesses casos, fonte de controle e repulsa social.

A sociedade aprendeu a conviver com a agressividade violenta e a regular seu uso por meio de leis a fim de punir atos considerados prejudiciais. Porém, em muitos casos, os mecanismos repressivos institucionalizados não são capazes de reprimi-la com eficácia. E as pessoas, freqüentemente, preferem buscar formas de auto-proteção a expor sua revolta contra tais atos, elevando a ocorrência deles.

Esse aumento da agressão violenta é registrado pela mídia que, diariamente, noticia casos de assassinatos, estupros, seqüestro, violência familiar e outras formas de extrema agressão. Tais atos podem ser motivados pelos ganhos materiais, como no caso de assaltos. Mas, algumas vezes, é motivado apenas pela necessidade de aprovação ou imposição social, sendo que, outras vezes, nem é possível identificar uma motivação razoável para sua ocorrência.

Dois acontecimentos recentes ocorridos em Brasília, bastante noticiados pela mídia jornalística, que causaram grande comoção popular, podem exemplificar atos agressivos motivados pelo desejo de ganhos sociais ou sem motivação aparente. Primeiro, um garoto é assassinado na quadra onde morava por um grupo de rapazes

que praticavam artes marciais e tentava se impor naquela quadra, considerada rival. Este caso ilustra o uso da força física com extrema violência na busca, através da coerção, de poder ou influência social.

O outro episódio trata da morte de um índio que dormia em um ponto de ônibus e teve seu corpo quase todo queimado por cinco adolescentes. Os adolescentes disseram para a polícia que atear fogo em um índio (que eles julgavam ser mendigo) era apenas uma brincadeira e que eles não tinham a intenção de matar ninguém, demonstrando a falta de uma justificativa razoável para o crime, sendo um exemplo do uso de violência sem motivação aparente.

Esses dois crimes têm em comum os “vilões”: rapazes de classe média, que até então, eram considerados normais e não tinham histórias anteriores de comportamento tão violento. O que os levou a agirem dessa forma? Muitas respostas podem ser dadas a essa pergunta, todas elas corretas, mas expressando partes da verdade. Arrisca-se, aqui, sem a pretensão de responder a questão por completo, sugerir que esses adolescentes não estavam acostumados a experimentar as consequências que a agressão pode causar ou eram incapazes de avaliá-la, já que ambos os grupos de garotos disseram que não tinham a intenção de matar, somando-se a isso a falta de punição ao uso de pequenos atos agressivos, a influência do grupo e, provavelmente, a convivência diária com a violência através da mídia e outras fontes de informação. Demonstrando-se, assim, como pequenos atos agressivos e a banalização da violência, com os quais as pessoas são obrigadas a conviver podem gerar comportamentos de grande violência como os relatados acima.

Porém, nem todo comportamento agressivo é maléfico para a sociedade. Existem aqueles que trazem benefícios sociais, tais como, a ação da polícia, a ação das forças armadas na defesa de seus territórios ou até mesmo a dos carrascos nos países

que legitimaram a pena de morte. Também, numa visão do indivíduo, a agressão útil socialmente ganha caráter adaptativo frente à vida como um mecanismo de sobrevivência.

O uso da agressão é, muitas vezes, incentivado por pais e educadores com o objetivo de ensinar suas crianças a se defenderem e a conquistarem o respeito dos colegas, evitando que elas sejam exploradas ou se submetam às imposições de outras crianças. Mas, a agressão não é considerada uma forma de ação adequada nas relações interpessoais e correm o risco de serem alvo da repreensão e da punição desses mesmos pais e educadores em outras situações. Uma solução para esse dilema seria um melhor entendimento dessas pessoas sobre a diferenciação entre agressividade e assertividade.

Apesar da assertividade referir-se à expressão de sentimentos, desejos e à defesa de direitos sem uso de ameaça ou coerção, a diferenciação entre a agressão e a asserção não é fácil, pois as semelhanças na expressão desses construtos tendem a confundir as pessoas, que percebem os comportamentos assertivos negativamente, como se fossem agressivos. Tanto que é comum as pessoas qualificarem atitudes, acontecimentos e mesmo outras pessoas como agressivas, enquanto a palavra assertiva é muito pouco utilizada popularmente. Apenas uma pequena parcela da população seria capaz de qualificar algo como assertivo ou não.

E numa cultura como a brasileira, na qual a cordialidade é muito valorizada nas interações sociais, acaba por não existir espaço para se agir assertivamente sem que se seja considerado agressivo. Mas a cordialidade nem sempre resulta em ganhos pessoais imediatos, sendo que algumas vezes é preciso agir com assertividade para se alcançar o objetivo desejado. Nesses casos as pessoas acabam sendo agressivas ou são percebidas dessa forma.

Considerando que as agressões leves ou adaptativas são capazes, em algumas situações, de se transformarem em atos de grande violência, e que ações assertivas dificilmente levariam a tais atos, pois teriam que se transformar primeiro em agressividade; supõe-se que, se os seres humanos soubessem lidar diferentemente com atitudes agressivas e assertivas, eles se tornariam menos violentos.

Este trabalho propõe-se a investigar de maneira empírica a relação entre agressividade e assertividade. Assim, tentará propor instrumentos, com qualidade psicométrica, para medir a agressividade e a assertividade no Brasil. A existência de boas medidas dos construtos irá facilitar sua compreensão. E por meio desses instrumentos, serão estudadas as relações e diferenças entre a agressão e a asserção.

Outro interesse do trabalho é tentar esclarecer as diferenças entre os construtos agressividade e assertividade, caracterizando-os através de seus componentes e verificando suas relações com algumas variáveis individuais, tais como sexo e idade. Com isso pretende-se contribuir para a diferenciação desses construtos, visando diminuir a confusão na percepção dos comportamentos agressivos e assertivos.

Para tanto, o trabalho será desenvolvido da seguinte forma: no primeiro capítulo será apresentada a revisão da literatura, descrevendo as teorias e os conceitos propostos por outros autores para a agressividade e a assertividade, além de pesquisas recentes demonstrando as relações encontradas, anteriormente, entre esses construtos. No segundo capítulo, serão descritos as metodologias e os resultados da pesquisa realizada, que foi dividida em duas partes: na primeira será descrita a validação das escalas que serão utilizadas e, na segunda parte, as análises relativas à verificação das hipóteses sobre as relações entre os construtos e entre eles e outras variáveis. E, finalmente, no terceiro e último capítulo, serão apresentadas a discussão e a conclusão do trabalho.

CAPÍTULO I

REVISÃO DA LITERATURA

1 - A AGRESSIVIDADE

A partir do início deste século, a ciência, como um reflexo da sociedade, passou a estudar sistematicamente a agressividade em seres humanos. Muitas teorias e pesquisas foram desenvolvidas numa tentativa de compreender a complexidade desse comportamento humano.

Essas teorias, mesmo sendo baseadas em pressupostos diferentes, tentam, basicamente, responder a duas perguntas principais: 1) O que leva o homem a agredir? 2) Como controlar a agressão humana? (Baron & Richardson, 1994). Porém as divergências entre os teóricos e as rápidas mudanças nos comportamentos sociais impossibilitam respostas definitivas ou duradouras a tais perguntas, mas estimulam o surgimento de mais teorias e pesquisas na área.

As principais teorias a respeito da agressividade humana podem ser agrupadas da seguinte forma: teorias com bases biológicas e a etologia; teoria da frustração e seu desenvolvimento até os modelos cognitivos; teorias relacionadas à aprendizagem social; e as teorias sobre o poder coercitivo. A seguir, essas teorias serão apresentadas resumidamente.

Etologia e as bases biológicas da agressão

Dentro do ponto de vista da etologia, um dos maiores estudiosos da agressividade foi Konrad Lorenz, que no seu livro “On Agression” (Lorenz, 1966), estudando a agressividade de corais e animais, propõe que a agressividade humana, como em animais, possui três funções básicas: a conquista territorial, a reprodução e a

proteção. Entendendo, assim, a agressão humana como um instinto inato e, como qualquer instinto, serve para a sobrevivência da espécie.

Lorenz propõe, também, a existência de uma energia agressiva que é acumulada com o tempo, sendo sua expressão uma função da quantidade de energia acumulada pela presença e força dos estímulos oferecidos pelo ambiente.

As principais críticas a essa teoria são: a validade da generalização dos resultados de pesquisas realizadas com animais para seres humanos, que são influenciados pelo meio social e são controlados pela cultura em que vivem; e a falta de comprovação científica de seus pressupostos, pois ainda não foi encontrado nenhum gene específico para a agressividade ou apresentadas provas científicas sobre a existência da energia agressiva (Baron & Richardson, 1994).

As investigações sobre as bases biológicas da agressividade têm considerado, de acordo com os etologistas, a agressividade como inata aos seres. Elas têm tentado mapear as estruturas cerebrais responsáveis pela agressividade tanto em animais quanto em humanos. E buscam também as causas fisiológicas e hormonais dos comportamentos agressivos.

Os resultados dessas investigações têm mostrado que não existe uma, mas várias áreas cerebrais que quando estimuladas podem influenciar separadamente os diferentes tipos de agressão. Em relação aos hormônios, pesquisas têm mostrado que a influência deles na agressividade é melhor comprovada em animais do que em seres humanos. (Baron & Richardson, 1994)

As pesquisas biológicas e sócio-biológicas, por demonstrarem a natureza instintiva da agressividade, têm muito a acrescentar à sua compreensão. Entretanto, a agressão humana, diferentemente da agressão animal, parece ser mais determinada por fatores sociais, culturais e psicológicos do que por fatores biológicos.

Teorias comportamentais e a agressividade.

Inicialmente, os comportamentalistas definiram agressividade como comportamento que causa dano (*harm*) à alguém. Essa definição incluía também comportamentos que causavam dano, mas que não eram considerados agressivos, como é o caso dos acidentes. E foi, posteriormente, revisada acrescentando a questão da intencionalidade; a agressividade, então, passou a ser definida como comportamento intencional que causa dano ou injúria a alguém.

Uma das primeiras teorias com base comportamental proposta para a agressividade foi a Teoria da Frustração desenvolvida por Dollard, Doob, Miller e Sears (in Tedeschi, Lindsklod & Rosenfeld, 1985). Esses pesquisadores propuseram que a agressividade é sempre consequência de uma frustração. Sendo que frustração foi definida como eventos que interferem na obtenção de um ganho esperado. Por outro lado, é fácil comprovar que nem sempre a frustração causa agressão, pois os indivíduos são capazes de aprender, através de recompensas e punições, outros comportamentos para lidar com a frustração.

A teoria da frustração também propõe a existência de uma energia agressiva que se acumula quando comportamentos agressivos não são eliciados perante uma frustração. Essa energia pode gerar uma catarse ou ser deslocada por ação indireta ou por mudança de alvo. A energia deslocada por uma ação indireta é chamada de substituição de resposta e ocorre quando não é possível ou desejável uma retaliação direta a uma frustração e essa retaliação é realizada de forma indireta, como por exemplo, falar mal do agente frustrante a uma terceira pessoa. A mudança de alvo, chamada de substituição de objeto, refere-se ao emprego da agressividade em outro objeto, que não seja o agente frustrante.

A crítica fundamental a essa teoria é que nem todo comportamento agressivo é proveniente de uma frustração, como é o caso de assassinos profissionais que matam porque são pagos para agir assim. Dessa forma, a teoria proposta por Dollard e colaboradores é pouco útil para o entendimento da agressividade, já que explica apenas uma das causas dos comportamentos agressivos.

Na tentativa de resolver o problema da teoria da frustração, Berkowitz (in Baron & Richardson, 1994) propôs que a frustração é apenas um dos vários estímulos aversivos que geram agressividade, mas esses estímulos só levam a comportamentos agressivos se forem associados a certos estímulos ambientais provocadores de agressividade. Para o autor um estímulo se torna um provocador ou uma dica para a agressão se ela, em tal situação, for reforçada positivamente.

Seguindo essa mesma visão, o conceito de *arousal*, ou excitação, tem sido utilizado para explicar as causas da agressão (Zillman, 1983). Este conceito provém da idéia de tendência (*drive*). Tendência é entendida como “...uma força motivacional não-instintiva, que é induzida pela privação dos organismos de condições para manutenção da vida e se desenvolve em força com a intensidade da privação.” (p. 76). Enquanto tendência só pode ser medida indiretamente, excitação ou *arousal* pode ser medida através das atividades das estruturas cerebrais. A excitação foi definida como “... um energizador potencial que depende de operações num grupo de circunstâncias favoráveis.” (p. 96). Assim, para Zillman (1983), *arousal* não é uma energia universal de agressão, pois depende de circunstância favoráveis; nem energiza a agressão na mesma proporção da excitação, já que descobriu-se que as cognições são capazes de impedir ou modificar essas energizações.

Zillman (1983) sugere a existência de algumas condições que exercem controle na energização de comportamentos agressivos. Elas se dividem em condições

necessárias à energização e condições que a modificam. As condições necessárias dependem da instigação, assim não é provável que a agressividade seja energizada na falta de um estímulo provocador, de um estado de desconforto ou uma disposição para agredir. Dependem, também, da atribuição feita ao estado de excitação, quando é dirigida a fontes não relacionadas à provocação e desconforto é provável que a agressividade não seja energizada.

A modificação da energização tem como base o pressuposto de que quanto menor for o estado de excitação menor será o potencial para energizar o comportamento. A energização e, por conseguinte, a excitação são modificadas ou diminuídas quando se percebe a ameaça como pouco perigosa e quando são utilizadas atividades que impedem o uso de ofensas ou retaliação.

Porém, quando existem altos níveis de excitação, os processos cognitivos descritos acima não são capazes de diminuir ou modificar a energização, nestes casos os comportamentos resultantes serão a agressividade e a hostilidade impulsivas.

Zillman (1983) aponta para a necessidade de um maior refinamento nos estudos e nas pesquisas sobre que relacionam excitação e agressão. Principalmente, quando diz respeito à interdependência entre os processos cognitivos e de excitação no comportamento agressivo-impulsivo, que ainda é pouco entendido.

Tedeschi, Lindsfold e Rosenfeld (1985) apontam para o fato de que, em revisões posteriores sobre os estudos de excitação e agressividade, foi notado que a primeira é capaz de aumentar o grau de retaliação, mas não é capaz de levar uma pessoa a atacar vítimas inocentes indiscriminadamente.

Dentro da perspectiva comportamental há ainda um outro modelo que tenta explicar a agressividade: o Modelo de Neo-associação Cognitiva de Berkowitz (1990). Esse modelo é resultado de uma revisão da teoria original de Berkowitz (in Baron &

Richardson, 1994), onde o autor volta sua atenção à influência dos processos cognitivos e emocionais na agressividade em detrimento da ênfase dada anteriormente às dicas agressivas.

O modelo proposto por Berkowitz (1990) é um modelo cognitivista, onde a frustração ou qualquer outro estímulo aversivo leva a reações agressivas por criar um afeto negativo. E apenas a interpretação como raiva de uma experiência emocional irá criar a excitação das tendências agressivas.

O ponto comum de todos esses modelos comportamentais é a existência de uma energia agressiva que em determinadas situações irá eliciar o comportamento agressivo. A diferença entre esses modelos é o que causa o aparecimento dessa energia. Assim para Dollar, Doob, Miller e Sears (in Tedeschi, Lindskold & Rosenfeld, 1985) a frustração é responsável pelo surgimento dessa energia, para Zillman (1983) é a excitação, provocada pela ativação de determinadas áreas cerebrais, e para Berkowitz (1990), em seu modelo revisado, é a atribuição de afeto negativo a um evento o fator de estimulação de energias ou tendências agressivas.

Teoria da Aprendizagem Social e agressão

Para a Teoria da Aprendizagem Social, a agressão é um comportamento social adquirido e mantido de muitas formas, como a maioria dos comportamentos sociais. Dentro desse ponto de vista, Bandura (1983) propõe que a agressão é adquirida através de fatores biológicos e da aprendizagem através da experiência direta ou da observação de outras pessoas; e é instigada pela excitação, tendências ou dicas ambientais, pelo tratamento aversivo, por incentivos, instruções e crenças bizarras (delírios). Seu controle é feito através de recompensas ou punições, de reforçamento

vicariante (observar outras pessoas serem recompensadas ou punidas) e de mecanismos auto-reguladores, como a culpa.

Para essa teoria a agressão é um comportamento social que envolve habilidades complexas e requerem intensiva aprendizagem, ou seja, os homens não nascem sabendo agredir, eles têm que aprender. Porém, as pessoas são dotadas de mecanismos neuro-fisiológicos que as capacitam a agir agressivamente. E a ativação desses mecanismos depende da estimulação apropriada e está sujeita ao controle cognitivo. A frequência da agressão e a escolha de situações e objetos para a sua ocorrência são determinados, principalmente, pelos fatores de aprendizagem social.

Teoria do Poder Social e agressividade

A Teoria do Poder Social propõe que as pessoas ameaçam ou agredem como uma forma de obter a submissão de outras pessoas ou de represália ou retaliação a um fato anterior e o uso dessas ameaças e agressões é chamado de **poder coercitivo**.

Se o uso do poder coercitivo é justificável pelos observadores, ele não é percebido como agressão, mas como forma de defesa, correção ou instrução. Já, se é percebido como ilegal ou ilegítimo, tanto o comportamento quanto seu autor são rotulados de agressivos. (Tedeschi, Lindskold & Rosenfeld, 1985).

A Teoria do Poder Social considera inútil qualquer definição de agressividade, pois não é uma ação que torna um comportamento agressivo, mas a falta de justificativa para ela. Tedeschi (1983) afirma que as definições anteriores de agressividade sempre trazem embutidas um julgamento de valor e apenas a teoria do poder coercitivo é capaz de separar ações coercitivas dos rótulos dados a elas pelos observadores. Outro ponto importante dessa teoria é que seu foco principal, no estudo

da agressão, são as relações interpessoais em vez das motivações internas, como nas demais teorias.

Portanto, ela busca responder por que as pessoas usam ameaças e punições contra os outros e quais as fontes de legitimação que encorajam o uso de poder coercitivo. A primeira pergunta é respondida na própria definição de poder coercitivo, ou seja, na busca de obtenção de submissão e respeito das outras pessoas.

Em relação à segunda pergunta, a Teoria do Poder Social, propõe que as principais justificativas sociais para o uso do poder coercitivo estão relacionadas à auto-defesa e a norma de reciprocidade, ao não reconhecimento de autoridade, à busca de influência social, à autopromoção e manutenção da auto-estima e à falta de percepção de conseqüências. Essas justificativas serão descritas a seguir.

A auto-defesa enquanto justificativa para uso do poder coercitivo refere-se ao fato das pessoas considerarem legítimo o uso da violência e da agressão para se defenderem ou defenderem suas famílias e propriedades.

Já a norma de reciprocidade é bem expressa pelo ditado bíblico: “olho por olho, dente por dente”, ilustrando que a reciprocidade da retaliação deve ser proporcional à injúria sofrida. Porém, algumas vezes, é difícil determinar qual a quantidade de punição que seria justa a uma injúria recebida e, se esse julgamento é feito em meio a fortes emoções, pode levar a atos de extrema violência.

As pessoas também justificam o uso do poder coercitivo através da busca de reconhecimento ou recuperação de autoridade. Essa justificativa é utilizada, por exemplo, por pais que espancam seus filhos e explicam tal comportamento como uma tentativa de obtenção de respeito e controle das crianças, que são percebidas por eles como desobedientes e sem limites.

As pessoas fazem uso da coerção como um último recurso para obtenção de influência social ou, simplesmente, porque a coerção faz parte de seu estilo de busca de influência. O uso da coerção neste contexto tem como objetivo ganhar a submissão de alguém. Quando o uso de ameaça falha, as pessoas são compelidas a utilizar punição para evitar que a ameaça seja desvalorizada e as tentativas de influência subsequente se tornem menos efetivas.

O poder coercitivo também é utilizado para promover ou manter certas identidades positivas. Em algumas culturas, seu uso é valorizado como forma de expressão de uma personalidade forte ou de masculinidade. Assim, punir um ofensor é um modo de estabelecer sua superioridade, manter uma identidade considerada positiva e restaurar a auto-estima.

Porém, pessoas com pouca auto-estima podem utilizar ações extremas para obter atenção e respeito dos outros. Esse é o caso de crianças que se sentem rejeitadas pela família ou pelos colegas e que, quando agem agressivamente, recebem atenção, mesmo que ela venha de forma punitiva.

Já a capacidade de prever conseqüências indesejáveis ajuda as pessoas a resistirem à inclinação momentânea para ameaçar ou punir alguém. Esse impedimento pode ser removido se, devido a causas circunstanciais, a pessoa desprezar essas conseqüências. Isso acontece, normalmente, durante intensos conflitos emocionais, quando as pessoas estão focadas no presente, percebem a necessidade para exercer controle imediato e ignoram as necessidades e os direitos dos outros. Quanto mais uma pessoa é egocêntrica e orientada para o presente num conflito, menos ela levará em consideração as conseqüências do seu comportamento e fará maior uso de ameaça e punição. /

Outro fator importante para essa teoria é o fato de que um comportamento só é considerado agressivo se for atribuído a ele a intenção de ferir alguém e não for encontrada justificativa ou desculpa para sua ocorrência. Porém, existem relevantes conseqüências de ser rotulado como agressivo, pois essas pessoas receberão maiores níveis de retaliação e correm o risco de perder respeito ou poder social. Dessa forma, as pessoas são motivadas a oferecer justificativas para suas ações para não serem consideradas agressivas. A tendência, então, é ver os outros agindo de modo ofensivo, ilegítimo e agressivo, mas ver a si próprio comportando-se de forma defensiva, justificável e não-agressiva.

Em conclusão, a Teoria do Poder Social entende o termo agressão como subjetivo e dependente das atribuições e valores dos observadores da ação. Tedeschi, Lindskold e Rosenfeld (1985) consideram que a teoria do poder social ainda não tem sido tão testada empiricamente quanto as teorias biológicas e de aprendizagem social e que é pouco provável que uma simples abordagem possa explicar toda a amplitude do fenômeno, como visto pela Teoria do Poder Social. Esses autores sugerem, então, que se façam “combinações de fatores extraídos de cada uma das perspectivas usadas pelos psicólogos, que tentam entender a agressão humana, para a completa compreensão de tal comportamento” (p.245).

Portanto, esse trabalho não pretende seguir uma linha teórica específica, mas prefere entender a agressividade como um construto complexo, capaz de concentrar todas as teorias a seu respeito, em um conjunto de comportamentos, sentimentos, desejos e instintos interligados. A seguir, serão apresentados alguns componentes da agressividade que foram propostos por vários autores como fazendo parte desse construto.

2 - COMPONENTES DA AGRESSIVIDADE

A agressividade é um construto multidimensional. As pesquisas tanto de observação do comportamento e experimentais quanto as que utilizam instrumentos de auto-relato têm encontrado vários componentes para a agressividade. Tais componentes formam tipos de agressividade que foram classificados, para este trabalho, quanto a consequência, a motivação e a forma de externalização, visando um melhor entendimento de como eles se agrupam.

Quanto à consequência produzida, a agressividade pode ser classificada como severa ou moderada, dependendo do grau de dano ou injúria que causa. Essa classificação é encontrada principalmente em estudos sobre a agressividade de pessoas que cometeram crimes ou atos delinqüentes (Stets & Pirog-Good, 1990).

Quanto à motivação, a agressividade pode ser hostil (expressiva) ou instrumental. A agressividade hostil ou expressiva ocorre como uma forma de expressar raiva, é mais emocional e relacionada à perda de controle e, também, mais atribuída às mulheres. Já a agressividade instrumental ocorre com o objetivo de conseguir algumas recompensa material ou social e é mais característica dos homens (Baron & Richardson, 1994; Tedeschi, Lindskold & Rosenfeld, 1985).

Quanto à forma de externalização, a agressividade pode ser ativa ou passiva; direta ou indireta; expressa ou internalizada; verbal ou física. A agressividade passiva ocorre quando há omissão de uma ação, tal como, não prestar socorro ou não responder quando solicitado; inversamente, a agressividade ativa ocorre se a pessoa emite um comportamento agressivo, como bater em alguém, xingar, berrar etc. Essa divisão é apresentada por Maciel e Mettel (1985).

A agressividade é indireta quando não há confrontação direta com a vítima, ou seja, o agressor age indiretamente para causar o dano ou injúria. Um exemplo desse

tipo de agressão ocorre quando o agressor denigre a imagem de alguém a uma terceira pessoa. A agressividade direta é quando a confrontação ocorre “cara a cara”.

A agressividade ainda pode ser expressa através de comportamentos ou internalizada (represada). Quando internalizada refere-se ao potencial agressivo de uma pessoa ou ao sentimento de raiva ou irritação não expresso. O componente agressividade internalizada é encontrado com nomes, tais como raiva e hostilidade, nos fatores obtidos através de algumas medidas de agressão (Buss & Perry, 1992; Gladue, 1991).

Finalmente, a diferenciação que parece ser amplamente aceita por todos os pesquisadores, é entre agressividade verbal e física. Esses componentes têm grande comprovação científica e têm emergido como fatores diferenciados em muitas das medidas de agressividade. As pesquisas, também, mostram que esses componentes são correlacionados (Maciel & Mettel, 1985; Campbell, Muncer, Guy & Banin, 1996; Gladue, 1991; Harris, 1996; Buss & Perry, 1992; entre outros). A classificação de agressividade em verbal ou física decorre da sua forma de expressão, que pode-se dar através do uso da linguagem (xingar, berrar, dizer palavras obscenas, etc.), ou através do contato físico (bater, empurrar, chutar, e outros comportamentos agressivos que ferem o corpo de alguém).

Buss e Perry (1992) propõem que os componentes da agressividade sejam divididos em instrumental ou motor (a agressividade verbal e física), emocional ou afetivo (raiva, que envolve uma excitação psicológica ou preparação para a agressividade) e cognitivo (hostilidade que consiste do sentimento de maldade e injustiça). Essa diferenciação refere-se aos fatores encontrados por eles em um instrumento de medida da agressividade./



Os tipos de agressividade sofrem influência de certas características pessoais do agressor ou da vítima. Algumas dessas influências serão descritas abaixo.

3 - DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA AGRESSÃO

A literatura científica sobre agressividade mostra que características individuais, tais como o sexo, a idade, tipos de personalidade, raça, tipo de cultura entre outras, interferem na agressão humana.

Entre essas características as diferenças de gênero são as mais proeminentes. A maioria dos pesquisadores concordam que os homens são em geral mais agressivos do que as mulheres (Ellis, Hoffman & Burke, 1990; Zainuddin & Taluja, 1990; Hier, Korboot & Schweitzer, 1990; Harman, Klopff & Ishii, 1990; McIntyre, 1990; Bettencout & Miller, 1996; Harris, 1996; Gladue, 1991; Eagly & Steffen, 1986; Campbell, Muncer, Guy & Banim, 1996). Mas, como bem salientado por Gladue (1991), essa diferença não significa que as mulheres não sejam capazes de agredir; ao contrário, elas agredem, porém de forma diversa e em menor grau que os homens.

Muitos estudos têm mostrado que essas diferenças na agressividade devidas ao sexo não é apenas quantitativa, mas também qualitativa. Assim, as diferenças estão relacionadas aos vários tipos de agressão.

Gladue (1991) analisou, para cada sexo, separadamente, os dados de um inventário de agressividade. Além de ter verificado que os homens obtiveram maiores escores de agressividade em 3 dos 4 fatores do inventário (as mulheres tiveram maiores escores apenas no fator Fuga), a ordem dos fatores foi diferente entre homens e mulheres, demonstrando a diferença qualitativa da agressividade entre os sexos.

Assim a agressividade verbal e a provocação são mais comuns entre as mulheres. Já para os homens as formas de agressividade física e verbal são mais

importantes; sendo que enquanto a agressividade física para os homens explicou 32,6% da variância no inventário, para as mulheres explicou apenas 5,6%.

Harris (1996), em uma pesquisa sobre a relação entre etnia, gênero, idade e agressividade, encontrou que as diferenças entre os sexos foram menos salientes na agressividade verbal e hostilidade em relação às diferenças na agressividade física.

Os resultados de Buss e Perry (1992) mostram, igualmente à pesquisa de Harris (1996), que os homens obtiveram maiores escores totais que as mulheres no “*Aggression Questionnaire*” (Buss e Perry, 1992). Porém, nos resultados para cada fator, descobriu-se que: “os homens são muito mais agressivos fisicamente que as mulheres, mais agressivos verbalmente e só um pouco mais hostis.” (p.457). Esses autores discutem seus resultados inferindo que as mulheres sentem a mesma raiva que os homens, porém expressam menos essa raiva através da agressividade instrumental.

Em um estudo de observação do comportamento, com crianças brasileiras de idade variando entre 2 e 5 anos, Maciel e Mettel (1985) também encontraram que os meninos são mais agressivos, porém essa diferença não é tão clara quando as categorias de agressividade estudadas são analisadas individualmente.

Campbell, Muncer, Guy e Banim (1996), estudando a representação social da agressão para homens e mulheres, obtiveram resultados que demonstraram as diferenças sexuais na agressividade e concluíram que a agressão para as mulheres está mais relacionada à perda do auto-controle enquanto que para os homens a uma imposição social de domínio sobre os outros.

Baron e Richardson (1994) oferecem uma boa síntese dos principais resultados de pesquisas sobre as diferenças sexuais na agressividade e concluem que:

- Em geral, os homens são mais agressivos que as mulheres;

- Os homens utilizam mais a agressão física;
- As diferenças na agressividade relacionadas ao sexo é maior quando existe provocação e na agressividade física;
- Os homens sentem menos culpa e ansiedade quando são agressivos que as mulheres. Elas se preocupam mais com as conseqüências de seu comportamento;
- As mulheres percebem a agressividade de forma expressiva, ou seja, um modo de externalizar a raiva e o estresse. Já os homens mantêm uma visão instrumental da agressividade, ou seja, utilizam-na para conseguir recompensas materiais ou sociais;
- Os homens empregam mais formas diretas de agressividade enquanto as mulheres preferem as formas indiretas;
- As mulheres são menos vítimas de atos agressivos que os homens, excetuando-se a agressão doméstica e a sexual.

Em oposição às diferenças de sexo na agressão, que são extremamente estudadas e pesquisadas, a influência da idade nesse comportamento não tem despertado o mesmo interesse nos pesquisadores da área. Mesmo assim, alguns resultados de pesquisas realizadas sobre o assunto sugerem que pessoas mais velhas são menos agressivas que pessoas mais novas, ou seja, a agressão possui correlação negativa com a idade (Harris, 1996; Maciel & Mettel, 1985). Já outras pesquisas não encontraram diferenças na agressão devidas à idade dos sujeitos (Boulton, 1996).

Em outras, principalmente nas pesquisas longitudinais, encontrou-se que a agressividade é consistente no tempo, ou seja, pessoas que foram avaliadas como

agressivas quando mais jovens tendem manter esse mesmo padrão em fases posteriores de suas vidas (Botha & Mels, 1990; Cole, Terry, Lenox & Lochman, 1995; Brook, Whiteman & Finch, 1992). Porém, uma outra pesquisa, utilizando técnicas projetivas, mostrou que a agressividade aumenta na adolescência (Uhinki, Mattlar, Sandahl & Vesala, 1990).

As pesquisas acima apontam resultados contraditórios sobre a influência do aumento da idade no grau de agressão dos seres humanos, demonstrando a necessidade de melhores investigações sobre a relação entre essas variáveis.

4 - MEDIDAS DE AGRESSIVIDADE

Muitos instrumentos foram elaborados com o propósito de medir várias formas de agressividade. Aqui serão descrito apenas alguns desses instrumentos, tomando-se por critério aqueles elaborados mais recentemente.

Uma dessas medidas é o “*Aggression Questionnaire*” de Buss e Perry (1992), que foi elaborado a partir de um inventário de hostilidade desenvolvido por Buss e Durkee em 1957 (in Buss e Perry, 1992). O “*Aggression Questionnaire*” possui 29 itens respondidos através de uma escala de 5 pontos que avaliam quatro fatores de agressividade: agressividade verbal, agressividade física, raiva e hostilidade. Esses fatores tiveram, respectivamente, os seguintes índices de consistência interna: 0,72, 0,85, 0,83 e 0,77; a consistência interna dos escores totais foi de 0,89.

Os autores encontraram correlação entre agressividade física, verbal e raiva e entre raiva e hostilidade. A correlação deste questionário com outros traços de personalidade mostrou que suas escalas estão correlacionadas positivamente com impulsividade, assertividade e competitividade e que o fator hostilidade também está

correlacionado positivamente com autoconsciência pública e negativamente com auto-estima.

Gladue em 1991 adaptou um inventário para medir a agressão de adolescentes para utilização com adultos, esse inventário foi chamado de “*Aggression Inventory*” e possui 28 itens respondidos através de uma escala de 5 pontos que medem quatro tipos de agressividade: a agressividade física, verbal, impulsividade e fuga, com os respectivos índices de consistência interna 0,82, 0,81, 0,80 e 0,65.

Um outro questionário de agressividade foi desenvolvido por Campbell e colaboradores em 1992 (in Campbell, Muncer, Guy e Banin, 1994) e foi denominado “Expagg” (abreviação de agressividade expressa). O “Expagg” possui 20 itens de escolha forçada abrangendo oito áreas de orientação para a agressão: objetivo, forma, causa, emoção, cognição, valor social, gerenciamento da reputação e preferência por localização pública ou privada. Seu resultado é avaliado na direção de uma representação expressiva da agressividade. Sua precisão variou entre 0,75 e 0,83 e a análise fatorial indicou a existência de um fator com cargas significativas em todos os itens. Esse instrumento mede, principalmente, a representação social da agressão e o construto agressividade em si.

Baron e Richardson (1994) revisaram outras cinco medidas de raiva, hostilidade e agressão, apesar dessas medidas serem mais antigas, considera-se importante mencioná-las aqui, pois ainda são utilizadas ou passaram por revisões nos últimos anos:

- *Anger Expression Scale* de Spielberger, Johnson, Russell, Crane, Jacobs e Wonder elaborada em 1985, possui duas sub-escalas, a *anger in* que indica a supressão da expressão de raiva e a *anger out* que mede a expressão da raiva. A escala possui boa consistência interna (alfa variando de 0,73 a 0,84) e a sua validade foi demonstrada

através da relação com estilos de *coping* para raiva, outras medidas de raiva e personalidade.

- *Cook and Medley Hostility Scale* foi elaborada em 1954 e faz parte de uma bateria de testes utilizada para medir a atitude de professores e foi constituída por itens selecionados do *Minnesota Multiphasic Personality Inventory* (MMPI). Demonstra boa estabilidade, com correlação teste-reteste igual a 0,86. Mas apresenta poucas evidências de validade (Smith, Sanders e Alexander, 1990).

- *Manifest Hostility Scale* desenvolvida por Siegel em 1956, é constituída por itens do MMPI selecionados por psicólogos clínicos e visa medir a hostilidade sem mencioná-la explicitamente em seus itens. A consistência interna é boa ($r^2 = 0,84$), porém vários estudos não encontraram indícios de sua validade.

- *Overcontrolled Hostility Scale*, construída por Megargee, Cook e Mendelsohn em 1967 para identificar pessoas que reprimem suas expressões da agressividade, mas que provavelmente agem com extrema violência quando provocados. A escala possui baixa consistência interna (Kuder-Richardson 21 = 0,56), muitos estudos sobre sua validade foram realizados e demonstraram que a escala é capaz de discriminar entre grupos violentos e não-violentos e está correlacionada com medidas de controle, agressão e alienação social.

Todas essas medidas foram elaboradas para o padrão sócio-cultural americano e apesar de algumas possuírem bons padrões psicométricos, podem apresentar obstáculos ao serem transpostas para a cultura brasileira devido à própria característica dos construtos medidos, que são muito influenciados por fatores culturais. Um desses obstáculos é o uso de expressões idiomáticas nos itens desses instrumentos, que dificultam sua tradução e validação semântica com a manutenção de seus sentidos exatos.

Um questionário brasileiro para medir a agressividade foi elaborado por Rocha (1981) com o propósito de comparar crianças com e sem história de delinquência. O questionário possui 20 itens que são respondidos através de escala tipo Likert de 7 pontos. Porém, a autora não realizou nenhum teste psicométrico visando verificar a qualidade da escala e seus itens utilizam grande quantidade de gírias e expressões características da Região Sul do país onde os dados foram colhidos (tais como trilegal, biabas, sacanagem, tirar sarro, ralar etc.), o que impede seu uso em outras regiões e geram insegurança em relação à sua qualidade psicométrica.

Portanto, julga-se necessário a construção de um instrumento brasileiro para medir a agressividade, observando-se todos os requisitos necessários para a comprovação da qualidade psicométrica de um instrumento de medida psicológica, visando, assim, facilitar as pesquisas na área.

5 - RELAÇÃO ENTRE AGRESSIVIDADE E ASSERTIVIDADE

Atualmente utilizar comportamentos assertivos pode ser bastante útil para lidar com o aumento da competitividade e com a necessidade de buscar melhores condições de sobrevivência e sucesso, sem o uso indesejado da agressividade. Assim, espera-se, que desde criança, as pessoas sejam capazes de se comportar de forma assertiva. No entanto, muitos desses comportamentos acabam se transformando em agressividade ou são percebidos como tal. A separação entre comportamentos assertivos e agressivos é tênue, levando pais e educadores a confundi-los.

A diferenciação entre comportamentos assertivos e agressivos tem sido bastante estudada pelos psicólogos sociais, havendo um certo consenso de que a assertividade é mais socialmente aceita que a agressividade. Assim, levando-se em conta as teorias de agressividade e assertividade, é possível supor que comportamentos

considerados assertivos são mais adaptativos e valorizados pela sociedade, acontecendo ao contrário para aqueles considerados agressivos, que são mais prováveis de serem punidos e condenados.

Epstein (1980), com o objetivo de testar as diferenças das conseqüências sociais de comportamentos assertivos e não-assertivos (agressão e submissão) obteve resultados de que a submissão produz conseqüências mais positivas que a asserção e esta mais que a agressão.

De Man e Green (1988) encontraram fortes indícios de que a agressão está relacionada com a extroversão e locus de controle interno, enquanto a assertividade está relacionada à estabilidade quando oposição à neurose.

Para Hollandsworth (1977) a agressão, entendida como um comportamento interpessoal aprendido, é "...uma resposta que causa um estímulo aversivo a outro organismo." (p.348). Assim, o uso da ameaça e da punição são considerados comportamentos agressivos e coercitivos, o comportamento assertivo não envolve coerção. Porém a assertividade pode ser confundida com a agressividade pelas pessoas que recebem a ação.

Em um outro estudo, Tanner e Holliman (1988) descobriram que crianças que passaram por treino de habilidades sociais, entre elas assertividade, tiveram um aumento na freqüência de comportamentos cooperativos e um decréscimo da freqüência da agressão física em uma das situações estudadas.

Stefank e Eisler (1983) corroboraram a hipótese de que indivíduos assertivos são mais hábeis para discriminar respostas assertivas de agressivas ou não-assertivas em várias situações. Hull e Schroeder (1979 in Stefank & Eisler, 1983) descobriram que não-assertividade é geralmente avaliada e respondida positivamente pelos outros,

mas não resulta na realização de ganhos imediatos. No entanto, apesar dos comportamentos assertivos serem avaliados mais positivamente que os agressivos, eles são uma atribuição negativa. Woolfolk e Dever (1979 in Stefank & Eisler, 1983), comparando a percepção de quatro tipos de respostas de recusa (não-assertiva, agressiva, assertiva e assertiva mais consideração), concluíram que a resposta assertiva e a assertiva mais consideração são padronizadas como mais polida, menos neurótica, menos hostil, mais satisfatória que a agressividade e mais apropriada que a submissão. Sendo que respostas assertivas mais consideração, termo proposto e definido por Rakos (in Bruch, McCann & Harvey, 1991), é a "...expressão direta de um sentimento mais incorporação de alguma das seguintes referências: a) prover uma explanação breve e honesta da ação de alguém; b) reconhecer os sentimentos dos outros; e c) procurar um compromisso agradável quando legitima certos conflitos."(p.437).

Pasquali e Gouveia (1990) sugerem que os construtos assertividade e agressividade fazem parte de um mesmo contínuo onde a assertividade encontra-se no pólo positivo e a agressividade no negativo. Mas ainda faltam estudos que comprovem esta suposição.

Buss e Perry (1992) correlacionaram os fatores do seu questionário de agressão com outros traços de personalidade e encontraram que todas os fatores (agressividade física, verbal, raiva e hostilidade) estavam correlacionados positivamente com a assertividade. A correlação dos escores totais no questionário com a assertividade foi 0,43, sendo que as maiores correlações foram com os fatores agressividade verbal ($r^2 = .49$) e raiva ($r^2 = .40$).

Essas pesquisas mostram fortes indícios da existência de uma relação entre agressividade e assertividade, sugerindo que pessoas que são mais agressivas

provavelmente também são mais assertivas. Porém, parece haver, ainda, um certo desconhecimento da população em geral sobre a diferenciação entre esses construtos, principalmente na população brasileira, onde a palavra assertividade é um conceito relativamente novo e que sequer pode ser encontrado nos principais dicionários de sinônimos como no Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1986).

Essa falta de entendimento da assertividade na cultura brasileira pode estar relacionada ao fato dos brasileiros serem menos competitivos que os americanos. No Brasil, impera a regra de cordialidade nas relações interpessoais, sendo preferido o sacrifício pessoal à confrontação direta. Assim, a maioria dos brasileiros não sabe ser assertiva: ou é agressiva ou, então, é submissa. Mas com a escassez de recursos e em consequência o aumento da competição no mundo, as pessoas, inclusive os brasileiros, deverão aprender a serem mais assertivos para não serem rotulados de agressivos, já que, atualmente, pouco se consegue com comportamentos submissos ou passivos.

6 - A ASSERTIVIDADE

As pesquisas sobre assertividade tiveram seu auge entre as décadas de 70 e 80. Nesses anos alguns problemas sobre conceitualização do termo já eram discutidos, tendo-se como exemplo, os problemas apresentados por MacFall e Marstos (1970) relativos à pesquisa na área: 1) a falta de definição adequada ou específica da classe de respostas de comportamento assertivo; 2) a não identificação dos componentes da assertividade; 3) os procedimentos para o treino da assertividade nos indivíduos eram complexos, não sistemáticos e não padronizados e 4) as medidas na vida real do comportamento assertivo não foram desenvolvidas.

Apesar das pesquisas terem avançado as discussões sobre o assunto, ainda hoje alguns desses problemas continuam esperando por soluções mais adequadas e um certo consenso entre os estudiosos do tema. Várias causas para essas dificuldades teóricas e empíricas podem ser inferidas, como a rápida diminuição das pesquisas nos anos mais recentes que não acompanharam o desenvolvimento da Psicologia Social; a paralisia em torno de linhas teóricas divergentes, e ainda a centralização das pesquisas no treino de assertividade e sua eficácia mesmo antes do desenvolvimento de teorias mais sólidas sobre o assunto.

Rich e Schroeder (1976) fizeram uma revisão sobre treino de assertividade onde discutem definições de assertividade propostas por outros autores. E concluíram que há necessidade de definir operacionalmente o construto, pois apenas a definição operacional o dotaria de utilidade científica. Dessa forma propõem a seguinte definição de assertividade: "...habilidade para buscar, manter ou fortalecer reforçamento numa interação interpessoal na expressão direta de sentimentos ou desejos quando tal expressão arrisca perda do reforçamento ou punição" (p.1082).

Essa definição mostra-se simplista uma vez que ao reduzir o construto assertividade a comportamentos deixam de considerar questões sobre o que leva as pessoas a serem mais assertivas que outras e quais os elementos que fazem parte do comportamento assertivo. Essa definição enfoca principalmente as possíveis conseqüências de se agir de forma assertiva e não deixa claro quais são os comportamentos que podem ser considerados assertivos.

Outra definição é apresentada por Bakker et. al. (1978 in De Man e Green, 1988) na qual "o termo assertividade refere-se a defesa, respostas comportamentais visando proteger territórios estabelecidos e privilégios, e iniciar comportamentos para

aumentar seu território ou status”(p. 672). Novamente esta definição de base biológica mostra-se pouco esclarecedora para o entendimento do construto assertividade, já que ela, também, pode ser utilizada para definir a agressividade e outros comportamentos não assertivos.

Para Tanner e Holliman (1988) comportamentos assertivos “...não são agressivos e são considerados métodos mais aceitáveis de procedimentos em situações interpessoais de frustração” (p. 39). Neste caso, deu-se mais ênfase à diferenciação entre assertividade e agressividade; e os autores deixaram de apresentar uma definição específica para o construto em questão.

Já para Hollandsworth (1977) “uma resposta assertiva é definida como uma expressão direta verbal ou não-verbal dos sentimentos, necessidades, preferências ou opiniões. Cada resposta é vista como a emissão de um comportamento aprendido numa situação interpessoal específica” (p.348). Esta definição caracteriza-se por apresentar a visão comportamental da assertividade, porém gera confusão com comportamentos agressivos, já que as pessoas, também, expressam seus sentimentos, necessidades, preferências ou opiniões de forma agressiva.

O conceito proposto por Pasquali e Gouveia (1990), após analisar outras definições de assertividade e fazer uma combinação entre elas, parece ser o mais completo e adequado no momento. Esses pesquisadores consideram assertividade uma habilidade multivariada e utilizam grupos de comportamentos para descrevê-la, facilitando assim sua utilidade tanto na pesquisa quanto no treino de assertividade. Assim, para Pasquali e Gouveia (1990) “assertividade é uma habilidade multivariada, que ocorre em situações de interação interpessoal, caracterizando-se por comportamentos que expressam a capacidade de um sujeito de: 1) discordar de outros

(dizer não); 2) auto-afirmar-se; 3) pedir e fazer exigências sem constrangimentos; e 4) expressar livremente qualquer sentimento, seja positivo ou negativo” (p.235). Porém, mais uma vez, essa capacidade pode ser expressa por comportamentos agressivos em vez de assertivos.

Considerando assertividade uma habilidade multivariada recorreu-se à literatura científica da área visando conhecer os fatores atribuídos a este construto pelos demais pesquisadores. A Tabela 1 do Anexo I resume as principais conceitos e componentes atribuídos à assertividade por essa literatura.

As definições de assertividade revelam a dificuldade em diferenciá-la da agressividade, sugerindo uma grande proximidade teórica entre os dois construtos. Tal dificuldade reflete o fato desses construtos serem percebidos de forma semelhante, sendo que as pessoas em geral atribuem a ambos valores negativos, característicos da agressividade. Assim, pode-se inferir que comportamentos assertivos e agressivos fazem parte de um construto mais amplo, como proposto por Pasquali e Gouveia (1990), ou seja, eles são lados opostos de um mesmo contínuo. Agora serão apresentadas algumas características individuais que afetam a assertividade e alguns instrumentos elaborados para medi-la.

7 - DIFERENÇAS INDIVIDUAIS NA ASSERTIVIDADE.

A assertividade pode ser afetada por diversos fatores, porém este trabalho está mais interessado naquelas diferenças relativas ao sexo e a idade dos indivíduos.

A literatura científica aponta que, de forma geral, os homens são mais assertivos do que as mulheres. E que os comportamento assertivos são mais valorizados socialmente quando emitidos por homens do que quando emitidos por mulheres (Nex, Lohr & Stauffacher, 1980; Thompson & Klopff, 1991; Deluty, 1985).

Mas pouco se tem investigado sobre a influência da idade nos comportamentos assertivos. Um estudo com crianças jovens desenvolvido por Duveen, Loyd e Smith (1988), que teve como objetivo estudar o comportamento social de crianças entre 37 e 42 meses comparado ao de crianças entre 43 e 48 meses e encontrou uma tendência para que as crianças mais velhas fossem mais assertivas. O fato dos autores terem encontrado apenas uma tendência pode ser justificado pela pouca diferença entre as faixas de idade estudadas.

Em um estudo anterior, Loyd e Smith (1986) observaram o comportamento social de crianças entre 19 e 42 meses e encontraram um importante efeito de interação entre a idade e o sexo dos sujeitos, demonstrando que as garotas agiram mais assertivamente que os garotos nos grupos de crianças mais novas e que os garotos são mais assertivos que as garotas nos grupos de crianças mais velhas. Os autores justificaram esses resultados pelas características do desenvolvimento de homens e mulheres, no qual as garotas tornam-se precocemente conscientes de seus papéis sexuais em relação aos garotos, levando-as a amenizar sua assertividade verbal.

Porém esses estudos foram realizados através da observação do comportamento de poucas crianças, o que impossibilita a generalização de seus resultados.

Deluty (1985) observou o comportamento de crianças em idade escolar (3ª e 5ª séries), e encontrou que com o aumento da escolaridade diminuía a assertividade dessas crianças. O resultado inverso foi encontrado por Lo Presto e Deluty (1987), que replicaram a pesquisa para adolescentes (15 à 17 anos); neste estudo estudantes da 11ª série obtiveram escores de assertividade significativamente maiores que estudantes da 10ª série. Os autores sugeriram que outros estudos sejam realizados visando verificar

se essas diferenças no nível de escolaridade refletem a mudança do desenvolvimento entre as amostras dos dois estudos.

Em resumo, essas pesquisas mostram que para crianças novas existe uma diferenciação nas mudanças na assertividade devido à idade entre os sexos, sendo que a assertividade das meninas diminui com o aumento da idade e nos meninos ela aumenta com o passar do tempo. É possível que exista também um aumento significativo da assertividade na adolescência, devido às características próprias dessa fase do desenvolvimento. Podendo-se, assim, inferir que, homens e mulheres, são mais assertivos na adolescência em relação à infância e à velhice. Mas, ainda faltam pesquisas que comprovem o aumento da assertividade nessa fase do desenvolvimento.

Existe controvérsia em relação à percepção da assertividade de homens e mulheres. Pois, apesar de ser hipotetizado pelos especialistas que mulheres assertivas provocariam mais respostas negativas que homens assertivos, devido aos estereótipos tradicionais dos papéis sexuais, as pesquisas ainda não conseguiram comprovar tal hipótese.

Kern, Cavell e Beck (1985) revisaram 14 pesquisas sobre esse assunto e encontraram que 3 suportavam a hipótese da diferença na percepção da assertividade de homens e mulheres; 10 não encontraram diferenças significativas entre gênero e percepção de comportamentos assertivos; e apenas uma encontrou que mulheres assertivas foram avaliadas mais positivamente que homens assertivos. Os autores afirmaram que as diferenças metodológicas entre esses estudos não permitiam que eles fossem comparados um com os outros. E propuseram que a assertividade deveria ser melhor predita pela orientação do papel sexual que pelo gênero em si. Em sua pesquisa esses autores encontraram que somente as pessoas com atitude conservadora em

relação ao papel da mulher na sociedade desvalorizaram a assertividade de modelos femininos.

A pesquisa de Kern, Cavell e Beck (1985) reforça a literatura científica que justifica o fato dos homens serem mais assertivos que as mulheres devido aos papéis masculinos e femininos da sociedade.

Tucker (1991) comparou a assertividade, avaliada através da *Schedule for Assessing Assertive Behavior*, com as categorias do *Myers-Briggs Type Indicator* e verificou que a extroversão está relacionada com a assertividade apenas em mulheres, enquanto a categoria pensamento-sentimento está correlacionada com a assertividade em ambos os sexos, sendo que pessoas emotivas tendem a ser menos assertivas que pessoas racionais. O autor conclui que “homens introvertidos na cultura ocidental têm aprendido a conter sua tendência natural para não ser assertivo e assim adotar um papel masculino, já a sensibilidade deve ser mais fácil de disfarçar que a introversão e então escapar às sanções negativas do grupo: homens emotivos não aprendem a conter suas tendências de não serem assertivos tão prontamente” (p. 575).

Dessas pesquisas pode-se deduzir que as diferenças da assertividade devidas ao sexo são tanto quantitativas quanto qualitativas, ou seja, os homens expressam mais a assertividade que as mulheres, porém as mulheres são mais prováveis de agirem assertivamente em determinadas situações e os homens em outras, e a assertividade está relacionada a traços de personalidade diferentes para homens e mulheres. Sendo que os autores parecem concordar que a percepção da assertividade de homens e mulheres sofre influência de estereótipos dos papéis sexuais, levando as mulheres a serem mais tímidas na expressão da assertividade que os homens.

8 - MEDIDAS DE ASSERTIVIDADE

O estudo da assertividade traz consigo a necessidade de elaboração de bons instrumentos de medida para avaliar esse construto psicológico. Vários instrumentos já foram desenvolvidos, mas a maioria apresenta problemas de validade ou ainda não foram adaptados à cultura brasileira. Alguns desses instrumentos serão descritos abaixo.

Galassi e Galassi (1974) desenvolveram o *College Self-Expression Scale* para medir assertividade de estudantes. O instrumento possui 50 itens de auto-avaliação e mede três aspectos da assertividade: a positiva, a negativa e a de autodano. Os dados de validade apresentaram uma correlação positiva e significativa com os seguintes adjetivos do *Check List Scale*: defensivo, favorável, autoconfiança, empreendedor, dominante, heterossexual, exibição e autonomia. E correlação negativa com não-favorável, deferência, submissão, maternagem. Os coeficientes de precisão de teste-reteste foram de 0,89 e 0,90. Apesar de apresentar dados razoáveis de validade e precisão, a escala mede somente a expressão de sentimentos e a preocupação com os sentimentos dos outros, o que parece ser apenas uma parte da assertividade.

Eskin (1995) validou uma escala de assertividade denominada de *Scale for Interpersonal Behavior* - SIB (Arrindell, Sanderman, Hageman, Pickersgill, et al., 1990 in Eskin, 1995). A SIB é uma medida multidimensional de 50 itens do comportamento assertivo, que é respondida por uma escala tipo Likert de 5 pontos relativa à frequência em que se engaja em um comportamento assertivo específico. Na validação da SIB feita por Eskin (1995) foram encontrados quatro fatores de assertividade: expressão de sentimento negativo, expressão e formas de lidar com limitação pessoal, iniciar assertividade e asserção positiva. Porém, nas traduções da

escala, realizada por esse autor os índices de consistência interna foram baixos nos fatores limitação pessoal, asserção positiva e expressão de sentimentos negativos (Alfas iguais a 0,68, 0,75 e 0,68, respectivamente).

A *Schedule for Assessing Assertive Behavior - RAS* elaborada por Rathus (1973) possui 30 itens baseados nas escalas de Wolpe (1969 in Rathus, 1973), Wolpe e Lazarus (1966 in Rathus, 1973) e de Guilford e Zimmerman (1956 in Rathus, 1973). A precisão de teste-reteste indicou moderada estabilidade e homogeneidade (0,78 e 0,77). Os coeficientes de validade foram altos e ela ganhou uma adaptação brasileira realizada por Pasquali e Gouveia (1990).

A análise fatorial da adaptação brasileira do RAS demonstrou a presença de um grande fator, denominado por Pasquali e Gouveia (1990) de inibição *versus* desinibição, e de dois fatores menores que apareceram com poucos itens e com cargas fatoriais fracas para serem considerados fatores definitivos no contexto do RAS. A precisão encontrada para o fator inibição *versus* desinibição foi de 0,80 (Alfa de Cronbach). Portanto os autores concluem que "... a RAS composta de 20 itens se constitui num instrumento válido e preciso para avaliar assertividade quando ela implica interação direta com outras pessoas. Há que ressaltar, entretanto, que este aspecto parece não cobrir toda a gama do conceito assertividade" (p.244 e 245).

O *Gambrill-Richey Assertion Inventory* (Gambrill e Richey, 1975), é um instrumento de assertividade bastante amplo, devido ao seu potencial para diagnosticar e diferenciar indivíduos assertivos de não-assertivos, tanto em relação a comportamentos expressos adequadamente quanto àqueles expressos com dificuldades e mal estar, pois coleta três tipos de informações sobre a assertividade: 1) grau de desconforto em relação a uma situação específica; 2) a probabilidade do indivíduo

engajar no comportamento; e 3) identificação da situação na qual o indivíduo gostaria de ser mais assertivo.

A análise fatorial dos escores da escala grau de desconforto do *Gambrill-Richey Assertion Inventory* encontrou os onze fatores abaixo (Gambrill e Richey, 1975): *Iniciar interações, confronto com outros, dar feedback negativo, responder a críticas, recusar pedidos, lidar com situações de trabalho, resistir a pressão de mudar de idéia, engajar numa conversa alegre, cumprimentar alguém, admitir deficiência pessoal, lidar com situação preocupante.*

A grande quantidade de fatores encontrada, segundo os autores, deve-se à especificidade situacional do comportamento assertivo. A precisão teste-reteste para o inventário foi alta (com 0,87 para desconforto e 0,81 para probabilidade de resposta).

Wills, Botvin e Baker (1989) realizaram, com uma amostra de estudantes adolescentes uma análise fatorial de uma versão modificada do *Gambrill-Richey Assertion Inventory* e encontraram 3 dimensões independentes do comportamento assertivo: assertividade geral, assertividade social e assertividade ao uso de drogas. Como esse estudo utilizou uma versão modificada do inventário não é possível uma comparação precisa de seus resultados com os do inventário original.

9 - OBJETIVOS

Devido a falta de boas medidas brasileiras para avaliar a agressividade e a assertividade, como discutido anteriormente, este trabalho tentará propor instrumentos de qualidade capazes de medir a agressividade e a assertividade em uma amostra de estudantes brasileiros. As estruturas fatoriais desses instrumentos também serão verificadas. O trabalho, ainda, tentará esclarecer se os construtos agressividade e assertividade estão relacionados para esta amostra, conforme observado em outras pesquisas e se são influenciados, da mesma forma que em estudos americanos, pelas variáveis sexo e idade.

Assim, foram definidos 5 objetivos específicos a serem alcançados:

- 1- Adaptar e validar o Inventário de Assertividade de Gambrill e Richey (*Gambrill e Richey Assertion Inventory*, 1975 - GRAI) para a população brasileira;
- 2 - Construir e validar uma escala para medir a agressividade;
- 3 - Verificar a estrutura fatorial dos instrumentos acima;
- 4 - Estudar a relação entre agressividade e assertividade; e
- 5 - Verificar as diferenças na agressividade e assertividade em razão de sexo, idade e tipo de escola. A variável tipo de escola (particular ou pública) foi acrescentada à pesquisa por proporcionar informações que possam ser úteis às escolas pesquisadas.

Essa pesquisa será dividida em duas partes. A primeira parte irá tratar dos objetivos 1, 2 e 3, que serão alcançados através da teoria psicométrica, e será denominada “As Escalas de Agressividade e Assertividade”. A segunda parte compreenderá os objetivos 4 e 5, utilizará teste de hipóteses e será denominada “Estudo de Hipóteses”.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

Como os objetivos desse trabalho compreendem dois estudos independentes (validação de escalas e estudo de hipóteses) a metodologia e os resultados da pesquisa, também, serão divididos em duas partes, uma para validação dos instrumentos e outra para o estudo de hipóteses. A amostra, os procedimentos e os instrumentos descritos abaixo serão os mesmos para as duas partes.

I - AMOSTRA

A amostra foi constituída de 660 sujeitos, de ambos os sexos, sendo que 543 eram estudantes do I e II grau de escolas públicas e particulares do Distrito Federal e 115 de estudantes universitários, dos quais 14 já eram formados. As tabelas II.1, II.2 e II.3 descrevem esses sujeitos.

Tabela II.1: Frequência e porcentagem de sujeitos por *sexo*

Sexo	Frequência	Porcentagem	% acumulada
Masculino	262	39,7	39,7
Feminino	398	60,3	100
Não respondeu	-	-	-
Total	660	100,0	100,0

Pela Tabela II.1 nota-se que a amostra era constituída de uma quantidade um pouco maior de sujeitos do sexo feminino (60,3%) em relação aos sujeitos do sexo masculino.

A grande maioria dos sujeitos tinham idades entre 14 e 18 anos (70,6%), sendo que as idades de 16, 17 e 18 foram as mais freqüentes (111, 131 e 133 sujeitos, respectivamente). Cinco sujeitos não responderam a essa questão. A idade média da amostra foi 18,04 anos com desvio padrão de 3,04. Assim, conclui-se que a amostra é

formada em sua maioria por sujeitos jovens. A Tabela II.2 descreve os sujeitos em relação à escolaridade.

Tabela II.2: Frequência e porcentagem de sujeitos por *escolaridade*

Escolaridade:	Frequência	Porcentagem	% acumulada
8ª série do I grau	13	2,0	2,0
1º ano do II grau	242	36,7	38,7
2º ano do II grau	141	21,4	60,1
3º ano do II grau	147	22,3	82,4
Superior incompleto	101	15,3	97,7
Superior completo	14	2,1	99,8
Não responderam	2	0,3	100,0
Total	660	100,0	100,0

A Tabela II.2 mostra que a maioria dos sujeitos estava cursando o segundo grau (82,2 %) seguidos dos estudantes universitários sem curso superior (15,3%). Os estudantes do primeiro grau e os estudantes com curso superior completo foram minoria (4,1%). Somente dois sujeitos não responderam sobre sua escolaridade. A Tabela II.3 descreve a distribuição dos sujeitos por tipo de escola, ou seja, se provinham da rede pública ou particular de ensino.

Tabela II.3: Frequência e porcentagem de sujeitos por *tipo de escola*

Tipo de Escola:	Frequência	Porcentagem	% acumulada
Pública	405	61,4	61,4
Particular	254	38,5	99,9
Não respondeu	1	0,1	100,0
Total	660	100,0	100,0

Na Tabela II.3 observa-se que a maioria dos sujeitos era estudante de escola ou universidade pública (61,4 %), sendo que apenas 1 sujeito não respondeu à questão sobre o tipo de escola em que estudava.

II - INSTRUMENTO

O instrumento utilizado nesta pesquisa foi constituído de 4 escalas: uma escala para avaliar a agressividade física e verbal, uma para avaliar as várias dimensões da assertividade, e as outras duas para medir a deseabilidade social dos sujeitos e o nível respostas dadas ao acaso.

O instrumento foi composto de um caderno de questões com 7 páginas e uma folha de respostas. Na primeira página do caderno de questões encontravam-se as instruções e nas demais os itens das escalas distribuídos de forma aleatória. Na folha de respostas os sujeitos escreviam a letra (a, b, c, d ou e) referentes a sua resposta em cada item do caderno de questões. O caderno de questões e a folha de resposta encontram-se no Anexo II. O número dos itens referentes a cada escala estão descritos na Tabela II.4 abaixo.

Tabela II.4: Itens do instrumento referentes às Escalas

Escalas	Itens
Escala de Agressividade	1, 5, 6, 9, 13, 16, 21, 22, 23, 27, 28, 31, 36, 37, 38, 41, 46, 47, 49, 54, 56, 57, 61, 62, 63, 65, 68, 70, 73, 74, 75, 76, 80, 86, 87, 88, 91.
Escala de Assertividade	2, 3, 4, 8, 10, 12, 15, 17, 18, 20, 25, 26, 30, 32, 33, 35, 40, 42, 44, 48, 51, 52, 53, 58, 59, 64, 67, 69, 72, 78, 79, 82, 83, 84, 90, 92, 94.
Escala de Validade	7, 11, 14, 19, 81, 85, 89, 93
Escala de Tendência de Resposta	24, 29, 34, 39, 43, 45, 50, 55, 60, 66, 71, 77

I - A ESCALA DE AGRESSIVIDADE

A escala de agressividade foi construída para utilização nesta pesquisa e foi constituída de 37 itens que são respondidos em escalas tipo Likert de cinco pontos (1=nunca e 5 = sempre). O objetivo da escala foi medir a agressividade verbal e física de estudantes do Distrito Federal. Decidiu-se construir uma escala em vez de adaptar

um instrumento americano devido ao fato de que alguns termos utilizados nos instrumentos considerados mais úteis para essa pesquisa, dificultavam a manutenção do sentido exato dos itens na sua tradução.

Os itens da Escala de Agressividade foram elaborados através dos pontos comuns das definições dadas à agressividade por algumas teorias que durante as últimas décadas tentaram explicar o fenômeno (Teorias Comportamentais, Aprendizagem Social e Poder Social). Dentre as definições utilizadas destacam-se as seguintes:

- “Agressão é uma resposta que tem por seu objetivo a injúria de um organismo vivo” (Dollard, Doob, Miller, Mowrer & Sears, in Geen & Donnerstein, 1983).
- “Agressão é qualquer resposta que libera estímulo nocivo a outro organismo” (Buss, in Geen & Donnerstein, 1983).
- “A palavra agressão não significa nenhum tipo de ação humana, mas é um rótulo utilizado por observadores quando eles percebem o autor possuindo uma intenção de ferir alguém e não existe nenhuma explicação que legitima a ação” (Tedeschi, in Geen & Donnerstein, 1983).

Essas definições concebem a agressão como um comportamento que causa injúria ou dano em outro organismo vivo e o autor do ato agressivo deve ser percebido como agindo intencionalmente.

De acordo com essas definições, foi elaborado o seguinte modelo teórico utilizado como base para a construção dos itens:



Figura II.I - Modelo teórico de agressividade para a construção dos itens.

Os itens da escala de agressividade foram construídos de acordo com os comportamentos citados pela literatura especializada como agressivos, que foram categorizados de acordo com as dimensões física e verbal, conforme descrito no modelo acima. Outros comportamentos agressivos, obtidos a partir de dicionários de sinônimos (Ferreira, 1986) e idéias afins (Sargentim, 1992), foram acrescentados aos anteriores. Esses comportamentos foram contextualizados em pequenas frases com o cuidado de manter os critérios de objetividade e clareza desejáveis em um item, formando-se, finalmente, um total de 40 itens.

2 - A ESCALA DE ASSERTIVIDADE

Para medir a assertividade decidiu-se adaptar o *Assertion Inventory*, construído por Gambrill e Richey (1975), para a cultura brasileira, pois esse instrumento mede, originalmente, a maioria das dimensões de assertividade propostas pela literatura sobre o assunto, sendo, assim, considerado um instrumento útil para este trabalho.

O *Assertion Inventory* coleta três tipos de informações sobre o comportamento assertivo: 1) grau de desconforto em relação a uma situação específica, através da

Escala de Desconforto; 2) a probabilidade do indivíduo engajar no comportamento, através da Escala de Probabilidade de Resposta; e 3) a situação na qual o indivíduo gostaria de ser mais assertivo, através da comparação dos escores da duas escalas anteriores. Ele possui 38 itens, aos quais são dadas duas respostas, uma para a Escala de Desconforto e outra para a Escala de Probabilidade de Resposta.

A análise fatorial da Escala de Probabilidade de Resposta, feita por Gambrill e Richey (1975) extraiu 8 fatores de assertividade: 1) recusar um pedido; 2) expressar limitações pessoais tal como admitir ignorância em alguma área; 3) iniciar contato social; 4) expressar sentimentos positivos; 5) lidar com a crítica; 6) discordar; 7) asserção no serviço; e 8) dar feedback negativo. A precisão teste-reteste para o inventário foi alta (com 0.87 para a escala de desconforto e 0.81 para a escala de probabilidade de resposta).

Na adaptação brasileira o item 7 (Admitir medo e exigir respeito) foi retirado por expressar dois comportamentos ao mesmo tempo. E foi utilizada apenas a Escala de Probabilidade de Resposta, pois ela avalia com que frequência um comportamento assertivo ocorre, sendo que essa informação foi considerada a mais capaz de medir a assertividade dos sujeitos. Portanto, a Escala de Assertividade utilizada nesta pesquisa foi constituída de 37 itens adaptados do *Assertion Inventory* de Gambrill e Richey (1975). Os itens são respondidos em uma escala tipo Likert de 5 pontos (1 = nunca e 5 = sempre).

O Inventário de Asserção de Gambrill e Richey (GRAI) foi traduzido para o português e depois revisado por especialista conhecedor de ambos idiomas. As divergências surgidas foram discutidas e os itens traduzidos novamente, tendo-se como objetivo manter, na tradução, o mesmo sentido dos itens no original. A seguir foi feita

uma revisão dos itens de acordo com os critérios de clareza e objetividade utilizados na construção de itens, e o item 7 (*Admitir medo e exigir respeito.*) foi retirado do inventário por expressar duas situações diferentes em uma mesma frase.

O GRAI original possui duas escalas de assertividade: a de probabilidade de resposta e a de grau de desconforto. Para simplificar o instrumento utilizado neste trabalho, optou-se por utilizar apenas a escala de probabilidade de resposta, que mede a frequência com que uma pessoa expressa o comportamento assertivo descrito em cada item.

3 - AS ESCALAS DE DESEJABILIDADE SOCIAL E MENTIRA

As escalas de desejabilidade social e mentira foram extraídas das Escalas de Personalidade de Comrey - CPS (Rodrigues, 1973) e são chamadas no CPS de Tendenciosidade de Resposta e Controle de Validade, respectivamente. As respostas no CPS são dadas em escalas tipo Likert de 1 a 7, no entanto para manter o padrão das escalas de agressividade e assertividade desta pesquisa as escalas de respostas em Tendenciosidade e Validade foram transformadas em Likert de 1 a 5, retirando-se a respostas intermediárias 2 e 6.

A escala de Tendenciosidade de Resposta é constituída de 12 itens, sendo 6 invertidos e visa avaliar se o sujeito responde os itens de acordo com os padrões de conduta social aceitos pela cultura em que vive. Segundo Rodrigues (1973) pessoas que obtêm escores altos ($\cong 1$) ou baixos ($\cong 5$) nessa escala podem estar tentando passar uma impressão boa ou má de si mesmo.

A escala de Controle de Validade visa detectar aqueles sujeitos que responderam ao acaso. Ela possui 8 itens, sendo 4 invertidos, aos quais deveriam ser dadas respostas extremas (1 ou 5, dependendo se o item é invertido ou não). Os itens

invertidos devem ser recodificados antes de somados, assim o escore total esperado nesta escala para cada sujeito é 8, como é possível que as pessoas interpretem erroneamente esses itens, escores menores ou iguais a 24 (3 x 8) são aceitos (Rodrigues, 1973)

III - PROCEDIMENTOS

O instrumento foi aplicado, nos estudantes de I e II grau, em sala de aula durante horário das aulas. O aplicador se apresentava aos sujeitos dizendo seu nome e a instituição a qual pertencia (UnB) e pedia a colaboração dos estudantes em responder ao questionário de uma pesquisa sobre comportamentos interpessoais, deixando claro a que eles não eram obrigados a responder e colocando-se, logo após a sua apresentação, a disposição para responder a perguntas. Em seguida distribuía o caderno com as escalas e a folha de resposta aos estudantes pedindo para que eles não abrissem o caderno, por enquanto.

Terminada a distribuição o aplicador lia, juntamente com os estudantes, as instruções da primeira folha do caderno de questões enfatizando o sigilo das respostas e a importância de se responder sinceramente a todos os itens. Ao final da leitura, era perguntado se existiam dúvidas que eram respondidas de acordo com as instruções até que todas as dúvidas fossem sanadas. Então pedia-se para os sujeitos começarem a responder.

Se alguma dúvida surgisse quando as escalas estivessem sendo respondidas o aplicador tentava saná-la, mas sempre de acordo com as instruções, indo à carteira do sujeito e respondendo à questão individualmente. Se a dúvida era quanto ao significado de alguma palavra ou sentido de uma sentença o aplicador instruía o sujeito para que desse sua resposta conforme ele entendia a palavra ou sentença.

Para os estudantes universitários a aplicação das escalas foi feita na Biblioteca Central da Universidade de Brasília. Os estudantes eram abordados em suas mesas de estudo, tomando-se o cuidado de abordar todos os estudantes em todas as mesas da biblioteca, e pedia-se para que respondessem ao questionário de uma pesquisa sobre comportamentos interpessoais.

Caso o estudante aceitasse responder, o caderno de questões e a folha de resposta eram apresentados e pedia-se para que ele lesse as instruções, o aplicador permanecia por perto e quando percebia que a leitura havia terminado punha-se a disposição para sanar qualquer dúvida. Quando não havia mais dúvidas o aplicador pedia que o estudante começasse a responder e se afastava da mesa.

Nos casos em que havia mais de um aluno na mesa de estudos todos eram abordados e uma instrução extra era dada: pedia-se para que cada um respondesse individualmente ao questionário evitando discutir ou comentar qualquer coisa sobre as questões com os colegas.

Ao passar de 30 minutos o aplicador voltava à mesa em que o estudante fora abordado e verificava se ele havia terminado de responder. Neste caso, agradecia a colaboração e recolhia o caderno de questões e a folha de resposta, guardando-os, imediatamente, em uma pasta de papel. Caso o estudante não houvesse terminado, o aplicador voltava a cada 10 minutos e verificava, discretamente, se o estudante havia terminado de responder.

A seguir serão descritos a metodologia e os resultados da elaboração e validação da escala de agressividade e a adaptação e validação da escala de assertividade.

PARTE I: AS ESCALAS DE AGRESSIVIDADE E ASSERTIVIDADE

1 - METODOLOGIA

1.1 - ANÁLISE SEMÂNTICA DOS ITENS DAS ESCALAS DE AGRESSIVIDADE E ASSERTIVIDADE

Antes de iniciada a análise semântica dos itens, cada item das escalas recebeu uma escala de resposta de 5 pontos, tipo Likert (1 - nunca até 5 - sempre). E as escalas receberam uma folha de rosto na qual encontravam-se as instruções para respondê-las.

Na análise semântica os instrumentos foram analisados separadamente. A escala de assertividade foi aplicada, inicialmente, a 7 adolescentes, com idades entre 13 e 17 anos. Os sujeitos responderam ao questionário e fizeram comentários sobre os itens e as instruções; aqueles itens que foram criticados ou mal-entendidos foram reescritos. Uma nova forma do GRAI foi distribuída a um novo grupo de 4 adolescentes com idades de 14 a 18 anos. Nesta etapa foi pedido para que os sujeitos dissessem o que entendiam de cada frase, que seriam lidas pelo pesquisador e acompanhada por eles. Quando alguma frase não era bem entendida, perguntava-se aos sujeitos qual seria a forma de reescrevê-la que facilitasse sua compreensão, as sugestões foram anotadas e os itens ou partes das instruções foram refeitos. Ao final desta etapa alguns itens foram retirados para facilitar a compreensão da escala.

Para a análise semântica dos itens da escala de agressividade foram realizadas sessões com 3 a 5 adolescentes de 13 à 19 anos nas quais os itens eram lidos um a um e perguntava-se aos sujeitos o que eles entendiam de cada item, itens que geravam dúvida eram refeitos e uma nova sessão realizada. Após 3 sessões alguns itens foram retirados por não se conseguir torná-los claros.

Finalmente, uma última análise semântica foi empreendida com 9 adolescentes de 15 à 20 anos. Para tal análise os itens das duas escalas foram misturados em um único instrumento, esse instrumento foi aplicado nos adolescentes que levaram no máximo 45 minutos para responder. Após a aplicação foi pedido para que cada um dissesse as dificuldades que tiveram ao responder o instrumento, essas dificuldades foram anotadas e quando procedentes geraram mudanças nos itens e nas instruções. Com essas mudanças chegou-se à forma final das escalas.

À essas escalas foram incluídas as escalas de Tendenciosidade de Resposta e Controle de Validade, descrita no item II (Instrumento). Em seguida esse novo instrumento foi aplicado a uma turma de 1º. ano do II grau com 27 alunos, após a aplicação foi pedido para que os estudantes apontassem suas dificuldades em responder. As dificuldades que apareceram referiam-se a extensão do instrumento (94 itens) e o tempo gasto com a folha de resposta, também foram apontados alguns erros de digitação dos itens. Esses erros foram corrigidos, chegando-se, assim, a versão final do instrumento. Essa versão, juntamente com a folha de resposta, encontra-se em anexo (Anexo 1).

1.2 - ANÁLISES ESTATÍSTICAS

Os métodos estatísticos utilizados na validação das escalas de Agressividade e Assertividade foram *Principal Components Analysis* (PC) e *Principal Axis Factoring* (PAF). E a análise estatística utilizada para o cálculo da consistência interna foi o Alfa de Cronbach.

2 - Resultados: Validade e Precisão das Escalas de Agressividade e Assertividade

A validação das escalas de agressividade e de assertividade foi feita através de Análise Fatorial. Para ambas as escalas foi feita, inicialmente, uma análise exploratória utilizando-se a técnica de *Principal Components Analysis* (PC), visando verificar, preliminarmente, as possibilidades fatoriais das escalas. Sendo, somente após isso, feita a Análise Fatorial propriamente dita através da técnica *Principal Axis Factoring* (PAF). Foram utilizados, basicamente, dois critérios para a extração dos fatores: Eigenvalue maior que 1 e a interpretabilidade do fator. Assim, para cada escala foram realizadas várias PAFs, com critério de 8 a 2 fatores, depois de analisada cada PAF optava-se pela solução em que todos os fatores fossem interpretáveis e tivessem um Eigenvalue grande (> 1). Os itens que possuíam carga fatorial menor ou igual 0,30 foram excluídos do fator. Foi utilizada rotação oblíqua (*Oblimin*).

A precisão das escalas foi verificada utilizando-se o Alfa de Cronbach para cada fator separadamente. Um fator era considerado preciso se o resultado do alfa fosse igual ou maior que 0,80.

Abaixo, serão descritos os resultados dessas análises para as escalas de agressividade e assertividade, respectivamente.

2.1 - A ESCALA DE AGRESSIVIDADE

A melhor solução fatorial encontrada para a escala de agressividade consistiu em três fatores de primeira ordem, que apareceram correlacionados entre si, permitindo a extração de um fator de segunda ordem Conforme o modelo representado na Figura I. A seguir serão descritos os fatores de primeira e segunda ordem.

2.1.1- OS 3 FATORES DE PRIMEIRA ORDEM

A variância total explicada pelos três fatores de primeira ordem foi de 32,8%. A comunalidade dos itens desses fatores de primeira ordem variou de 0,536 no item 28 a 0,084 no item 49 para essa escala.

Algumas variáveis (16, 21, 23, 38, 41, 49, 54 e 88) não carregaram em nenhum fator. Sendo que as variáveis 87 (É divertido implicar com pessoas bobas) e 63 (Quando alguém impede o meu caminho merece ser derrubado) apresentaram carga fatorial significativa em mais de um fator introduzindo, assim, certa ambigüidade dessas variáveis na medida do comportamento agressivo. A seguir as Tabelas 1, 2 e 3 que apresentam a matriz fatorial da análise fatorial e o Alfa de Cronbach dos fatores de primeira ordem com suas interpretações.

Tabela 1: Matriz fatorial e alfa do FATOR 1

#	Carga	h^2	Descrição do item	r_{it}
31	.65	.53	Sinto vontade de falar palavrões a quem me aborrece.	.62
28	.64	.54	Tenho vontade de xingar as pessoas que me irritam.	.65
5	.54	.39	Gosto de fazer gozação com pessoas que fazem coisas que considero estúpidas.	.53
27	.52	.37	Falo mal de quem eu não gosto.	.53
6	.41	.35	Tenho vontade de me vingar quando alguém me insulta.	.50
87	.40	.43	É divertido implicar com pessoas bobas.	.53
9	.38	.15	Gosto de atacar pontos de vista contrários ao meu.	.26
22	.37	.18	Falo abertamente sobre as fraquezas e falhas dos outros.	.36
1	.34	.29	Mando os outros calarem a boca quando discordo deles.	.42
47	.33	.36	Eu sinto vontade de xingar quem me nega um pedido.	.48
Eigenvalue:		8.48		
% σ^2 total:		22.90		
% σ^2 comum:		69.82		
Alfa:		.81		
N. de itens:		10		

A interpretação semântica dos itens desse fator mostra que ele expressa, principalmente, a atitude do sujeito de querer xingar e falar palavrões, de falar mal e de gozar dos outros. Todos os itens desse fator estão relacionados a comportamentos

verbais em várias situações, portanto ele expressa claramente a **agressividade verbal**. Porém, os itens do fator nem sempre referem-se a agressividade verbal expressa, como no caso dos itens 31, 28, 05. O fator é preciso ($\alpha = .81$). A seguir, na Tabela 2, encontra-se a matriz fatorial e o alfa do fator 2.

Tabela 2: Matriz fatorial e alfa do FATOR 2

#	Carga	h^2	Descrição do item	r_{it}
70	-.63	.32	Acho emocionante ver pessoas brigando com facas.	.49
65	-.62	.47	Acho que estou certo em bater nas pessoas que me ofendem.	.59
74	-.55	.35	Acho que usar a força física contra a outra pessoa é, algumas vezes, uma boa forma de resolver desavenças.	.49
91	-.51	.32	Gosto de ver filmes e programas de violência na televisão.	.46
68	-.48	.32	Quando eu quero passar no meio de uma multidão, não me importo em empurrar as pessoas que atrapalham o meu caminho.	.49
61	-.47	.32	Gosto de pichar (muros, paredes, monumentos etc.)	.46
63	-.37	.34	Quando alguém impede o meu caminho merece ser derrubado.	.46
73	.40	.18	Ver pessoas sendo mortas me causa desconforto.	.28
80	-.40	.35	Gosto de escrever em mesas e paredes.	.47
76	-.39	.24	Entro na casa de pessoas estranhas mesmo quando não sou convidado.	.35
62	-.39	.38	Faço ameaças a pessoas que não fazem o que eu quero.	.48
37	.36	.24	Quando alguém me provoca fico constrangido em responder-lhe com gestos obscenos	.32
56	-.35	.22	É comum eu bater nos meus irmãos.	.37
75	-.34	.31	Quando uma pessoa está com algum objeto e não me deixa ver eu costumo tomá-lo.	.41
87	-.32	.43	É divertido implicar com pessoas bobas.	.51
36	-.32	.21	Pessoas que me prestam serviços de forma inadequada merecem ser tratadas como inferiores.	.33
Eigenvalue:		2.23		
% σ^2 total:		6.00		
% σ^2 comum:		18.29		
Alfa:		.82		
N. de itens:		16		

A interpretação semântica desse fator mostra que seus itens expressam, principalmente, os comportamentos de brigar, bater, usar a força física, pichar, empurrar. Portanto, o fator foi chamado de **agressividade física**. Porém outros itens, como ver programas de violência, ver pessoas sendo mortas e fazer ameaças, apesar de não caracterizam, necessariamente, a ação do sujeito em agredir fisicamente estão

relacionados ao fator agressividade física. Esse segundo fator, também, é preciso com alfa de 0,82. A Tabela 3, a seguir, apresenta a matriz fatorial e o alfa do fator 3.

Tabela 3: Matriz fatorial e alfa do FATOR 3

#	Carga	h^2	Descrição do item	r_{it}
46	.64	.36	Quando não consigo alguma coisa fico muito irritado.	.51
86	.59	.34	Quando não consigo o que quero fico emburrado.	.47
57	.40	.19	Fico irritado quando sou forçado a fazer coisas que não quero.	.33
13	.31	.27	Quando fico muito irritado sinto vontade de jogar e quebrar coisas.	.39
63	.30	.34	Quando alguém impede meu caminho merece ser derrubado.	.37
Eigenvalue:		1.43		
% σ^2 total:		3.90		
% σ^2 comum:		11.89		
Alfa:		.65		
N. de itens:		05		

A interpretação semântica dos itens mostra que o fator 3 refere-se ao sentimento de irritação do sujeito quando ele é frustrado em seus desejos ou é obrigado a fazer o que não quer, mas não demonstra essa frustração com reação comportamental propriamente dita. Conclui-se, então, que o fator trata de **irritação contida**. Entretanto, esse fator é pouco preciso como demonstrado pelo alfa de 0,65 e para que ele possa ser utilizado como parte da escala será necessário que seja mais trabalhado.

2.1.2- CORRELAÇÃO ENTRE OS FATORES

A rotação *Oblimin* mostrou a existência de correlações significativas entre os fatores de primeira ordem da escala de agressividade conforme a Tabela 4.

Tabela 4: Matriz de correlação fatorial

	FATOR 1	FATOR 2	FATOR 3
FATOR 1	1.00		
FATOR 2	-.51	1.00	
FATOR 3	.42	-.21	1.00

2.1.3- O FATOR DE SEGUNDA ORDEM DA ESCALA DE AGRESSIVIDADE:

Dado que os fatores de primeira ordem são correlacionados pediu-se a extração de um fator de segunda ordem. Esse fator foi extraído utilizando-se as variáveis dos fatores 1, 2 e 3 de primeira ordem através da PAF com critério de 1 fator. A variância explicada pelo fator foi de 24,8%. As variáveis 3, 57 e 73 não tiveram carga fatorial maior que 0,30 e portanto não foram incluídas no fator. Os resultados dessa análise encontram-se na Tabela 5.

Tabela 5: Matriz fatorial e alfa do FATOR DE SEGUNDA ORDEM

#	Carga	h^2	Descrição do item	r_{it}
28	.65	.53	Tenho vontade de xingar as pessoas que me irritam.	.61
31	.62	.52	Sinto vontade de falar palavrões a quem me aborrece.	.59
87	.62	.41	É divertido implicar com pessoas bobas.	.58
65	.59	.46	Acho que estou certo em bater nas pessoas que me ofendem.	.58
62	.58	.35	Faço ameaças a pessoas que não fazem o que eu quero.	.54
5	.54	.37	Gosto de fazer gozação com pessoas que fazem coisas que considero estúpidas.	.51
63	.54	.33	Quando alguém impede o meu caminho merece ser derrubado.	.51
47	.54	.33	Eu sinto vontade de xingar quem me nega um pedido.	.50
6	.54	.34	Tenho vontade de me vingar quando alguém me insulta.	.51
80	.53	.35	Gosto de escrever em mesas e paredes.	.50
68	.51	.28	Quando eu quero passar no meio de uma multidão, não me importo em empurrar as pessoas que atrapalham o meu caminho.	.48
27	.50	.34	Falo mal de quem eu não gosto.	.46
1	.48	.26	Mando os outros calarem a boca quando discordo deles.	.45
75	.48	.29	Quando uma pessoa está com algum objeto e não me deixa ver eu costumo tomá-lo.	.45
13	.47	.26	Quando fico muito irritado sinto vontade de quebrar e jogar coisas.	.43
74	.47	.34	Acho que usar a força física contra a outra pessoa é, algumas vezes, uma boa forma de resolver desavenças.	.45
61	.46	.32	Gosto de pichar (muros, paredes, monumentos etc.)	.42
70	.43	.31	Acho emocionante ver pessoas brigando com facas.	.40
91	.43	.31	Gosto de ver filmes e programas de violência na televisão.	.41
86	.39	.32	Quando não consigo o que quero fico emburrado.	.36
46	.39	.35	Quando não consigo alguma coisa fico muito irritado.	.36
56	.38	.19	É comum eu bater nos meus irmãos.	.36
36	.37	.18	Pessoas que me prestam serviços de forma inadequada merecem ser tratadas como inferiores.	.34
76	.33	.22	Entro na casa de pessoas estranhas mesmo quando não sou convidado.	.30
37	-.30	.22	Quando alguém me provoca fico constrangido em responder-lhe com gestos obscenos.	.30
Eigenvalue:		6.93		
% σ^2 total:		22.70		
Alfa:		.88		
N. de itens:		25		

Como se pode observar pela tabela 5, o fator de segunda ordem é mais preciso que os fatores de primeira ordem, possuindo um alfa de 0,89. A variância explicada por este fator foi 22,70 %. Sua interpretação semântica mostra que seus itens expressam, principalmente, os comportamentos relacionados à agressividade verbal, mas medem, também, a agressividade física. Portanto, o fator foi chamado de **agressividade**.

2.1.4 - MODELO FATORIAL PARA A ESCALA DE AGRESSIVIDADE

Abaixo, encontra-se a representação gráfica do modelo fatorial da escala de agressividade, descrevendo o fator de segunda ordem *agressão* (agressividade) e sua relação direta com os outros três fatores de primeira ordem: *agressão verbal*, *agressão física* e *irritação contida*.

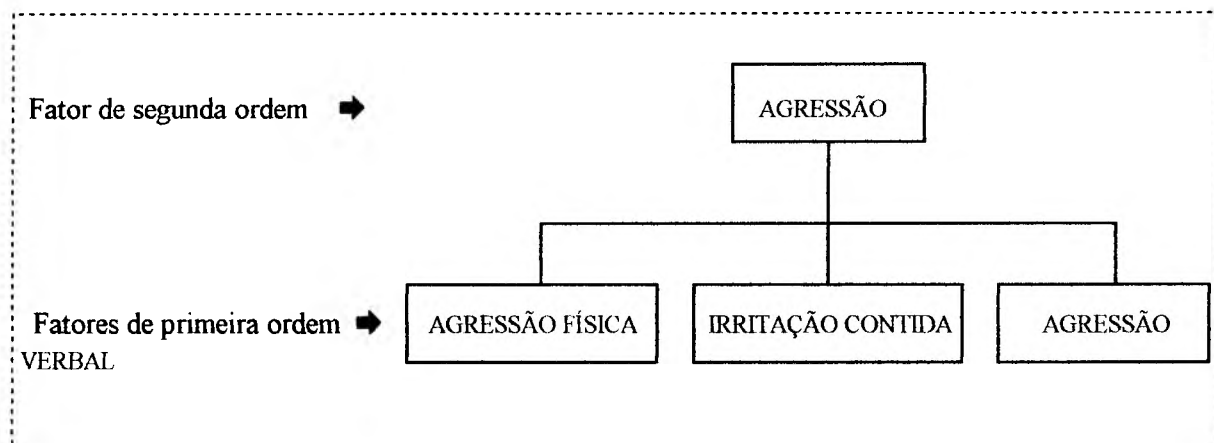


Figura I: Representação gráfica do modelo fatorial para a agressividade

2.2 - A ESCALA DE ASSERTIVIDADE

A melhor solução fatorial para a escala de assertividade resultou em 5 fatores de primeira ordem, 2 fatores de segunda ordem e 1 fator geral. Em II.1, II.2 e II.3 serão descritos os resultados das análises fatoriais para essa escala.

2.2.1 - OS 5 FATORES DE PRIMEIRA ORDEM

O variância total explicada pelos 5 fatores foi de 32% e é considerada razoável, mostrando que parte substancial da variabilidade das respostas aos itens foi explicada pelos fatores. A comunalidade dos itens variou de 0,369 a 0,125 nos itens 35 e 2 respectivamente. Assim, a variância explicada pelos fatores comuns para os itens é baixa.

As variáveis 15, 8, 69, 2, 51, 17, 3, 20, 48, 78, 8, 25, 53 e 4 não tiveram carga fatorial alta ($\geq 0,30$) em nenhum fator, portanto foram excluídas de análises estatísticas posteriores. Nenhuma variável apresentou carga fatorial significativa em mais de um fator, demonstrando assim, que os itens são puros.

As tabelas de 6 a 10 descrevem os fatores de primeira ordem resultantes da análise fatorial da escala de assertividade seguidas de suas interpretações semânticas.

Tabela 6: Matriz fatorial e alfa do FATOR 1 da escala de assertividade

#	Carga	h^2	Descrição do item	r_{it}
83	.46	.30	Discuto abertamente com uma pessoa críticas feitas a meu trabalho.	.40
42	.45	.26	Admito confusão sobre um ponto da discussão e peço esclarecimento.	.41
18	.42	.18	Admito ignorância em um assunto.	.28
52	.41	.28	Discuto abertamente críticas feitas ao meu comportamento.	.38
30	.38	.22	Peço críticas construtivas.	.34
90	.36	.19	Continuo conversando com alguém que discorda de mim.	.30
58	.36	.15	Expresso opinião diferente da pessoa com quem estou conversando.	.27
79	.30	.15	Pedir demissão.	.23
32	.30	.15	Inicio uma conversa com estranhos.	.23
Eigenvalue:		4.18		
% σ^2 total:		11.30		
% σ^2 comum:		35.87		
Alfa:		.63		
N. de itens:		09		

A interpretação semântica dos itens desse fator (Tabela 6) demonstra principalmente a habilidade do sujeito de reconhecer seus erros, de falar sobre seu ponto de vista, mas também pedir demissão e iniciar uma conversa. Portanto, o fator expressa habilidade de **admitir deficiência pessoal**. Porém, trata-se de um fator pouco preciso, pois seu alfa é de apenas 0,63.

Tabela 7: Matriz fatorial e alfa do FATOR 2 da escala de assertividade

#	Carga	h^2	Descrição do item	r_{it}
35	-.77	.37	Pediria um encontro ou em namoro alguém.	.52
40	-.50	.26	Seu encontro com alguém é recusado você pediria outro mais tarde?	.36
59	.37	.26	Resisto a avanço sexual quando não estou interessado.	.27
67	-.36	.15	Aceitaria um encontro de namoro.	.27
12	.36	.17	Recuso quando alguém me pede em namoro.	.33
17	-.30	.16	Pedir aumento de salário.	.20
Eigenvalue:		02.61		
% σ^2 total:		07.10		
% σ^2 comum:		22.54		
Alfa:		.58		
N. de itens:		06		

O fator 2 da escala de assertividade é bipolar e refere-se a habilidade do sujeito de pedir, recusar ou aceitar um relacionamento romântico. No entanto o item 17 não possui conteúdo semântico coerente com os outros itens; como sua carga fatorial é baixa, ele não foi considerado para a interpretação do fator. O fator foi chamado de **iniciar encontro amoroso**. Esse fator, também, não é preciso (alfa = .58).

Tabela 8: Matriz fatorial e alfa do FATOR 3 da escala de assertividade

#	Carga	h ²	Descrição do item	rit
44	-.56	.27	Pergunto se ofendi alguém.	.36
10	-.52	.23	Peço desculpa quando estou errado.	.36
Eigenvalue:		01.79		
%σ ² total:		04.8		
%σ ² comum:		15.24		
Alfa:		.53		
N. de itens:		2		

A interpretação semântica dos itens do fator 3 mostra que ele está relacionado a ‘desculpar-se’. Sendo assim, refere-se a **admitir erros**. Esse fator parece ser o inverso do fator 1, podendo-se notar uma pequena correlação negativa entre eles ($r^2 = -.19$), conforme a Tabela 8. A pouca precisão do fator (alfa = .53) é devida a pequena quantidade de itens.

Tabela 9: Matriz fatorial e alfa do FATOR 4 da escala de assertividade

#	Carga	h ²	Descrição do item	rit
72	.59	.25	Resisto a pressão para beber.	.39
82	.58	.26	Resisto a pressão para usar drogas.	.39
Eigenvalue:		01.58		
%σ ² total:		04.3		
%σ ² comum:		13.65		
Alfa:		.55		
N. de itens:		02		

A interpretação semântica dos itens mostra que o fator refere-se, essencialmente, a resistir a pressão para beber e usar drogas, foi chamado, então, de

resistir a usar drogas. Entretanto, esse fator é pouco preciso como demonstrado pelo alfa de 0,55, novamente o fato do fator possuir apenas dois itens contribuiu para a falta de precisão do fator.

Tabela 10: Matriz fatorial e alfa do FATOR 5 da escala de assertividade

#	Carga	h^2	Descrição do item	r_{it}
92	-.70	.34	Digo a um colega quando ele faz alguma coisa que me incomoda.	.52
94	-.60	.26	Digo a uma pessoa que está me aborrecendo para parar.	.43
64	-.53	.31	Falo para uma pessoa quando sinto que ela cometeu alguma injustiça comigo.	.37
26	-.42	.20	Mandaria calar um amigo que fala demais.	.28
84	-.38	.23	Peço de volta objetos emprestados.	.33
Eigenvalue:		01.47		
% σ^2 total:		04.0		
% σ^2 comum:		12.70		
Alfa:		.62		
N. de itens:		05		

A interpretação semântica dos itens do fator 5 mostra que ele está relacionado à capacidade dos sujeitos em expressar ou repreender diretamente o incômodo que outras pessoas lhe causam. Assim o fator refere-se a **expressar de sentimentos negativos**. Esse fator também não é preciso ($\alpha = .62$)

O Alfa de Cronbach foi baixo para todos os fatores dessa escala, mostrando que esses fatores não são precisos. Essa falta de precisão pode ser consequência da inexistência de uma teoria forte sobre a assertividade, dificultando uma definição clara do construto e a escolha de itens adequados para a escala. Talvez rescrevendo alguns itens, retirando outros e acrescentando mais alguns seja possível tornar a escala mais precisa. A seguir na Tabela 11 serão descritas as correlações significativas entre os fatores dessa escala mostradas pela rotação *Oblimin*.

2.2.2 - CORRELAÇÃO ENTRE OS FATORES

Tabela 11: Matriz de correlação fatorial dos fatores de assertividade

	FATOR 1	FATOR 2	FATOR 3	FATOR 4	FATOR 5
FATOR 1	1.00				
FATOR 2	-.15	1.00			
FATOR 3	-.19	-.04	1.00		
FATOR 4	.11	.15	-.10	1.00	
FATOR 5	-.39	.31	-.01	.05	1.00

De acordo com a tabela acima, pode-se notar correlação inversa entre os fatores 1 e 5 ($r^2 = -.39$) e correlação positiva entre os fatores 2 e 5 ($r^2 = .31$). Existe, também, correlação positiva, porém mais discreta, entre os fatores 2 e 4 ($r^2 = .15$) e 1 e 4 ($r^2 = .11$) e correlação negativa entre os fatores 1 e 2 ($r^2 = -.15$) e 1 e 3 ($r^2 = -.19$). Baseado nessas correlações foram extraídos dois fatores de segunda ordem: o primeiro utilizando as variáveis dos fatores 1, 2, 3 e 5 e o segundo as dos 2, 4 e 5.

2.2.3- OS 2 FATORES DE SEGUNDA ORDEM

A seguir, nas Tabelas 12 e 13 serão apresentadas as matrizes fatoriais e alfas dos fatores de segunda ordem, juntamente com suas interpretações.

TABELA 12: Matriz fatorial e alfa do FATOR 1 de 2ª ordem da Escala de Assertividade.

#	Carga	h^2	Descrição do item	r_{it}
64	.51	.26	Falo para uma pessoa quando sinto que ela cometeu injustiça comigo.	.41
52	.50	.24	Discuto abertamente as críticas feitas sobre meu comportamento.	.40
42	.48	.22	Admito confusão sobre um ponto de uma discussão e peço esclarecimento.	.42
83	.45	.25	Discuto abertamente com uma pessoa críticas feitas ao meu comportamento.	.38
92	.45	.31	Digo a um colega quando ele faz alguma coisa que me incomoda.	.36
30	.42	.20	Peço críticas construtivas.	.35
44	.39	.31	Pergunto se ofendi alguém.	.34
94	.38	.24	Digo a uma pessoa que está me aborrecendo para parar.	.29
84	.31	.15	Peço de volta objetos emprestados.	.22
90	.31	.15	Continuo conversando com alguém que discorda de mim.	.26
32	.30	.11	Inicio uma conversa com estranhos.	.25
79	.30	.11	Pedir demissão.	.25
18	.29	.16	Admito ignorância em um assunto.	.25
10	.27	.20	Peço desculpas quando estou errado.	.24
58	.27	.13	Expresso uma opinião diferente da pessoa com quem estou falando.	.21
35	.26	.34	Pediria um encontro ou em namoro alguém.	.22
40	.25	.24	Seu encontro com alguém é recusado. Você pediria outro mais tarde?	.24
Eigenvalue:		3.26		
% σ^2 total:		14.8		
Alfa:		.71		
N. itens		17		

O fator I de segunda ordem, conforme a tabela 11, explicou 14.8% da variância dos itens. A precisão do fator foi maior que dos fatores de primeira ordem, ainda que baixa ($\alpha = .71$). A comunalidade variou de 0,34 no item 35 e 0,09 no item 17. No entanto para os fatores de segunda ordem foram considerados os itens com carga fatorial maior e igual a 0,25, aumentando-se assim a quantidade de itens no fator e,

conseqüentemente a precisão do fator. Os itens 17, 67, 26, 59 e 12 não tiveram carga fatorial maior que 0,25 no fator.

A interpretação semântica desse fator mostra que seus itens expressam, principalmente, a capacidade dos sujeitos em admitir deficiência pessoal, mas expressam também confronto e iniciativa. Esse fator foi denominado de **lidar com críticas**, tanto fazer críticas, aos outros e a si mesmo, quanto receber críticas de outros.

TABELA 13: Matriz fatorial e alfa do FATOR 2 de 2ª ordem da escala de assertividade.

#	Carga	h^2	Descrição do item	r_{it}
35	.57	.32	Pediria um encontro ou em namoro alguém.	.48
92	.47	.30	Digo a um colega quando ele faz alguma coisa que me incomoda.	.36
94	.39	.21	Digo a uma pessoa que está me aborrecendo para parar.	.30
40	.37	.22	Seu encontro com alguém é recusado. Você pediria outro mais tarde?	.30
26	.36	.13	Mandaria calar um amigo que fala demais.	.26
84	.35	.13	Peço de volta objetos emprestados.	.27
67	.35	.11	Aceitaria um encontro de namoro.	.27
64	.33	.21	Falo para uma pessoa quando sinto que ela cometeu alguma injustiça comigo.	.23
17	.30	.07	Pediria aumento de salário.	.24
12	-.28	.14	Recuso quando alguém me pede em namoro.	.23
59	-.26	.16	Resisto a avanço sexual quando não estou interessado.	.17
Eigenvalue:	2.47			
% σ^2 total:	19.0			
Alfa:	.62			
N. itens	11			

No fator 2 de segunda ordem descrito na Tabela 13, a variância explicada foi de 19%. A comunalidade variou entre 0,32 no item 35 e 0,07 no item 17. Nesse fator, também, foram incluídos os itens com cargas fatoriais maiores ou iguais à 0,25. Os itens 72 e 82, que formam o fator 4 de primeira ordem, não obtiveram carga fatorial maior ou igual a 0,25. A precisão foi baixa com alfa de 0,62.

A interpretação semântica do fator revela que ele diz respeito, principalmente, à capacidade de pedir relacionamento amoroso (fator 2) e de expressar incômodo pessoal (fator 5), relacionados a comportamentos de dizer, pedir, falar, mandar, devolver e aceitar, demonstrando formas de iniciar contato ou relacionamento social através da expressão verbal de sentimentos ou desejos. Esse fator foi chamado de **tomar iniciativa**.

2.2.4 - MODELO FATORIAL PARA A ESCALA DE ASSERTIVIDADE

Na Figura II é apresentado o modelo fatorial resultante da análise fatorial da Escala de Assertividade

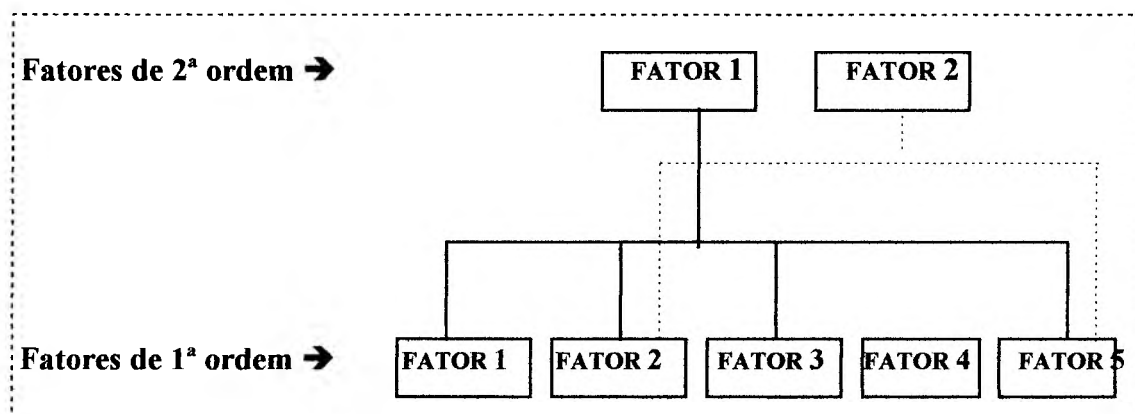


Figura II: Representação gráfica do modelo fatorial para a assertividade.

Apesar da escala de assertividade deixar a desejar em termos de precisão sua análise fatorial mostrou que as principais dimensões da assertividade são: **admitir deficiência pessoal, iniciar encontro amoroso, admitir erros, resistir à pressão para usar drogas** (dizer não a algo prejudicial) e **expressar sentimentos negativos**.

A seguir serão apresentados a metodologia, o delineamento e os resultados da segunda parte da pesquisa (relações entre agressividade, assertividade e características sócio-biográficas). Porém, para as demais análises estatísticas, serão utilizados apenas os fatores de segunda ordem da escala de assertividade, pois eles apresentaram maior precisão.

PARTE II - ESTUDO DE HIPÓTESES

A AGRESSIVIDADE, A ASSERTIVIDADE E AS VARIÁVEIS SÓCIO-BIOGRÁFICAS

1 - METODOLOGIA

Para o estudo das hipóteses, a amostra, instrumentos e procedimentos estão descritos na seção I, II e III da metodologia geral e foram os mesmos utilizados para a validação das escalas.

Três delineamentos serão necessários para a análise de hipóteses: 1) um para estudar a relação entre a agressividade e a assertividade; 2) outro, para estudar a relação entre as variáveis agressividade, assertividade e variáveis sócio-biográficas; e 3) o último, para formulação de um modelo que explique as possíveis relações encontradas.

Os fatores de primeira ordem da escala de Assertividade não foram usados nesta seção devido aos baixos índices de precisão encontrados para eles, assim apenas os fatores de segunda ordem, **lidar com críticas e iniciativa**, serão incluídos nas análises das hipóteses. A seguir será apresentado o primeiro delineamento.

2 - DELINEAMENTO 1: RELAÇÕES ENTRE A AGRESSIVIDADE E ASSERTIVIDADE.

O estudo das relações entre Agressividade e Assertividade será feito através de correlações bivariadas.

2.1 - Hipótese

H1) Os fatores da Escala de Agressividade (*agressividade física, agressividade verbal, irritação contida e agressividade geral*) são correlacionados positivamente com os fatores *lidar com críticas e iniciativa* da Escala de Assertividade.

→ **Formulação semântica de H1:** Pessoas com escores altos nos fatores da escala de Agressividade também terão escores altos nos fatores da escala de Assertividade. Ou seja, quanto mais assertiva uma pessoa mais agressiva ela é.

A seguir será apresentado o segundo delineamento referente à relação entre a Agressividade, Assertividade e as variáveis sócio-biográficas.

3 - DELINEAMENTO 2: RELAÇÕES ENTRE AGRESSIVIDADE, ASSERTIVIDADE E VARIÁVEIS SÓCIO-BIOGRÁFICAS

3.1 - VARIÁVEIS

VARIÁVEIS CRITÉRIO:

→ As variáveis critério foram definidas como sendo os fatores da Escala de Agressividade (*agressividade verbal, agressividade física, irritação contida e agressividade geral*) e os fatores de segunda ordem da Escala de Assertividade (*lidar com críticas e iniciativa*).

VARIÁVEIS ANTECEDENTES:

→ As variáveis antecedentes foram os dados sobre idade, sexo e tipo de escola fornecidos pelos sujeitos em suas folhas de respostas. Os dados sobre a escolaridade dos sujeitos não foram incluídos como variável antecedente por estarem muito relacionados com idade (a obtenção de maior escolaridade depende, necessariamente, do aumento de idade). A seguir, encontram-se as definições operacionais dessas variáveis.

a) **Idade:** a idade em anos dos sujeitos na época em que os dados foram colhidos.

b) **Sexo:** o sexo, masculino ou feminino, dos sujeitos. Trata-se de uma variável nominal, sendo atribuído 1 para os sujeitos masculinos e 2 para os sujeitos femininos;

c) **Tipo de escola:** é uma variável nominal e refere-se a escola ou universidade do Distrito Federal em que os sujeitos estudavam, se pública ou particular. Caso o sujeito estudasse em escola ou universidade pertencente a rede pública de ensino era-lhe atribuído o número 1 nesta variável, caso ele fosse estudante da rede particular de ensino era-lhe atribuído o número 2;

VARIÁVEIS DE CONTROLE:

As variáveis de controle foram os escores obtidos pelos sujeitos na escala de Tendenciosidade de Respostas e Controle de Validade das Escalas de Personalidade de Comrey - CPS (Rodrigues, 1973). Assim sujeitos com escore maior que 24 na escala de Controle de Validade foram retirados da amostra.

Os escores na escala de Tendenciosidade de Resposta mostraram que apenas 4,7% dos sujeitos obtiveram escores altos (maior ou igual a 45, aproximadamente dois desvios padrões acima da média) e 3,9% obtiveram escores baixos (menor ou igual a 25, aproximadamente dois desvios padrões abaixo da média), sendo que média foi 35,76 com desvio padrão de 5,63. Assim, pode-se concluir que a maioria dos sujeitos respondeu conforme o esperado na escala de Tendenciosidade de Resposta. Os sujeitos que tiveram escores altos ou baixos nessa escala não foram retirados da amostra, como aconteceu com a escala de Controle de Validade, pois, segundo Rodrigues (1973), tais escores podem "... refletir precisamente o que a pessoa realmente é quando comparada aos outros, mas há também a possibilidade de que o sujeito esteja tentando dar uma impressão falsa "boa" ou "má" de si mesmo." (p.8) Assim, é possível que a desejabilidade social tenha influenciado as respostas de 8,6% dos sujeitos, mas não é possível ter certeza de que suas respostas não refletiram exatamente como eles eram.

3.2 - DELINEAMENTO

Para o estudo das relações entre Agressividade, Assertividade e variáveis sócio-biográficas utilizou-se o delineamento $2 \times 2 \times 2$, conforme a Figura III.

TIPO DE ESCOLA		SEXO			
		Masculino (M)		Feminino (F)	
		Pública (Pu)	Particular (Pa)	Pública (Pu)	Particular (Pa)
IDADE	14 a 19 anos (1)	M 1 Pu	M 1 Pa	F 1 Pu	F 1 Pa
	19 a 41 anos (2)	M 2 Pu	M 2 Pa	F 2 Pu	F 2 Pa

Figura III: Modelo do delineamento $2 \times 2 \times 2$.

Assim, o delineamento se compõe de 8 blocos definidos nos termos do modelo acima (Figura III), onde M 1 Pu significa sujeitos masculinos estudantes de escola pública com idades abaixo ou igual a 19 anos; M 1 Pa significa sujeitos masculinos estudantes de escola particular com idades abaixo ou igual a 19 anos; F 1 Pu significa sujeitos femininos estudantes de escola pública com idades abaixo ou igual a 19 anos; F 1 Pa significa sujeitos femininos estudantes de escola particular com idades abaixo ou igual a 19 anos; M 2 Pu significa sujeitos masculinos estudantes de escola pública com idades acima de 19 anos; M 2 Pa significa sujeitos masculinos estudantes de escola particular com idades acima de 19 anos; F 2 Pu significa sujeitos femininos estudantes de escola pública com idades acima de 19 anos; F 2 Pa significa sujeitos femininos estudantes de escola particular com idades acima de 19 anos.

Efeitos principais:

- Agressividade verbal em função de sexo

- a) **H1:** $M > F$
- b) **Formulação semântica:** Os sujeitos do sexo masculino têm, independente da idade e do tipo de escola, significativamente, escores médios maiores no fator agressividade verbal, que os sujeitos do sexo feminino.

- A agressividade verbal em função de idade:

- a) **H2:** Idade 1 > Idade 2
- b) **Formulação semântica:** Independentemente do sexo e do tipo de escola, a agressividade verbal é, significativamente, maior para pessoas mais jovens em relação às mais velhas.

- A agressividade verbal em função de tipo de escola:

- a) **H3:** $Pu > Pa$
- b) **Formulação semântica:** Independentemente do sexo e da idade, a agressividade verbal é, significativamente, maior para estudantes da rede pública de ensino do que da rede particular.

Interações de 1^o grau

- Interação entre sexo e idade na agressividade verbal:

O delineamento fatorial referente ao efeito de interação entre idade e sexo, será representado na Figura. V.

Idade	Sexo	
	M	F
1	(A) M1Pu + M1Pa	(B) F1Pu + F1Pa
2	(C) M2Pu + M2Pa	(D) F2Pu + F2Pa

Figura V: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre sexo e idade.

a) H4: $(A + D) > (B + C)$

b) Formulação gráfica:

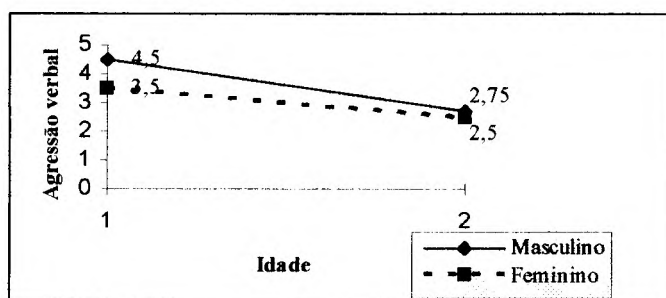


Figura VI: Expectativa hipotética de interação entre idade e sexo na agressão verbal

c) Formulação semântica: Independente do tipo de escola, há interação entre idade e sexo sobre a agressividade verbal, pois ela diminui mais com o aumento da idade para sujeitos do sexo masculinos do que para os de sexo feminino.

- Interação entre sexo e tipo de escola na agressividade verbal:

O delineamento que representa o efeito de interação entre sexo e idade na agressividade verbal será descrito na Figura VII.

Tipo de escola	Sexo	
	M	F
Pu	(A) MPu1 + MPu2	(B) F1Pu + F2Pu
Pa	(C) M1Pa + M2Pa	(D) F1Pa + F2Pa

Figura VII: Delineamento fatorial para o efeito de interação idade e tipo de escola.

a) **H5**: $(A + D) = (B + C)$

b) Formulação gráfica:

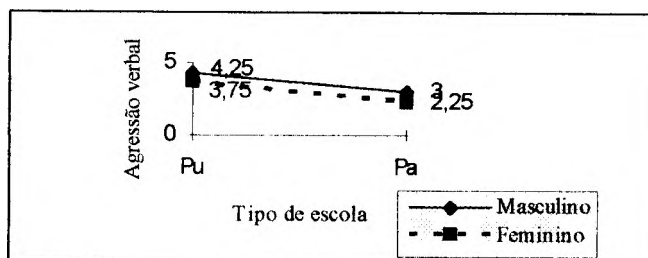


Figura VIII: Expectativa de interação entre sexo e tipo de escola na agressão verbal

c) Formulação semântica: Independente da idade, não existe efeito de interação entre sexo e tipo de escola na agressividade verbal, pois os sujeitos masculinos são mais agressivos do que os femininos igualmente na rede pública e particular.

- Interação entre idade e tipo de escola na agressividade verbal:

O delineamento que representa o efeito de interação entre idade e tipo de escola na agressividade verbal será descrito na Figura IX.

Tipo de escola	Idade	
	1	2
Pu	(A) M1Pu + F1Pu	(B) M2Pu + F2Pu
Pa	(C) M1Pa + F1Pa	(D) M2Pa + F2Pa

Figura IX: Delineamento fatorial para o efeito de interação idade e tipo de escola.

a) **H6**: $(A + D) < (B + C)$

b) Formulação gráfica:

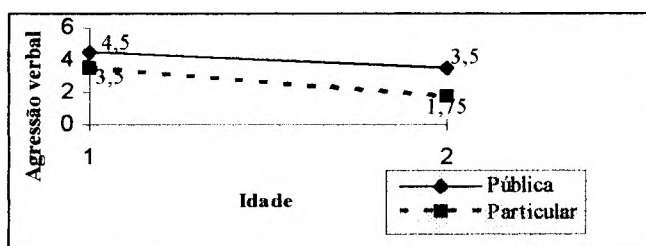


Figura X: Expectativa hipotética de interação entre idade e tipo de escola na agressão verbal.

- c) **Formulação semântica:** Independente do sexo, há interação entre idade e tipo de escola, pois para pessoas que estudam em escolas particulares a agressividade verbal diminui em maior grau para os estudantes mais velhos em relação aos mais novos que para os estudantes da rede pública.

Interação de 2º grau

- Interação entre sexo, idade e tipo de escola na agressividade verbal:

O delineamento que representa a hipótese sobre a interação de 2º grau na agressividade verbal foi representado anteriormente na Figura IV.

a) **H7:** $(MPu1 + MPa2) + (FPa1 + FPu2) = (MPu2 + MPa1) + (FPu1 + FPa2)$

- b) **Formulação semântica:** Na agressão verbal não há interação de 2º grau.

3.3.2 - A AGRESSIVIDADE FÍSICA E VARIÁVEIS SÓCIO-BIOGRÁFICAS:

Formulação gráfica: As hipóteses sobre as relações entre **agressividade física** e variáveis sócio-biográficas

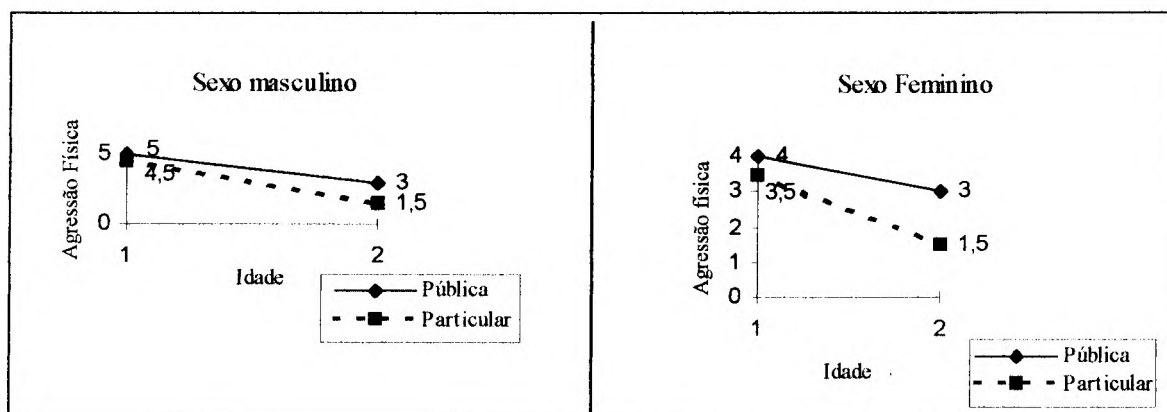


Figura XI: Expectativa hipotética para agressividade física

Efeitos principais:

- Agressividade física em função de sexo

a) **H1:** $M > F$

b) Formulação semântica: Independente do sexo e tipo de escola, a agressividade física é maior para os homens que para as mulheres. Ou seja, sujeitos do sexo masculino têm escores no fator agressividade física significativamente maiores que sujeitos do sexo feminino.

- Agressividade física em função de idade

a) **H2:** Idade 1 > Idade 2

b) Formulação semântica: A agressividade física, independente de sexo e tipo de escola, diminui com o aumento da idade dos sujeitos. Assim, sujeitos mais novos têm, significativamente, maiores escores na agressividade física comparados com sujeitos mais velhos.

- Agressividade física em função de tipo de escola

a) **H3:** $P_u > P_a$

b) Formulação semântica: Independente de sexo e idade, a agressividade física é, significativamente, maior para estudantes de escolas públicas em relação aos estudantes de escolas particulares. Isto é, estudantes de escolas públicas têm, significativamente, escores maiores na agressividade física que os estudantes de escolas particulares.

Interações de 1º. grau:

- Agressividade física em função de sexo e idade

O delineamento fatorial referente ao efeito de interação entre idade e sexo na agressividade física, será representado na Figura. XII.

Idade	Sexo	
	M	F
1	(A) M1Pu + M1Pa	(B) F1Pu + F1Pa
2	(C) M2Pu + M2Pa	(D) F2Pu + F2Pa

Figura XII: Delineamento fatorial para o efeito de interação sexo e idade.

a) **H4:** $(A + D) > (B + C)$

b) Formulação gráfica:

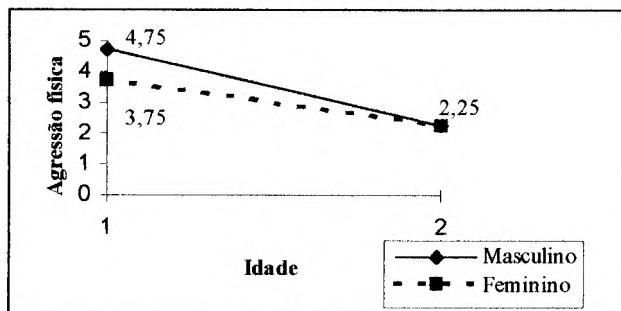


Figura XIII: Expectativa hipotética de interação entre idade e sexo na agressão física

c) Formulação semântica: A agressividade física, independente do tipo de escola, diminui mais com o aumento da idade para sujeitos do sexo masculino do que para os sujeitos de sexo feminino.

- Agressividade física em função de sexo e tipo de escola

O delineamento que representa o efeito de interação entre sexo e tipo de escola na agressividade física será descrito na Figura XIV.

Tipo de escola	Sexo	
	M	F
Pu	(A) MPu1 + MPu2	(B) F1Pu + F2Pu
Pa	(C) M1Pa + M2Pa	(D) F1Pa + F2Pa

Figura XIV: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre sexo e tipo de escola.

a) **H5**: $(A + D) = (B + C)$

b) Formulação Gráfica:

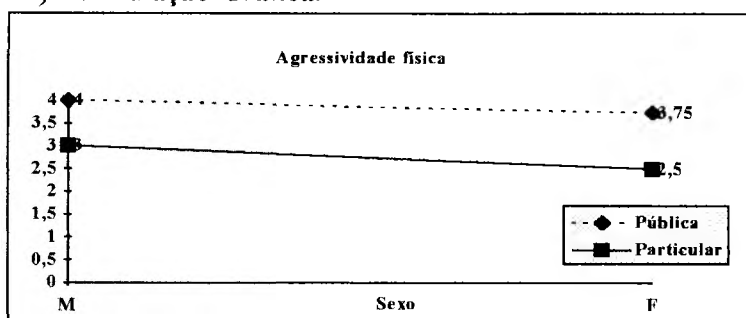


Figura XV: Expectativa de interação entre sexo e tipo de escola na agressão física

c) Formulação Semântica: Independente da idade não existe efeito de interação entre sexo e tipo de escola na agressão física, pois a agressividade física não varia com o sexo em relação ao tipo de escola dos sujeitos em qualquer idade.

- Agressividade física em função de idade e tipo de escola

O delineamento que representa o efeito de interação entre idade e tipo de escola na agressividade física será descrito na Figura XVI.

Tipo de escola	Idade	
	1	2
Pu	(A) MPu1 + FPu1	(B) M2Pu + F2Pu
Pa	(C) M1Pa + F1Pa	(D) M2Pa + F2Pa

Figura XVI: Delineamento fatorial para o efeito de interação entre idade e tipo de escola.

a) **H6:** $(A + D) = (B + C)$

b) Formulação gráfica de H6:

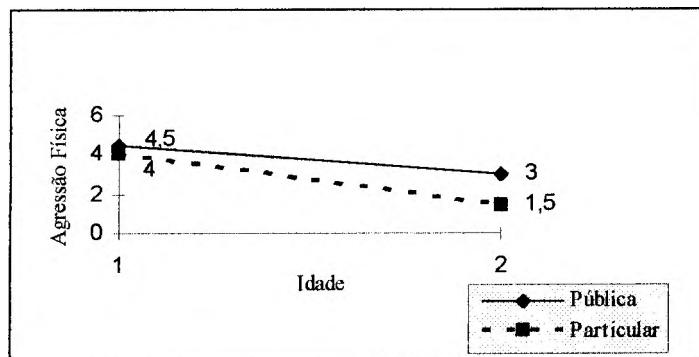


Figura XVII: Expectativa de hipótese de interação entre idade e tipo de escola

c) Formulação semântica: Independente do sexo não existe efeito de interação entre idade e tipo de escola na agressividade física. Assim, a agressividade física não muda com o aumento da idade em função do tipo de escola do sujeito.

Interações de 2º. grau:

- Agressividade física em função de sexo, idade e tipo de escola.

O delineamento que representa a hipótese sobre a interação de 2º. grau na agressividade física foi representado anteriormente na Figura XI.

a) **H7:** $(MPu1 + MPa2) + (FPa1 + FPu2) = (MPu2 + MPa1) + (FPu1 + FPa2)$

b) Formulação semântica: Na agressão física não existe efeito de interação de 2ª. ordem, ou seja interação entre sexo, idade e tipo de escola.

3.3.3 - A IRRITAÇÃO CONTIDA E VARIÁVEIS SÓCIO-BIOGRÁFICAS:

Formulação gráfica: As hipóteses sobre as relações entre **irritação contida** e variáveis sócio-biográficas

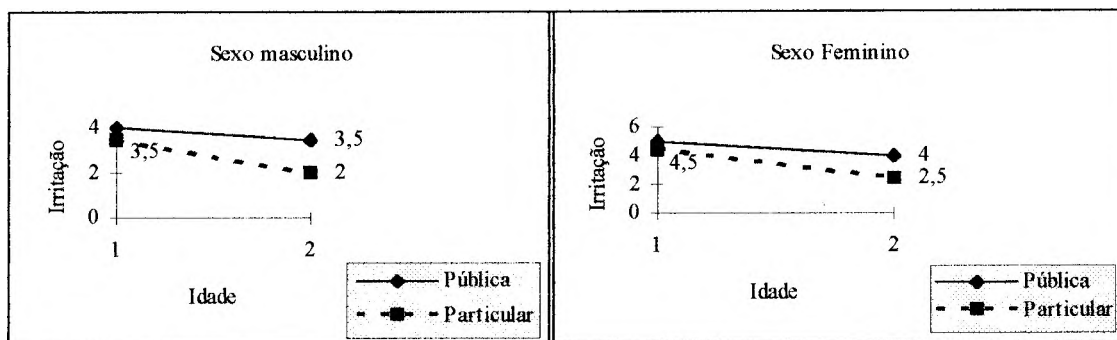


Figura XVIII: Expectativa hipotética para Irritação Contida

Efeitos principais:

- Irritação contida em função de sexo

a) **H1:** $M < F$

b) Formulação semântica: Independente de idade e tipo de escola os homens têm, significativamente, menores escores médios em irritação do que mulheres.

- Irritação contida em função de idade

a) **H2:** Idade 1 > Idade 2

b) Formulação semântica: Independente de sexo e tipo de escola os sujeitos mais novos têm escores maiores em irritação contida do que os sujeitos mais velhos.

- Irritação contida em função de tipo de escola

a) **H3:** $Pu > Pa$

b) Formulação semântica: Independente de sexo e idade a irritação contida é menor para estudantes de escolas particulares e comparação com estudantes de escolas públicas.

Interações de 1º. grau:

- Irritação contida em função de sexo e idade

O delineamento fatorial referente ao efeito de interação entre idade e sexo na irritação, será representado na Figura. XIX.

Idade	Sexo	
	M	F
1	(A) M1Pu + M1Pa	(B) F1Pu + F1Pa
2	(C) M2Pu + M2Pa	(D) F2Pu + F2Pa

Figura XIX: Delineamento fatorial para o efeito de interação sexo e idade.

a) H4: $(A + D) = (B + C)$

b) Formulação gráfica:

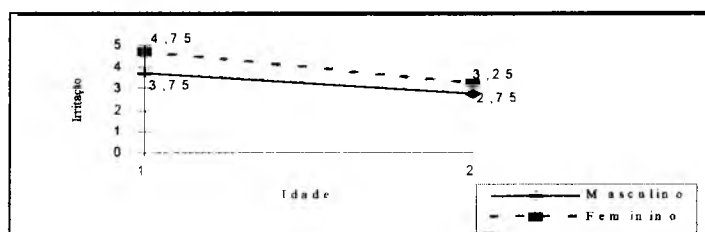


Figura XX: Expectativa de hipótese sobre a interação entre idade e sexo na irritação contida.

d) Formulação semântica: Independente de tipo de escola, não há efeito de interação entre sexo e idade na irritação contida

- Irritação contida em função de sexo e tipo de escola

O delineamento que representa o efeito de interação entre sexo e tipo de escola na irritação contida será descrito na Figura XXI.

Tipo de escola	Sexo	
	M	F
Pu	(A) MPu1 + MPu2	(B) F1Pu + F2Pu
Pa	(C) M1Pa + M2Pa	(D) F1Pa + F2Pa

Figura XXI: Delineamento fatorial para o efeito de interação sexo e tipo de escola.

a) **H5:** $(A + D) = (B + C)$

b) Formulação gráfica:

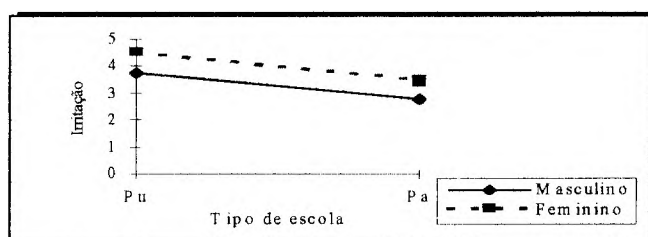


Figura XXII : Interação entre sexo e tipo de escola em Irritação Contida.

c) Formulação semântica: Independente de idade não existe efeito de interação entre sexo e tipo de escola na irritação contida.

- Irritação Contida em função de idade e tipo de escola

O delineamento que representa o efeito de interação entre idade e tipo de escola na irritação contida será descrito na Figura XXIII.

Tipo de escola	Idade	
	1	2
Pu	(A) MPu1 + FPu1	(B) M2Pu + F2Pu
Pa	(C) M1Pa + F1Pa	(D) M2Pa + F2Pa

Figura XXIII: Delineamento do efeito de interação entre idade e tipo de escola.

a) **H6:** $(A + D) = (B + C)$

b) Formulação gráfica:

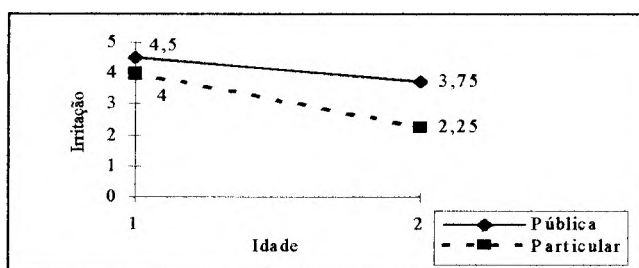


Figura XXIV: Efeito de interação hipotético entre idade e tipo de escola na irritação

c) Formulação Semântica: Independente de sexo, existe efeito de interação entre idade e tipo de escola na irritação contida, pois ela diminui em maior grau para sujeitos mais velhos em relação aos mais novos da rede particular do que para a rede pública de ensino.

Interações de 2º. grau:

- Irritação contida em função de sexo, idade e tipo de escola

O delineamento que representa a hipótese sobre a interação de 2º. grau na irritação contida foi representado anteriormente na Figura XVIII.

a) **H7:** $(MPu1 + MPa2) + (FPa1 + FPu2) = (MPu2 + MPa1) + (FPu1 + Fpa2)$

b) Formulação semântica: Não existe efeito de interação de 2o. grau, ou seja, entre sexo, idade e tipo de escola na irritação contida.

3.3.4 - A AGRESSIVIDADE GERAL E VARIÁVEIS SÓCIO-BIOGRÁFICAS:

Formulação gráfica: As hipóteses sobre as relações entre **agressividade geral** e variáveis sócio-biográficas.

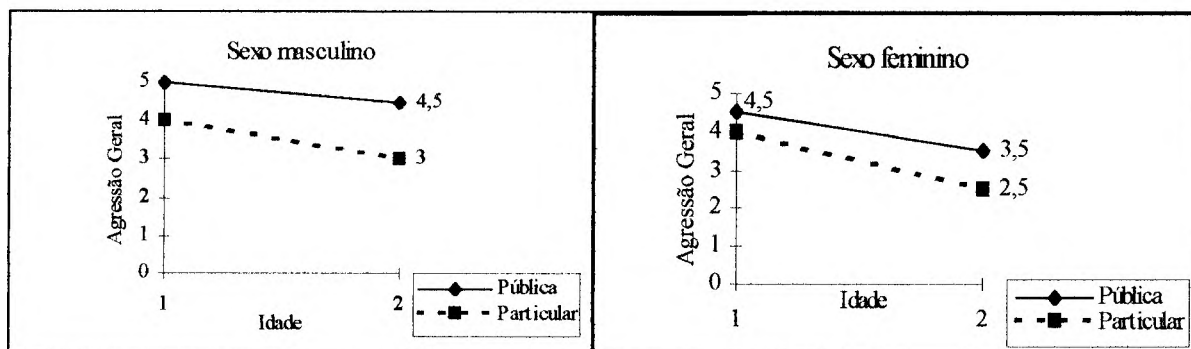


Figura XXV: Delineamento hipotético da relação agressividade geral e variáveis sócio-biográficas

Efeitos principais:

- Agressividade geral em função de sexo

- a) **H1:** $M > F$
- b) Formulação semântica: Os homens, independente de idade e tipo de escola, têm significativamente maiores escores médios, em relação às mulheres, na agressividade geral.

- Agressividade geral em função de idade

- a) **H2:** Idade 1 > Idade 2
- b) Formulação semântica: Independente de sexo e tipo de escola, sujeitos mais novos têm escores maiores em agressão geral do que os sujeitos mais velhos.

- Agressividade geral em função de tipo de escola

- a) **H3:** $Pu > Pa$
- b) Formulação semântica: Independente de sexo e idade a agressão geral é menor em estudantes de escolas particulares do que em estudantes de escolas públicas.

Interações de 1º grau:

- Agressividade geral em função de sexo e idade

O delineamento fatorial referente ao efeito de interação entre idade e sexo na agressividade geral será representado na Figura XXVI.

Idade	Sexo	
	M	F
1	(A) M1Pu + M1Pa	(B) F1Pu + F1Pa
2	(C) M2Pu + M2Pa	(D) F2Pu + F2Pa

Figura XXVI: Delineamento fatorial para o efeito de interação sexo e idade.

a) **H4:** $(A + D) = (B + C)$

b) Formulação gráfica:

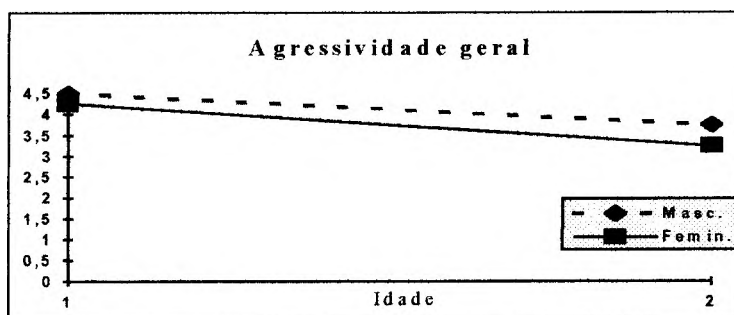


Figura XXVII: Efeito de interação entre sexo e idade na agressividade geral

c) Formulação semântica: Independente de tipo de escola não existe interação entre idade e sexo na agressividade geral.

- Agressividade geral em função de sexo e tipo de escola

O delineamento que representa o efeito de interação entre sexo e tipo de escola na agressividade geral será descrito na Figura XXVIII.

Tipo de escola	Sexo	
	M	F
Pu	(A) MPu1 + MPu2	(B) F1Pu + F2Pu
Pa	(C) M1Pa + M2Pa	(D) F1Pa + F2Pa

Figura XXVIII: Delineamento fatorial para o efeito de interação sexo e tipo de escola.

a) **H5:** $(A + D) > (B + C)$

b) Formulação Gráfica:

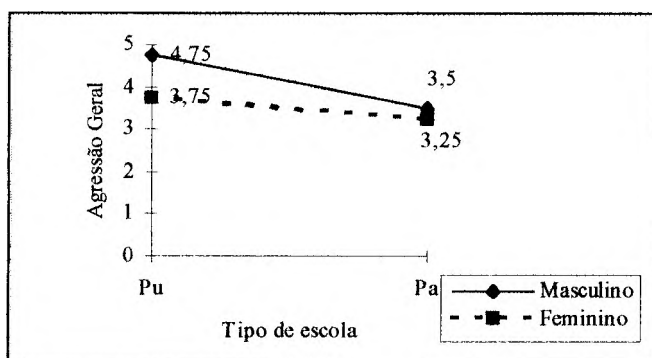


Figura XXIX: Formulação gráfica da hipótese H5

c) Formulação Semântica: Independente de idade a agressividade geral diminui mais para estudantes do sexo masculino de escola pública em relação aos de escola particular, do que para estudantes do sexo feminino de escola pública em relação às estudantes de escola particular.

- Agressividade geral em função de idade e tipo de escola.

O delineamento que representa o efeito de interação entre idade e tipo de escola na agressividade geral será descrito na Figura XXX.

Tipo de escola	Idade	
	1	2
Pu	(A) MPu1 + FPu1	(B) M2Pu + F2Pu
Pa	(C) M1Pa + F1Pa	(D) M2Pa + F2Pa

Figura XXX: Delineamento fatorial para o efeito de interação idade e tipo de escola.

a) **H6:** $(A + D) = (B + C)$

b) Formulação gráfica:

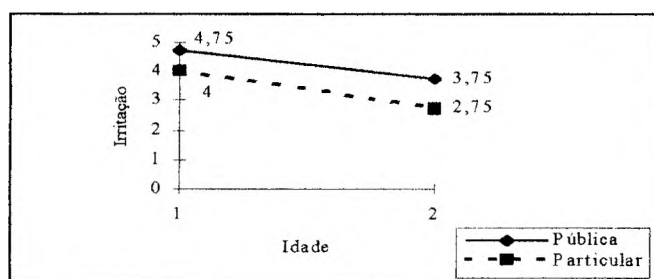


Figura XXXI: Representação gráfica da hipótese 6.

c) Formulação semântica: Independente de sexo, não existe interação entre idade e tipo de escola na agressividade geral.

Interações de 2º grau:

- Agressividade geral em função de sexo, idade e tipo de escola.

O delineamento que representa a hipótese sobre a interação de 2º grau na agressividade verbal foi representado anteriormente na Figura XXV.

a) **H7:** $(MPu1 + MPa2) + (FPa1 + FPu2) = (MPu2 + MPa1) + (FPu1 + FPa2)$

- b) Formulação semântica de H7: Não existe efeito de interação entre sexo, idade e tipo de escola na agressão geral.

3.3.5 - LIDAR COM CRÍTICAS E VARIÁVEIS SÓCIO-BIOGRÁFICAS:

Formulação gráfica: As hipóteses sobre as relações entre lidar com críticas e variáveis sócio-biográficas.

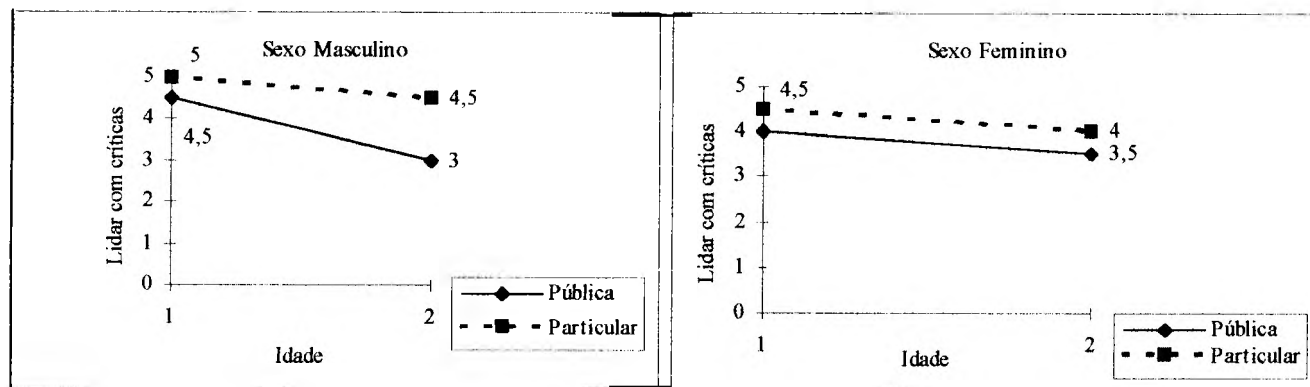


Figura XXXII: Delineamento hipotético da relação entre Lidar com críticas e variáveis sócio-biográficas.

Efeitos principais:

- Lidar com críticas em função de sexo

a) H1: $M > F$

- b) Formulação semântica: Independente de idade e tipo de escola, os sujeitos masculinos têm escores médios maiores em 'Lidar com críticas' que sujeitos femininos.

- Lidar com críticas em função de idade

a) H2: Idade 1 > Idade 2

- b) Formulação semântica: Independente de sexo e tipo de escola, os sujeitos mais jovens têm escores médios maiores em Lidar com críticas que os mais velhos.

- Lidar com críticas em função de tipo de escola

- a) **H3:** $P_u < P_a$
- b) Formulação semântica: Independente de sexo e idade, a capacidade em lidar com críticas é maior para estudantes de escolas particulares que de escolas públicas.

Interações de 1º. grau:

- Lidar com críticas em função de sexo e idade

O delineamento fatorial referente ao efeito de interação entre idade e sexo na variável critério ‘lidar com críticas’ será representado na Figura. XXXIII.

Idade	Sexo	
	M	F
1	(A) M1Pu + M1Pa	(B) F1Pu + F1Pa
2	(C) M2Pu + M2Pa	(D) F2Pu + F2Pa

Figura XXXIII: Delineamento fatorial para o efeito de interação sexo e idade.

- a) **H4:** $(A + D) = (B + C)$
- b) Formulação gráfica:

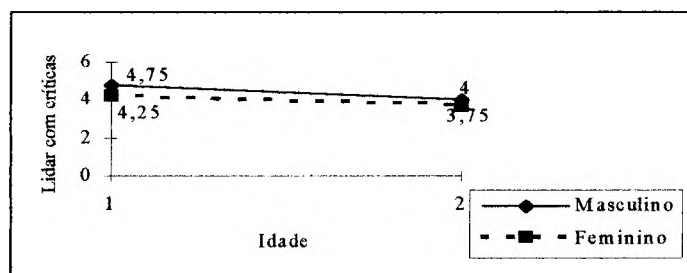


Figura XXXIV: Efeito de interação entre sexo e idade

c) Formulação semântica: Independente de tipo de escola, não existe efeito de interação entre sexo e idade em lidar com críticas.

- Lidar com críticas em função de sexo e tipo de escola

O delineamento que representa o efeito de interação entre sexo e tipo de escola na variável critério 'lidar com críticas' será descrito na Figura XXXV.

Tipo de escola	Sexo	
	M	F
Pu	(A) MPu1 + MPu2	(B) F1Pu + F2Pu
Pa	(C) M1Pa + M2Pa	(D) F1Pa + F2Pa

Figura XXXV: Delineamento fatorial para o efeito de interação sexo e tipo de escola.

a) **H5:** $(A + D) = (B + C)$

b) Formulação Gráfica:

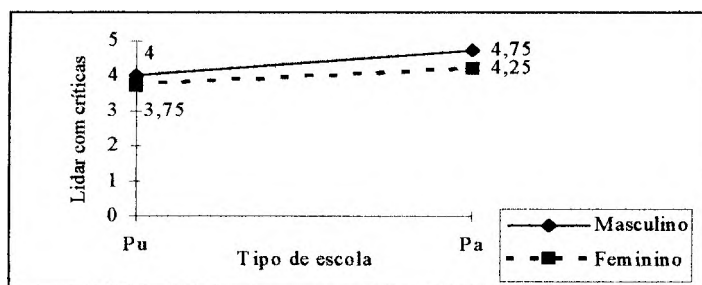


Figura XXXVI: Efeito de interação entre sexo e tipo de escola

c) Formulação semântica: Independente de idade não existe efeito de interação entre sexo e tipo de escola em lidar com críticas.

- Lidar com críticas em função de idade e tipo de escola

O delineamento que representa o efeito de interação entre idade e tipo de escola na variável critério 'lidar com críticas' será descrito na Figura .

Tipo de escola	Idade	
	1	2
Pu	(A) MPu1 + FPu1	(B) M2Pu + F2Pu
Pa	(C) M1Pa + F1Pa	(D) M2Pa + F2Pa

Figura XXXVII: Delineamento para o efeito de interação entre idade e tipo de escola

a) H6: $(A + D) = (B + C)$

b) Formulação gráfica:

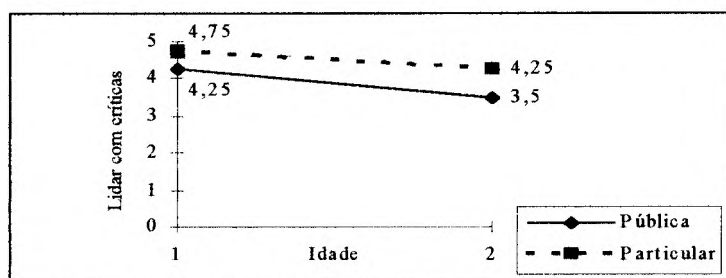


Figura XXXVIII: Representação gráfica da hipótese 6

c) Formulação semântica: Independente de sexo, não existe efeito de interação entre idade e tipo de escola em lidar com críticas.

Interações de 2º grau:

- Lidar com críticas em função de sexo, idade e tipo de escola.

O delineamento que representa a hipótese sobre a interação de 2º grau na agressividade verbal foi representado anteriormente na Figura XXXII.

a) H7: $(MPu1 + MPa2) + (FPa1 + FPu2) = (MPu2 + MPa1) + (FPu1 + Fpa2)$

b) Formulação semântica: Não existe efeito de interação entre sexo, idade e tipo de escola em lidar com críticas.

3.3.6 - INICIATIVA E VARIÁVEIS SÓCIO-BIOGRÁFICAS:

Formulação gráfica: As hipóteses sobre as relações entre **iniciativa** e variáveis sócio-biográficas.

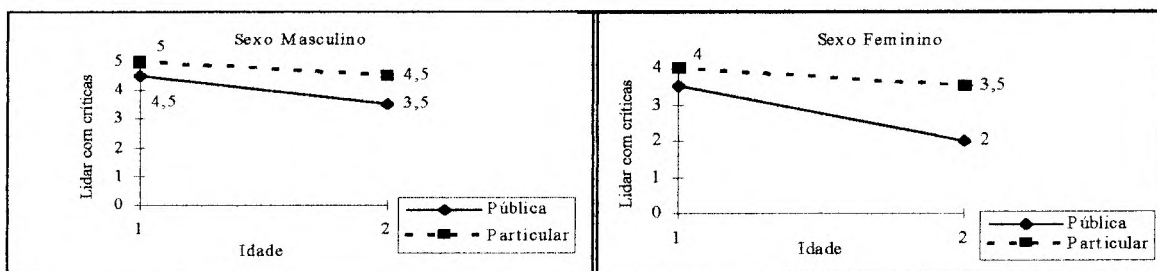


Figura XXXIX: Delineamento hipotético para iniciativa e variáveis sócio-biográficas

Efeitos Principais:

- Iniciativa em função de sexo

- a) **H1:** $M > F$.
- b) Formulação semântica: Independente de idade e tipo de escola, os sujeitos masculinos possuem maiores escores médios em iniciativa que sujeitos femininos.

- Iniciativa em função de idade

- a) **H2:** Idade 1 > Idade 2
- b) Formulação semântica: Independente de sexo e tipo de escola, iniciativa é, significativamente, maior para sujeitos mais novos em relação aos mais velhos.

- Iniciativa em função de tipo de escola

- a) **H3:** $Pu < Pa$
- b) Formulação semântica: Independente de sexo e idade, iniciativa é maior para estudantes de escolas particulares que para estudantes de escolas públicas.

Interações de 1º. grau:

- Iniciativa em função de sexo e idade

O delineamento fatorial referente ao efeito de interação entre idade e sexo na variável critério 'iniciativa' será representado na Figura XL.

Idade	Sexo	
	M	F
1	(A) M1Pu + M1Pa	(B) F1Pu + F1Pa
2	(C) M2Pu + M2Pa	(D) F2Pu + F2Pa

Figura XL: Delineamento hipotético para o efeito de interação entre sexo e idade.

a) H4: $(A + D) = (B + C)$

b) Formulação gráfica:

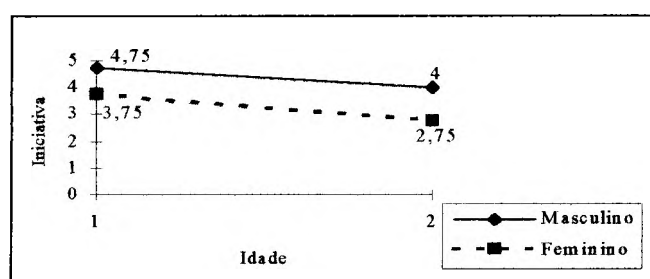


Figura XLI: Representação gráfica da hipótese 4

c) Formulação semântica: Independente de tipo de escola, não existe efeito de interação entre sexo e idade na iniciativa.

- Iniciativa em função de sexo e tipo de escola

O delineamento que representa o efeito de interação entre sexo e tipo de escola na variável critério 'iniciativa' será descrito na Figura XLII.

Tipo de escola	Sexo	
	M	F
Pu	(A) MPu1 + MPu2	(B) F1Pu + F2Pu
Pa	(C) M1Pa + M2Pa	(D) F1Pa + F2Pa

Figura XLII: Delineamento hipotético para o efeito de interação entre sexo e tipo de escola.

a) **H5:** $(A + D) = (B + C)$

b) Formulação Gráfica:

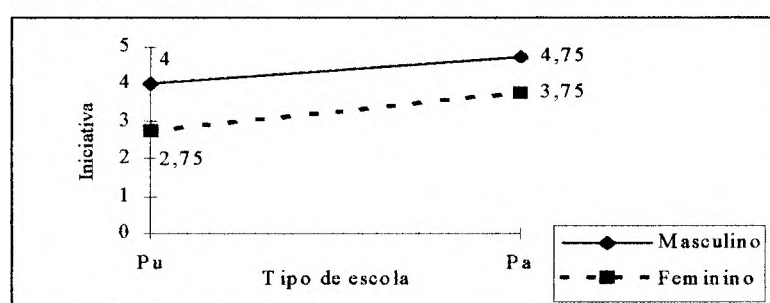


Figura XLIII: Efeito de interação entre sexo e tipo de escola

c) Formulação semântica: Independente de idade, não existe efeito de interação entre sexo e tipo de escola na iniciativa.

- Iniciativa em função de idade e tipo de escola

O delineamento que representa o efeito de interação entre idade e tipo de escola na variável critério 'lidar com críticas' será descrito na Figura XLIV.

Tipo de escola	Idade	
	1	2
Pu	(A) MPu1 + FPu1	(B) M2Pu + F2Pu
Pa	(C) M1Pa + F1Pa	(D) M2Pa + F2Pa

Figura XLIV: Delineamento hipotético para o efeito de interação idade e tipo de escola.

a) **H6:** $(A + D) < (B + C)$

b) Formulação gráfica:

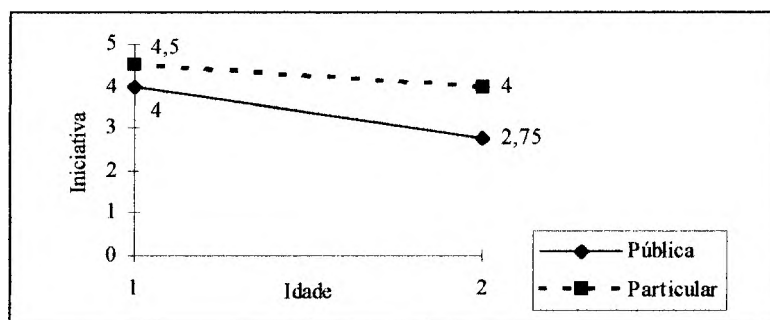


Figura XLV: Efeito de interação entre idade e tipo de escola na iniciativa

c) Formulação semântica: Independente de sexo, iniciativa diminui mais com o aumento da idade para estudantes de escolas públicas que para estudantes de escolas particulares.

Interações de 2º. grau:

- Iniciativa em função de sexo, idade e tipo de escola.

O delineamento que representa a hipótese sobre a interação de 2º. grau na agressividade verbal foi representado anteriormente na Figura XXXIX.

a) **H7:** $(MPu1 + MPa2) + (FPa1 + FPu2) = (MPu2 + MPa1) + (FPu1 + Fpa2)$

b) Formulação semântica: Não existe efeito de interação entre sexo, idade e tipo de escola na iniciativa.

4 - ANÁLISES ESTATÍSTICAS:

As análises estatísticas que serão utilizadas nesta parte da pesquisa englobam correlação bivariada, análise de variância e correlação canônica. A correlação bivariada visa estudar a relação, de uma forma geral, entre todas as variáveis (fatores de agressividade, fatores de assertividade e dados sócio-biográficos), mas principalmente entre os fatores da escala de agressividade e os fatores da escala de assertividade (H1). As análises de variância têm como objetivo estudar a relação entre a assertividade, agressividade e variáveis sócio-biográficas. E a correlação canônica visa a elaboração de um modelo para explicar as relações citadas acima.

5 - RESULTADOS:

5.1 - CORRELAÇÃO BIVARIADA

Verificou-se para cada caso a existência de *outliers* multivariados nos escores dos fatores das Escalas de Agressividade e Assertividade por meio da análise das distâncias de *Mahalanobis*. Dez *outliers* foram encontrados, sendo que 4 para o fator **agressividade física**, 1 para o fator **irritação contida**, 2 para **agressividade geral** e 3 para o fator **lidar com críticas**. Os casos considerados *outliers* foram excluídos das análises estatísticas desta parte do trabalho.

A verificação das hipóteses sobre as relações entre os fatores da Escala de Agressividade e os fatores da Escala de Assertividade e entre as variáveis sócio-biográficas foi feita, primeiramente, utilizando-se correlação bivariada através do *Produto-Momento de Pearson*. Na Tabela 14, encontram-se essas correlações.

Tabela 14: Correlações entre as variáveis agressividade, assertividade e sócio-biográficas.

	AGRESSÃO VERBAL	AGRESSÃO FÍSICA	IRRITA- ÇÃO	AGRESSÃO GERAL	LIDAR CRÍTICAS	INICIA- TIVA	TIPO DE ESCOLA	IDADE	ESCOLA- RIDADE
AGRESSÃO FÍSICA	.64**								
IRRITAÇÃO	.53**	.47**							
AGRESSÃO GERAL	.86**	.91**	.67**						
LIDAR COM CRÍTICAS	.18**	.04	.04	.08*					
INICIATIVA	.34**	.42**	.11**	.39**	.56**				
TIPO DE ESCOLA	.21**	.31**	.12**	.28**	.12**	.29**			
IDADE	-.19**	-.32**	-.17**	-.29**	.05	-.13**	-.26**		
ESCOLA- RIDADE	-.10**	-.33**	-.17**	-.27**	.11**	-.17**	-.30**	.66**	
SEXO	-.04	-.25**	.13**	-.13**	-.16**	-.46**	-.19**	.04	.01

** p < .001 e * P < .05

Os dados da Tabela 14 podem ser resumidos como se segue:

- 1) **agressividade verbal**: correlaciona-se positivamente com todos os demais fatores e tipo de escola, negativamente com idade e escolaridade e não se correlaciona com sexo.
- 2) **agressividade física**: correlaciona-se positivamente com a variável tipo de escola e com todos os outros fatores, exceto lidar com críticas. Correlaciona-se negativamente com idade, escolaridade e sexo.
- 3) **irritação contida**: também, correlacionou-se positivamente com as variáveis sexo e tipo de escola e com os demais fatores, exceto lidar com críticas. E correlacionou-se negativamente com idade e escolaridade.
- 4) **agressividade geral**: correlaciona-se com todos os fatores e variáveis, positivamente, com exceção de sexo, com a qual possui correlação negativa.
- 5) **lidar com críticas**: tem correlação positiva com agressividade verbal e geral e com iniciativa. Possui correlação positiva, também, com tipo de escola, escolaridade, e negativa com sexo, mas não se correlaciona com idade.
- 6) **iniciativa**: correlaciona-se positivamente com todos os fatores e com a variável tipo de escola e negativamente com idade, escolaridade e sexo.
- 7) **tipo de escola**: está correlacionado com idade ($r=-.26$; $p=.00$), escolaridade ($r=-.30$; $p=.00$) e sexo ($r=-.19$; $p=.00$).
- 8) **idade**: está correlacionada com escolaridade ($r=.66$; $p=.00$), mas não está correlacionada com sexo ($r=.04$; $p=.32$).
- 9) **escolaridade**: também, não está correlacionada com sexo ($r=.01$, $p=.85$).

Pode-se considerar por esses resultados que o fator da Escala de Agressividade, **agressividade verbal** está positivamente correlacionado com os fatores da Escala de Assertividade, **iniciativa** ($r^2 = .34$, $p < .001$) e **lidar com críticas** ($r^2 = .18$, $p < .001$), sendo que a correlação com **lidar com críticas** é baixa. Já o fator **agressividade física** tem correlação apenas com o fator **iniciativa** ($r^2 = .42$, $p < .001$) da Escala de Assertividade, esta correlação também é positiva. O fator **irritação contida** possui uma pequena correlação com **iniciativa** ($r^2 = .11$, $p < .001$). E o fator de segunda ordem da Escala de Agressividade, **agressividade geral**, tem correlação positiva com os dois fatores da Escala de Assertividade, sendo que a correlação é mais forte para **iniciativa** ($r^2 = .39$, $p < .001$) e bem mais fraca para **lidar com críticas** ($r^2 = .08$, $p < .05$). Assim, pode-se concluir que a hipótese H1 da seção 2 é confirmada, de forma geral, para a relação entre os fatores da agressividade e iniciativa, mas as correlações entre esses fatores e lidar com críticas é baixa, sugerindo apenas alguns indícios de relação; porém é importante ressaltar que todas as correlações entre os fatores das escalas são positivas conforme esperado.

5.2 - ANÁLISES DE VARIÂNCIA

As análises de variância tiveram como objetivo verificar as diferenças entre as médias nos níveis de agressividade e de assertividade nos blocos do delineamento descritos na seção 3.2 e os efeitos de interação entre as variáveis sócio-biográficas.

Para análise da variância utilizou-se ANOVA, com método hierárquico. As variáveis critério foram os fatores da Escala de Agressividade (agressividade verbal, agressividade física, irritação contida, agressividade geral) e da Escala de Assertividade (lidar com críticas e iniciativa). As variáveis antecedentes foram idade, sexo e tipo de escola.

A idade, que era, originalmente, uma variável contínua, foi recodificada antes de ser submetida à análise de variância. Assim, por possuir relação linear com as variáveis critério (ver Anexo 3), foi transformada em discreta com dois níveis de categorização, o nível 1 para idades entre 14 e 19 anos e o nível 2 para idades entre 20 e 41 anos. Essa variável foi recodificada em dois níveis, pois o número de sujeitos na amostra foi insuficiente para evitar que os blocos de delineamento ficassem vazios nas recodificações em níveis maiores.

Foi utilizado o seguinte delineamentos de pesquisa 2 X 2 X 2 para cada variável critério, tendo como variáveis antecedentes idade, sexo e tipo de escola.

A ordem em que as variáveis antecedentes entraram nas equações de análise de variância foi ditada pela teoria e pela correlação dessas variáveis com a variável critério, ou seja, sexo e idade, que já foram citadas em outras pesquisas como interferindo nos construtos agressividade e assertividade (Deluty, 1985), tiveram prioridade de entrada na equação. Tipo de escola sempre entrou na equação após idade e sexo. Para decidir qual das duas variáveis, sexo ou idade, entraria primeiro na equação observou-se o valor de r^2 , aquela que tivesse maior correlação com a variável critério entraria primeiro na equação. Portanto a ordem de prioridade de entrada na equação foi sexo e/ou idade e tipo de escola, o ‘e/ou’ refere-se ao fato da ordem de entrada dessas variáveis antecedentes leve em conta o tamanho do r^2 nas variáveis critério.

5.2.1 - A agressividade verbal

a) DESCRIÇÃO DOS DADOS

A Tabela 15 descreve as médias e desvios padrões da agressividade verbal pelas variáveis sócio-biográficas.

Tabela 15: Média e desvio padrão de agressividade verbal por idade, sexo e tipo de escola.

Variável	Idade		Tipo de escola		Sexo	
	14 - 19	20 - 41	Pública	Privada	Masc.	Femin.
Agressividade verbal						
Média	2.75	2.51	2.59	2.90	2.75	2.69
Desvio Padrão	.72	.65	.68	.74	.73	.70
Nº de sujeitos	540	115	405	254	262	398

A Tabela 15 mostra que aparentemente não existe diferenças nas médias da agressividade verbal, mas o número de casos em cada bloco do delineamento é grande e desigual, sendo necessário verificar a existência ou não de diferença entre as médias através da análise de variância.

b) ANÁLISE DE VARIÂNCIA

De acordo com a tabela de correlações (Tabela 14), a variável sexo não está correlacionada com a variável critério agressividade verbal, mas ela entrou na ANOVA porque está correlacionada com tipo de escola. A ordem de entrada das variáveis antecedentes na equação foi idade, sexo e tipo de escola. A Tabela 16 apresenta os resultados desta ANOVA.

Tabela 16: Análise de variância para a variável critério AGRESSIVIDADE VERBAL e variáveis antecedentes idade, sexo e tipo de escola.

FONTES DE VARIAÇÃO	β	GL	MQ	F	p	R ²
EFEITOS PRINCIPAIS:						.048
IDADE	.07	1	5.16	10.50	.000	
SEXO	.00	1	.43	.87	.352	
TIPO DE ESCOLA	.19	1	10.45	21.28	.000	
INTERAÇÕES DE I GRAU:						
IDADE X SEXO		1	.02	.03	.853	
IDADE X TIPO DE ESCOLA		1	.15	.30	.582	
SEXO X TIPO DE ESCOLA		1	.25	.51	.477	
INTERAÇÕES DE II GRAU:						
IDADE X SEXO X TIPO DE ESCOLA		1	.20	.40	.528	
RESÍDUO:		646	.49			
TOTAL:		653	.51			

De acordo com a Tabela 16, conclui-se que as variáveis antecedentes idade ($F=10.55$, $p<.001$) e tipo de escola ($F=22.24$, $p<.01$) de fato fazem diferença nos escores da agressividade verbal, porém sexo, não ($F=.87$, $p=.35$). O R^2 é pequeno, mostrando que a variância da agressividade verbal explicada pelas variáveis idade e tipo de escola é de apenas 4, 8%. Mesmo assim, a análise de variância sugere que os sujeitos mais velhos têm agressividade verbal significativamente menor que os sujeitos mais jovens e que estudantes de escolas particulares são, significativamente, mais agressivos na agressividade verbal que estudantes de escolas públicas. O que corrobora a hipótese H2, mas não as hipóteses H1 e H3 para essa variável critério. Nenhum efeito de interação foi encontrado entre as variáveis antecedentes, não corroborando as hipóteses H4 e H6 para essa variável critério.

5.2.2 - A agressividade física

a) DESCRIÇÃO DOS DADOS

A Tabela 17 mostra as médias e desvios padrões da *agressividade física* para as diferentes classes das variáveis sócio-biográficas.

Tabela 17: Média e desvio padrão de AGRESSIVIDADE FÍSICA por idade, sexo e tipo de escola.

Variável	Idade		Sexo		Tipo de escola	
	14 - 19	20 - 41	Masc.	Femin.	Pública	Particular
Agressividade verbal						
Média	2.13	1.73	2.21	1.95	1.92	2.27
Desvio Padrão	.56	.40	.61	.50	.49	.59
Nº de sujeitos	536	115	258	398	404	251

A Tabela 17 mostra que o número de casos em cada nível das variáveis antecedentes é grande e desigual. As médias da agressividade física nos blocos de delineamento parecem diferir. Visando confirmar a possível existência dessas diferenças foram feitas análises de variância.

b) ANÁLISE DE VARIÂNCIA

Na ANOVA da **agressividade física** pelas variáveis sócio-biográficas, a ordem de entrada dessas variáveis na equação foi idade, sexo e tipo de escola seguindo os critérios descritos anteriormente. A Tabela 18 apresenta os resultados dessa ANOVA.

Tabela 18: Análise de variância para a variável critério AGRESSIVIDADE FÍSICA e variáveis antecedentes idade, sexo e tipo de escola.

FONTES DE VARIAÇÃO	β	GL	MQ	F	p	R ²
EFEITOS PRINCIPAIS:						.170
IDADE	.21	1	14.94	58.46	.000	
SEXO	.20	1	9.98	39.04	.000	
TIPO DE ESCOLA	.21	1	7.72	30.20	.000	
INTERAÇÕES DE I GRAU:						
IDADE X SEXO		1	.85	3.31	.069	
IDADE X TIPO DE ESCOLA		1	1.20	4.71	.030	
SEXO X TIPO DE ESCOLA		1	.31	1.21	.272	
INTERAÇÕES DE II GRAU:						
IDADE X SEXO X TIPO DE ESCOLA		1	.17	.65	.419	
RESÍDUO:		642				
TOTAL:		649				

Os resultados apresentados na Tabela 18 mostram que as variáveis idade ($F=58.46$, $p=.00$), sexo ($F=39.04$, $p=.00$) e tipo de escola ($F=30.20$, $p=.00$) são fontes de variação do fator agressividade física. A tabela, também, apresenta o efeito de interação entre idade e tipo de escola ($F=4.71$, $p=.03$). A variância de agressividade física explicada pelas variáveis antecedentes foi de 17%. Conclui-se a partir dessa tabela que as pessoas mais jovens possuem maior agressividade física que as mais velhas; que os homens são mais agressivos fisicamente que as mulheres e que estudantes da rede particular de ensino são mais agressivos fisicamente que os estudantes da rede pública. Esses resultados confirmam as hipóteses H1 e H2, mas não a hipótese H3. O efeito de interação entre idade e tipo de escola mostra que essas variáveis quando analisadas juntos irão influenciar diferentemente a variável critério.

O gráfico da Figura XLV representa o efeito de interação entre idade e tipo de escola. Os valores descritos no gráfico são as médias dos sujeitos nos blocos de delineamento a que se referem.

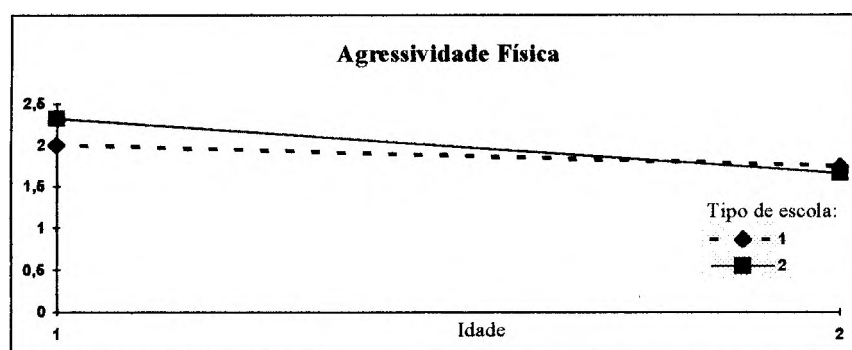


Figura XLV: Efeito de interação entre idade e tipo de escola na agressão física

A partir do efeito de interação entre idade e tipo de escola, pode-se concluir que estudantes de escolas particulares (2) têm maior *agressividade física* que os de escolas públicas (1) apenas quando possuem idade de 14 a 19 anos, o mesmo não ocorre entre os estudantes com idades entre 20 e 41 anos. Esse efeito de interação difere do efeito proposto pela hipótese H6 da seção 3.3.2. Entretanto ele pode ajudar a explicar o fato dos estudantes de escolas particulares serem mais agressivos que estudantes de escolas públicas, já que aqueles também eram mais novos conforme demonstrado pela tabela de correlações bivariadas (Tabela 14).

5.2.3 - A Irritação Contida:

a) DADOS DESCRITIVOS

A Tabela 19 apresenta as médias e desvios padrões para *irritação contida* nas variáveis antecedentes idade, sexo e tipo de escola.

Tabela 19: Média e desvio padrão de IRRITAÇÃO CONTIDA por idade, sexo e tipo de escola.

Variável	Idade		Sexo		Tipo de escola	
	14 - 19	20 - 41	Masc.	Femin.	Pública	Particular
Agressão verbal						
Média	3.25	2.99	3.08	3.28	3.13	3.31
Desvio Padrão	.76	.66	.74	.74	.73	.76
N.º de sujeitos	539	115	262	397	405	253

A Tabela 19 mostra que o número de casos em cada bloco do delineamento é grande e desigual, parecendo haver diferenças muito pequenas entre as médias. Será realizada análise de variância visando verificar se essas diferenças são significativas.

b) ANÁLISES DE VARIÂNCIA

A variável *irritação contida* está correlacionada com todas as variáveis antecedentes (sexo, idade e tipo de escola), então realizou-se uma análise de variância para a variável critério *irritação contida* pelas variáveis antecedentes. A ordem de entrada das variáveis antecedentes na equação foi idade, depois sexo e por último tipo de escola, de acordo com o critério descrito anteriormente.

Na Tabela 20 estão descritos os resultados da ANOVA de *irritação contida* por idade, sexo e tipo de escola.

Tabela 20: ANOVA para a variável critério IRRITAÇÃO CONTIDA e variáveis antecedentes.

FONTE DE VARIAÇÃO	β	GL	MQ	F	p	R²
EFEITOS PRINCIPAIS:						.045
IDADE	.10	1	6.19	11.68	.001	
SEXO	.15	1	6.86	12.93	.000	
TIPO DE ESCOLA	.11	1	4.65	8.77	.003	
INTERAÇÕES DE I GRAU:						
IDADE X SEXO		1	.74	1.39	.240	
IDADE X TIPO DE ESCOLA		1	2.17	4.09	.044	
SEXO X TIPO DE ESCOLA		1	.61	1.15	.283	
INTERAÇÕES DE II GRAU:						
IDADE X SEXO X TIPO DE ESCOLA		1	.05	.10	.75	
RESÍDUO:		645	.53			
TOTAL:		652	.56			

A Tabela 20 mostra que as variáveis antecedentes idade ($F=11.67$, $p < .01$), sexo ($F=12.93$ $p < .01$) e tipo de escola ($F=8.77$, $p < .01$) são fontes de variabilidade da variável critério *irritação contida*. As variáveis antecedentes explicam apenas 4,5% da variabilidade da variável critério. Mesmo assim, pode-se dizer que quem tem maior irritação contida são as pessoas mais novas, as mulheres, e os estudantes de escolas particulares. Esses resultados confirmam as hipóteses H1 e H2 da seção 3.3.3 e não confirmam a hipótese H3 daquela seção. De acordo com a Tabela 20 existe efeito de interação entre idade e tipo de escola ($F=3.89$, $p = .05$). A Figura XLVI apresenta esse efeito de interação.

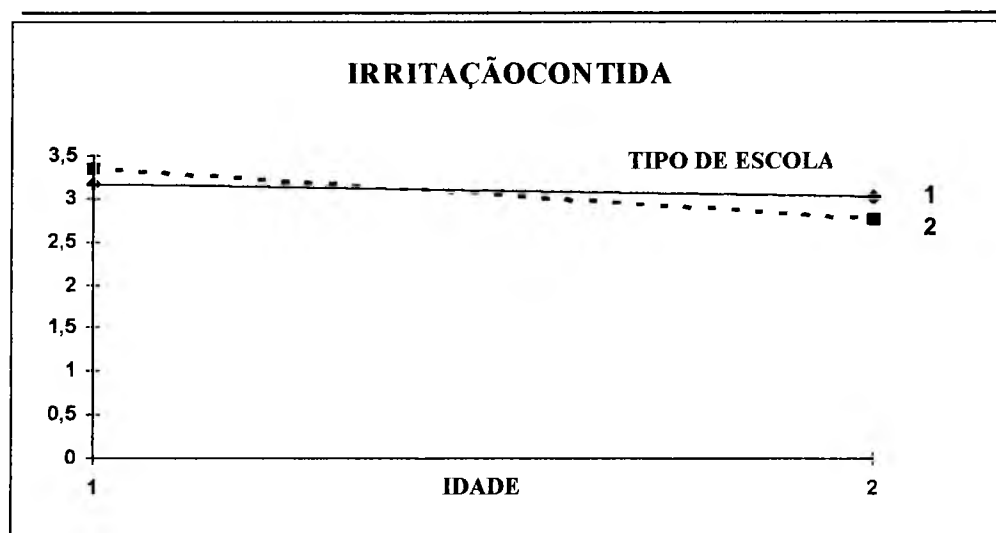


Figura XLVI: Representação do efeito de interação entre idade e tipo de escola na Irritação Contida

O efeito de interação apresentado pela Figura XLVI sugere que a *irritação contida* é maior apenas para os sujeitos mais novos provenientes da rede particular de ensino em relação aos da rede pública, para os sujeitos mais velhos ela é maior para os provenientes da rede pública de ensino em relação aos da rede particular. Este efeito de interação foi previsto na hipótese H6 para essa variável, porém de forma diversa da encontrada aqui. As hipóteses nulas H4 e H5 foram corroboradas para essa variável.

5.2.4 - A Agressividade Geral

a) DADOS DESCRITIVOS

A Tabela 21 apresenta a média e o desvio padrão de *agressividade geral* pela variáveis sócio-biográficas idade, sexo e tipo de escola.

Tabela 21: Média e desvio padrão de agressividade geral por idade, sexo e tipo de escola.

Variável	Idade		Sexo		Tipo de escola	
	14 - 19	20 - 41	Masc.	Femin.	Pública	Privada
Agressividade geral						
Média	2.45	2.09	2.48	2.33	2.27	2.58
Desvio Padrão	.58	.44	.61	.54	.52	.60
N.º de sujeitos	538	115	261	397	405	252

A Tabela 21 mostra que o número de casos em cada bloco dos níveis das variáveis antecedentes é grande e desigual. Nota-se pela tabela que as médias em cada bloco do delineamento são, mesmo que discretamente, diferentes. A análise de variância a seguir verificará se essas diferenças são significativas.

b) ANÁLISES DE VARIÂNCIA

De acordo com a tabela de correlações (Tabela 14), todas as variáveis antecedentes estão correlacionadas com a variável critério *agressividade geral*. A ordem de entrada das variáveis antecedentes na equação seguiu o critério descrito anteriormente e foi, nessa ordem, idade, sexo e tipo de escola. A Tabela 22 apresenta os resultados dessa análise de variância.

Tabela 22: Análise de variância para a variável critério AGRESSIVIDADE GERAL e variáveis antecedentes idade, sexo e tipo de escola.

FONTE DE VARIAÇÃO	β	GL	MQ	F	p	R²
EFEITOS PRINCIPAIS:						.111
IDADE	.18	1	11.85	40.85	.000	
SEXO	.08	1	2.98	10.28	.001	
TIPO DE ESCOLA	.21	1	7.95	27.42	.000	
INTERAÇÕES DE I GRAU:						
IDADE X SEXO		1	.26	.91	.342	
IDADE X TIPO DE ESCOLA		1	.95	3.27	.071	
SEXO X TIPO DE ESCOLA.		1	.67	2.30	.130	
INTERAÇÕES DE II GRAU:						
IDADE X SEXO X TIPO ESCOLA		1	.03	.11	.739	
RESÍDUO:		644	.29			
TOTAL:		651	.33			

A Tabela 22 mostra que as variáveis antecedentes idade ($F=40.86$, $p<.01$), sexo ($F=10.28$, $p<.01$) e tipo de escola ($F=27.42$, $p<.01$) são fontes de variação da variável critério agressividade geral. Sendo que as variáveis antecedentes explicaram 11% da variabilidade da variável critério. Conseqüentemente, pode-se supor que as pessoas mais agressivas são aquelas com menor idade, do sexo masculino e estudantes de escolas particulares. Tais resultados comprovam as hipóteses H1 e H2 da seção 3.3.4, porém não comprovam a hipótese H3 daquela seção. Não houve efeito de interação entre as variáveis antecedentes, corroborando as hipóteses nulas H4, H6 e H7, mas não a hipótese H5 para essa variável.

5.2.5 - Lidar com críticas.

a) DADOS DESCRITIVOS

A Tabela 23 apresenta as médias e desvios padrões do fator da escala de assertividade *lidar com críticas* em cada variável sócio-biográfica.

Tabela 23: Média e desvio padrão de lidar com críticas por idade, sexo e tipo de escola.

Variável	Idade		Sexo		Tipo de escola	
	14 - 19	20 - 41	Masc.	Femin.	Pública	Privada
Lidar com Críticas						
Média	3.24	3.34	3.35	3.19	3.21	3.33
Desvio Padrão	.47	.49	.48	.46	.48	.46
N.º de sujeitos	539	113	261	396	403	253

A Tabela 23 mostra que, aparentemente, parece não haver diferenças entre as médias de *lidar com críticas* nos blocos do delineamento, porém o número de casos em cada bloco, apesar de grande, é desigual, não sendo possível afirmar, com certeza, se existe ou não diferença entre as médias. A análise de variância foi feita, visando verificar a existência de diferenças entre essas médias.

b) ANÁLISE DE VARIÂNCIA

De acordo com a tabela de correlações (Tabela 14), as variáveis antecedentes que estão correlacionadas com a variável critério *lidar com críticas* são sexo e tipo de escola, portanto a ordem de entrada das variáveis antecedentes na equação seguiu o critério descrito anteriormente e foi, nessa ordem, sexo, idade e tipo de escola.. A Tabela 24 apresenta os resultados dessa análise de variância.

Tabela 24: Análise de variância para a variável critério LIDAR COM CRÍTICAS e variáveis antecedentes sexo e tipo de escola.

FONTES DE VARIAÇÃO	β	GL	MQ	F	p	R ²
EFEITOS PRINCIPAIS:						.045
SEXO	.14	1	4.22	19.65	.000	
IDADE	.11	1	.99	4.63	.032	
TIPO DE ESCOLA	.12	1	1.98	9.22	.002	
INTERAÇÕES DE I GRAU:						
SEXO X IDADE			.02	.08	.775	
SEXO X TIPO DE ESCOLA			.01	.02	.876	
IDADE X TIPO DE ESCOLA			.06	.27	.606	
INTERAÇÕES DE II GRAU:						
SEXO X IDADE X TIPO DE ESCOLA		1	.08	.38	.535	
RESÍDUO:		643	.22			
TOTAL:		650	.22			

Os resultados da ANOVA descrito na Tabela 24 mostram que as variáveis antecedentes sexo ($F = 19.65$, $p < .01$), idade ($F=4.63$, $p < .05$) e tipo de escola ($F = 9.22$, $p < .05$) são responsáveis por 4,5 % da variabilidade da variável critério *lidar com críticas*, sendo que nenhum efeito de interação foi encontrado. Considera-se a existência de indícios mostrando que as pessoas do sexo feminino têm menor capacidade em lidar com críticas que pessoas do sexo masculino, já pessoas mais velhas e estudantes de escolas particulares são mais capazes de lidar com críticas que pessoas mais jovens e estudantes de escolas públicas, corroborando as hipóteses H1 e H3 da seção 3.3.5, mas não H2, além das hipóteses nulas H4, H5, H6 e H7.

5.2.6 - Iniciativa.

a) DADOS DESCRITIVOS

A Tabela 25 mostra as médias e desvios padrões de *iniciativa* nos blocos de delineamento das variáveis sócio-biográficas.

Tabela 25: Média e desvio padrão de iniciativa por idade, sexo e tipo de escola.

Variável	Idade		Sexo		Tipo de escola	
	14 - 19	20 - 41	Masc.	Femin.	Pública	Privada
Iniciativa						
Média	3.27	3.07	3.54	3.04	3.11	3.44
Desvio Padrão	.55	.49	.50	.48	.51	.55
N.º de sujeitos	540	115	262	398	405	254

A Tabela 25 mostra que as médias entre os blocos pouco variaram e que o número de casos em cada bloco, apesar de grande, é desigual, não sendo possível afirmar se a diferença entre as médias é significativa. Assim procedeu-se à análise de variância visando verificar se essas diferenças são significativas.

b) ANÁLISE DE VARIÂNCIA

De acordo com a tabela de correlações (Tabela 14), todas as variáveis sócio-biográficas estão correlacionadas com a variável critério *iniciativa*. A ordem de entrada das variáveis antecedentes na equação seguiu o critério descrito anteriormente e foi, nessa ordem, sexo, idade e tipo de escola. A Tabela 26 descreve os resultados dessa análise de variância.

Tabela 26: Análise de variância para a variável critério INICIATIVA e variáveis antecedentes sexo, idade e tipo de escola.

FONTE DE VARIAÇÃO	β	GL	MQ	F	p	R²
EFEITOS PRINCIPAIS:						.255
SEXO	.42	1	40.39	182.81	.000	
IDADE	.08	1	3.13	14.15	.000	
TIPO DE ESCOLA	.19	1	6.01	27.22	.000	
INTERAÇÕES DE I GRAU:						
SEXO X IDADE		1	1.27	5.74	.017	
SEXO X TIPO DE ESCOLA		1	.15	.69	.405	
IDADE X TIPO DE ESCOLA		1	.06	.28	.596	
INTERAÇÕES DE II GRAU:						
SEXO X IDADE X TIPO ESCOLA		1	.00	.02	.887	
RESÍDUO:		631	.22			
TOTAL:		638	.30			

Os resultados da ANOVA descritos pela Tabela 26 mostrou que as três variáveis antecedentes sexo ($F = 182.81$, $p < .01$), idade ($F = 14.15$, $p < .01$) e tipo de escola ($F = 27.22$, $p < .01$) são fontes de variação da variável critério iniciativa, explicando 25,5% dessa variabilidade. Sugerindo que pessoas mais velhas possuem menos iniciativa do que pessoas mais novas, o como proposto pela hipótese H2 da seção 3.3.6; sugere, ainda que os homens têm maior iniciativa que as mulheres e que estudantes de escolas públicas têm menos iniciativa que estudantes de escolas particulares, o que corrobora as hipóteses H1 e H3 da seção 3.3.6. A Tabela 26 mostrou que existe efeito de interação entre as variáveis sexo e idade ($F=5.74$, $p=.02$). A Figura XLVII representa esse efeito de interação.

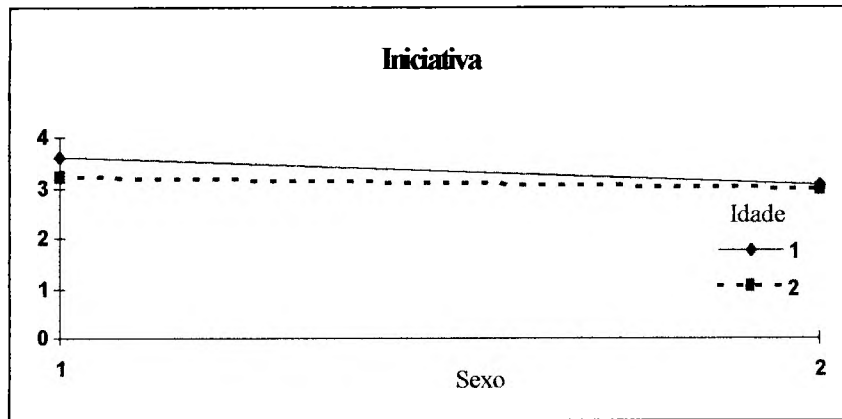


Figura XLVII: Efeito de interação entre sexo e idade na variável critério iniciativa.

Observando Figura XLVII pode-se notar o efeito de interação entre sexo e idade na iniciativa, sugerindo que para as mulheres a iniciativa diminui menos com o aumento da idade que para os homens, onde esse decréscimo de iniciativa é maior. Não confirmando a hipótese H4 da seção 3.3.6 nem a hipótese nula para essa relação, já que existe um efeito de interação, porém de natureza inversa do esperado, entre essas variáveis. O resultado da análise de variância não corroborou a hipótese H6 para essa variável, mas corroborou as hipóteses nulas H5 e H7.

5.2.7 - Resumo dos resultados das análises de variância

Os resultados da análise de variância que verificaram as hipóteses sobre as relações entre os fatores das escalas de agressividade e assertividade (variáveis critério) e as características sócio-biográficas dos sujeitos (variáveis antecedentes) serão apresentados, resumidamente nas Tabelas 27, 28, 29,30, 31 e 32.

Tabela 27: Comparação das hipóteses e com os resultados da ANOVA para **Agressão Verbal**

Agressividade Verbal	
Hipóteses	Resultados
H1: Homens têm maiores escores em agressividade verbal que as mulheres.	Não houve diferença significativa entre os escores médios de sujeitos masculinos e femininos.
H2: Sujeitos mais novos têm maiores escores em agressividade verbal que os mais velhos.	H2 foi corroborada.
H3: Sujeitos da rede pública têm maiores escores em agressividade verbal que os da rede particular.	Os sujeitos da rede particular têm maior agressividade verbal que os da rede pública.
H4: Existe efeito de interação entre idade e sexo na agressividade verbal.	Não existe efeito de interação entre sexo e idade na agressividade verbal
H5: Não existe efeito de interação entre sexo e tipo de escola na agressividade verbal.	H5 foi corroborada.
H6: Existe efeito de interação entre idade e tipo de escola na agressividade verbal.	Não existe efeito de interação entre idade e tipo de escola na agressividade verbal.
H7: Não existe efeito de interação entre idade, sexo e tipo de escola na agressividade verbal	H7 foi corroborada.

Tabela 28: Comparação entre as hipóteses e os resultados da ANOVA para **Agressão Física**

Agressividade Física	
Hipóteses	Resultados
H1: Homens têm maiores escores em agressividade física que as mulheres.	H1 foi corroborada
H2: Sujeitos mais novos têm maiores escores em agressividade física que os mais velhos.	H2 foi corroborada.
H3: Sujeitos da rede pública têm maiores escores em agressão física que os da rede particular.	Os sujeitos da rede particular de ensino têm maior agressividade física que os da rede pública.
H4: Não existe efeito de interação entre idade e sexo na agressividade física.	H4 foi corroborada.
H5: Não existe efeito de interação entre sexo e tipo de escola na agressividade física.	H5 foi corroborada.
H6: Não existe efeito de interação entre idade e tipo de escola na agressividade física.	Existe efeito de interação entre idade e tipo de escola na agressividade física.
H7: Não existe efeito de interação entre idade, sexo e tipo de escola na agressividade física	H7 foi corroborada.

Tabela 29: Comparação entre as hipóteses e os resultados da ANOVA para **Irritação Contida**

Irritação Contida	
Hipóteses	Resultados
H1: Mulheres têm maiores escores em irritação contida que os homens.	H1 foi corroborada
H2: Sujeitos mais novos têm maiores escores em irritação contida que os mais velhos.	H2 foi corroborada.
H3: Sujeitos da rede pública têm maiores escores em irritação contida que os da rede particular.	Os sujeitos da rede particular de ensino têm maior irritação contida que os da rede pública.
H4: Não existe efeito de interação entre idade e sexo na irritação contida.	H4 foi corroborada.
H5: Não existe efeito de interação entre sexo e tipo de escola na irritação contida.	H5 foi corroborada.
H6: Não existe efeito de interação entre idade e tipo de escola na irritação contida.	Existe efeito de interação entre idade e tipo de escola na irritação contida.
H7: Não existe efeito de interação entre idade, sexo e tipo de escola na irritação contida	H7 foi corroborada.

Tabela 30: Comparação entre as hipóteses e os resultados da ANOVA para **Agressão Geral**

Agressividade Geral	
Hipóteses	Resultados
H1: Homens têm maiores escores em agressividade geral que as mulheres.	H1 foi corroborada.
H2: Sujeitos mais novos têm maiores escores em agressividade geral que os mais velhos.	H2 foi corroborada.
H3: Sujeitos da rede pública têm maiores escores em agressividade geral que os da rede particular.	Os sujeitos da rede particular de ensino têm maior agressividade geral que os da rede pública.
H4: Não existe efeito de interação entre idade e sexo na agressividade geral.	H4 foi corroborada.
H5: Existe efeito de interação entre sexo e tipo de escola na agressividade geral.	Não existe efeito de interação entre sexo e tipo de escola na agressividade geral.
H6: Não existe efeito de interação entre idade e tipo de escola na agressividade geral.	H6 foi corroborada.
H7: Não existe efeito de interação entre idade, sexo e tipo de escola na agressividade geral	H7 foi corroborada.

Tabela 31: Comparação entre hipóteses e resultados da ANOVA para **Lidar com Críticas**.

Lidar com Críticas	
Hipóteses	Resultados
H1: Homens têm maiores escores em lidar com críticas que as mulheres.	H1 foi corroborada.
H2: Sujeitos mais novos têm maiores escores em lidar com críticas que os mais velhos.	Sujeitos mais velhos têm maiores escores em lidar com críticas que sujeitos mais novos.
H3: Sujeitos da rede pública têm escores menores em lidar com críticas que os da rede particular.	H3 foi corroborada.
H4: Não existe efeito de interação entre idade e sexo na variável lidar com críticas.	H4 foi corroborada.
H5: Não existe efeito de interação entre sexo e tipo de escola na variável lidar com críticas.	H5 foi corroborada
H6: Não existe efeito de interação entre idade e tipo de escola na variável lidar com críticas.	H6 foi corroborada.
H7: Não existe efeito de interação entre idade, sexo e tipo de escola na variável lidar com críticas	H7 foi corroborada.

Tabela 32: Comparação entre as hipóteses e os resultados da ANOVA para **Iniciativa**

Iniciativa	
Hipóteses	Resultados
H1: Homens têm maiores escores em iniciativa que as mulheres.	H1 foi corroborada
H2: Sujeitos mais novos têm maiores escores em iniciativa que os mais velhos.	H2 foi corroborada.
H3: Sujeitos da rede pública têm escores menores em iniciativa que os da rede particular.	H3 foi corroborada
H4: Não existe efeito de interação entre idade e sexo na iniciativa.	Existe efeito de interação entre sexo e idade na agressividade física.
H5: Não existe efeito de interação entre sexo e tipo de escola na iniciativa.	H5 foi corroborada.
H6: Existe efeito de interação entre idade e tipo de escola na iniciativa.	Não existe efeito de interação entre idade e tipo de escola na iniciativa.
H7: Não existe efeito de interação entre idade, sexo e tipo de escola na iniciativa	H7 foi corroborada.

Conforme as tabelas acima pode-se observar que as hipóteses H1 e H2 foram corroboradas em todas as variáveis critério, com exceção de H1 na agressividade verbal, que não encontrou relação entre sexo e essa variável. Já em relação às hipóteses H3, elas não foram confirmadas em nenhum fator de agressividade; ao contrário do esperado, a agressividade em todas suas dimensões foi significativamente maior para os sujeitos provenientes da rede particular de ensino do que os provenientes da rede pública. Para Lidar com Críticas e Iniciativa essas hipóteses (H3) foram corroboradas.

Efeitos de interação foram encontrados apenas entre idade e tipo de escola na agressividade física e na irritação contida e entre sexo e idade na iniciativa, diferentemente do previsto pelas hipóteses H4, H5 e H6 nas variáveis critério, as quais previam efeitos de interação entre idade e tipo de escola nas variáveis agressividade verbal e iniciativa e efeitos de interação entre sexo e idade nas variáveis agressividade verbal e física.

E, finalmente, como esperado não ocorreu nenhuma interação de segundo grau (sexo x idade x tipo de escola) nas variáveis critério, confirmando todas as hipóteses H7.

5.3 - CORRELAÇÃO CANÔNICA

Procedeu-se à análise da correlação canônica com o objetivo de agrupar os resultados encontrados anteriormente sobre as relações existentes entre os fatores da Escala de Agressividade, os fatores da Escala de Assertividade e variáveis sócio-biográficas. Nesta correlação a idade foi utilizada na sua forma original, ou seja, como variável contínua. A seguir serão descritos os resultados dessa análise.

A correlação canônica foi desempenhada entre um grupo de variáveis sócio-biográficas (idade, sexo e tipo de escola) e um grupo formado pelos fatores (*agressividade verbal, agressividade física, irritação, lidar com críticas e iniciativa*). Os *outliers* referentes a cada fator utilizado foram excluídos da correlação canônica.

A primeira correlação canônica foi 0,58 (34% da variância); a segunda foi 0,30 (9% da variância). Uma terceira correlação canônica de 0,12 (1% da variância) não foi considerada. Os resultados da correlação canônica estão descritos na Tabela 33.

Tabela 33: Correlação canônica: o primeiro e o segundo variante canônico.

	<u>Primeiro variante canônico</u>		<u>Segundo variante canônico</u>		
	<u>Correlação</u>	<u>Coefficiente</u>	<u>Correlação</u>	<u>Coefficiente</u>	
Primeiro grupo:					
Agressão verbal	.233	-.225	.664	.254	
Agressão física	.635	.616	.736	.500	
Irritação contida	-.067	-.318	.786	.456	
Lidar com críticas	.281	-.140	-.312	-.202	
Iniciativa	.854	.795	-.123	-.338	
% da variância	.25		.34		Total=.79
Redundância	.09		.03		Total=.12
Segundo grupo:					
Idade	-.362	-.256	-.833	-.765	
Sexo	-.890	-.824	.429	.512	
Tipo de escola	.537	.325	.432	.332	
% da variância	.40		.36		Total=.76
Redundância	.14		.03		Total=.17
Correlação canônica	.58		.30		

Utilizando como ponto de corte correlações canônicas de 0,30, observa-se na Tabela 33 que as variáveis do primeiro grupo que estão correlacionadas com o primeiro variante canônico são **iniciativa** e **agressividade física** e as variáveis do segundo grupo **sexo**, **idade** e **tipo de escola**. Assim o primeiro par de variantes canônicas indica que os homens (-.890), estudantes de escolas particulares (.537) e as pessoas mais novas (-.362) têm maior iniciativa (.854) e maior agressividade física (.635).

O segundo variante canônico é composto pelas seguintes variáveis do primeiro grupo: **agressividade verbal**, **agressividade física**, **irritação** e **lidar com críticas**. As variáveis do segundo grupo são **idade**, **sexo** e **tipo de escola**. Portanto, conclui-se que pessoas com menor idade (-.833) têm maior agressividade verbal (.664), física (.736) e irritação (.786) e menor capacidade de lidar com críticas (-.312). Já estudantes de escolas particulares (.432) e as mulheres (.429) têm maior agressividade verbal, física, irritação e menor habilidade em lidar com críticas.

As figuras abaixo representam o modelo, respectivamente, do primeiro e do segundo par de variantes canônicas:

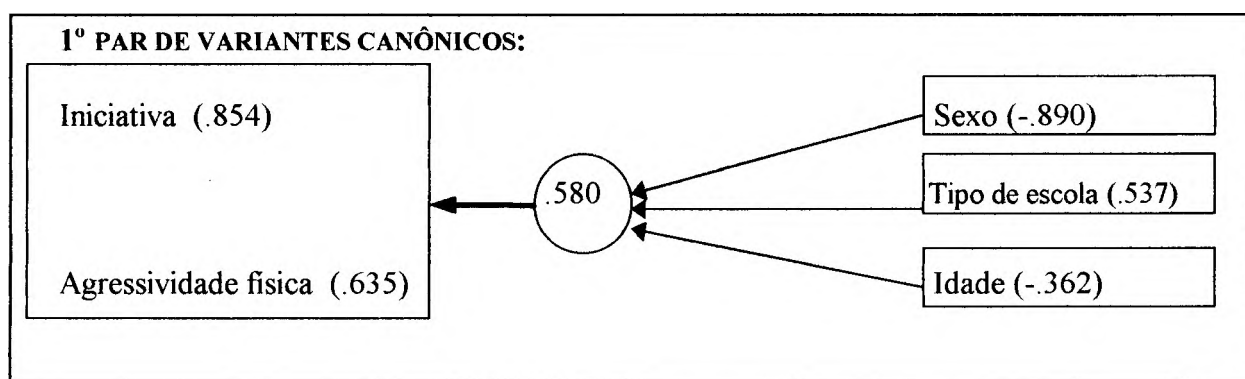
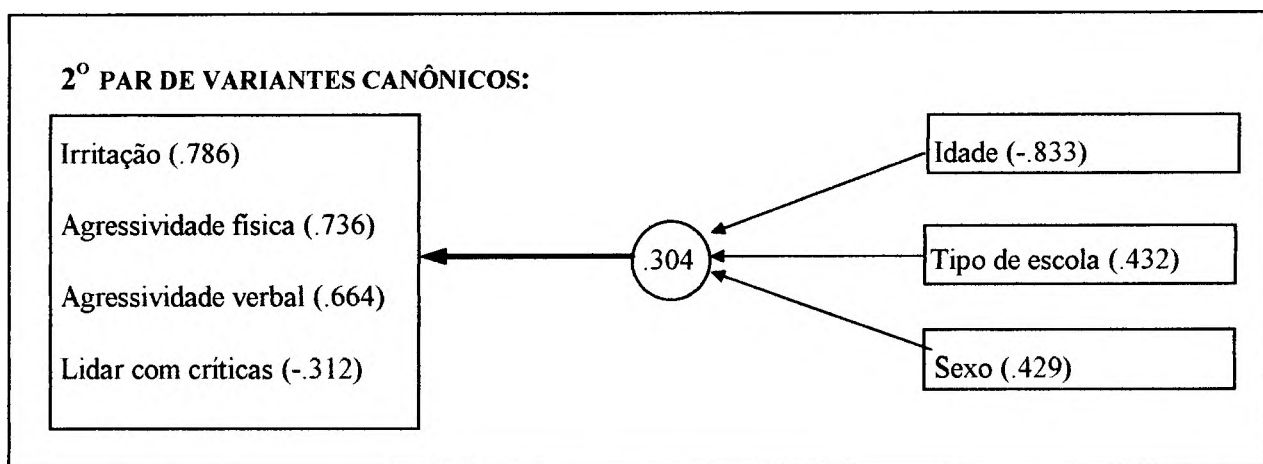


Figura XLVIII: Modelo do primeiro par de variantes canônicas.



FiguraXLIX: Modelo do segundo par de variantes canônicas.

A variável mais correlacionada com o primeiro par de variante canônico é iniciativa, seguida por agressividade física; essas variáveis são influenciadas principalmente pelo sexo (os homens têm maior iniciativa e agressão física), portanto esse grupo refere-se à imposição através do uso de força física e foi chamado de **dominância**.

O segundo par de variantes canônicas é formado, nesta ordem, pelas variáveis irritação contida, agressividade física, agressividade verbal e lidar com críticas no primeiro grupo e principalmente por idade no segundo grupo. Dessa forma, percebe-se que esse par é formado, essencialmente, pelas variáveis de agressividade; e essas variáveis diminuem com o aumento da idade, denominou-se, então, esse variantes de **agressividade**.

Incluindo as demais variáveis sócio-biográficas no entendimento dos pares de variantes canônicas, pode-se concluir que o construto **dominância**, obtido na correlação canônica, é maior nos homens e nos estudantes de escolas particulares e diminui com o aumento da idade. O construto **agressividade**, também, diminui com o aumento da idade e é maior para as mulheres e estudantes de escolas públicas.

5.4 - ANÁLISE DE VARIÂNCIA MULTIVARIADA - MANOVA

A análise de variância multivariada (MANOVA) foi realizada com o objetivo de verificar a existência de diferenças significativas entre as variáveis sócio-biográficas nos construtos *dominância* e *agressividade* obtidos na interpretação da correlação canônica (seção 5.3).

A MANOVA do construto *dominância* utilizou como variáveis critério os fatores *iniciativa* e *agressividade física* e como variáveis antecedentes *sexo*, *tipo de escola* e *idade*. A Tabela 34 apresenta os resultados dessa MANOVA.

Tabela 34: Relação entre *dominância* e variáveis sócio-biográficas.

Fontes de variação	Variáveis critério	SQ Univariado		SQ Multivariado	
		F	p	F	p
Efeitos principais:					
Sexo				12.25	.000
	Iniciativa	24.54	.000		
Tipo de escola	Agressão física	1.73	.188	2.77	0.64
	Iniciativa	5.22	.023		
	Agressão física	1.41	.236		
Idade				641	.000
	Iniciativa	5.12	.024		
	Agressão física	31.27	.000		
Interações de 1º. grau					
Sexo X tipo de escola				.062	.940
	Iniciativa	.09	.766		
	Agressão física	.01	.921		
Sexo X idade				2.49	.084
	Iniciativa	2.95	.086		
	Agressão física	3.42	.065		
Tipo de escola X idade				2.19	.113
	Iniciativa	.24	.632		
	Agressão física	4.35	.037		
Interação de 2º. grau					
Sexo X tipo de escola X idade				.33	.717
	Iniciativa	.01	.906		
	Agressão física	.65	.419		

De acordo com a Tabela 34, apenas as variáveis sexo e idade são fontes de variância para o grupo de variáveis critério. Procedeu-se, então, à análise *stepdown* (*Teste F Stepdown Roy Bargman*) com o objetivo de avaliar esses efeitos, verificando-se que as diferenças na iniciativa podem ser explicada pela variável sexo ($F=24.54$, $p<.001$) e que a variável idade ($F=26.41$, $p<.001$) explica a diferença de médias da variável critério agressividade física. Portanto, conclui-se que a variabilidade do construto **dominância** pode ser explicada pelo sexo devido ao fator iniciativa e pela idade devido ao fator agressividade física.

A MANOVA do construto **agressividade** utilizou como variáveis critério *irritação contida, agressividade física, agressividade verbal e lidar com críticas*. As variáveis antecedentes foram sexo, tipo de escola e idade. A Tabela 35 apresenta os resultados dessa análise.

Tabela 35: Relação entre agressividade e variáveis sócio-biográficas.

Fontes de variação	Variáveis critério	SQ Univariado		SQ Multivariado	
		F	p	F	p
Efeitos principais:					
Sexo				3.59	.007
	Irritação	1.54	.215		
	Agressão física	1.82	.178		
	Agressão verbal	.12	.729		
Tipo de escola	Lidar com críticas	6.26	.013		
				2.15	.073
	Irritação	.04	.839		
	Agressão física	1.53	.216		
Idade	Agressão verbal	3.78	.052		
	Lidar com críticas	3.69	.055		
				10.24	.000
	Irritação	9.05	.003		
	Agressão física	31.82	.000		
	Agressão verbal	3.03	.082		
	Lidar com críticas	4.89	.027		
	Interações de 1º. grau				
Sexo X tipo de escola				.53	.716
	Irritação	.62	.433		
	Agressão física	.03	.867		
	Agressão verbal	.79	.375		
	Lidar com críticas	.174	.676		
				2.58	.036
	Irritação	1.13	.288		
	Agressão física	3.16	.076		
Sexo X idade	Agressão verbal	.19	.661		
	Lidar com críticas	.40	.526		
				1.75	.137
	Irritação	3.97	.047		
Tipo de escola X idade	Agressão física	4.16	.042		
	Agressão verbal	.40	.529		
	Lidar com críticas	.23	.629		
	Interação de 2º. grau				
Sexo X tipo de escola X idade				.87	.479
	Irritação	.17	.681		
	Agressão física	.71	.400		
	Agressão verbal	.46	.498		
	Lidar com críticas	.41	.521		

A Tabela 35 mostra que as variáveis idade e sexo explicam a variabilidade do construto agressividade. Sendo que, através da análise *stepdown*, verificou-se que idade realmente explica a variabilidade de irritação contida ($F=9.05$, $p<.01$), agressividade física ($F=22.44$, $p<.001$) e agressividade verbal ($F=6.09$, $p<.05$). O sexo explica a variabilidade de agressividade física ($F=5.30$, $p<.05$) e lidar com críticas ($F=7.45$, $p<.01$). Assim, conclui-se que as variáveis idade e sexo são fontes de variabilidade do construto agressividade devido a suas influencias nos fatores que formam esse construto.

5.5 - BREVE RESUMO DOS RESULTADOS DO ESTUDO DE HIPÓTESES

Os resultados do Estudo de Hipóteses mostram que os fatores das escalas de Assertividade e Agressividade estão correlacionados positivamente, conforme previsto pela hipótese H1 da seção 2, sendo que todos os fatores de agressividade estão correlacionados com Iniciativa e apenas os fatores Agressividade Verbal e Geral estão correlacionados com o fator da Escala de Assertividade, Lidar com Críticas.

Os resultados da análise de variância mostraram que:

- Idade e tipo de escola, quando analisadas independentemente uma das outras, são fonte de variação da Agressividade Verbal e que nenhum efeito de interação foi encontrado entre as variáveis antecedentes nessa variável critério. Dessa forma pode-se dizer que sujeitos mais jovens e estudantes de escola particular possuem escores médios maiores no fator Agressividade Verbal;

- As três variáveis antecedentes desse estudo produziram efeitos principais na Agressividade Física e um efeito de interação entre idade e tipo de escola. Portanto, pessoas mais jovens, os homens e os estudantes de escolas particulares têm maiores escores médios na Agressividade Física, mas a Agressividade Física diminui mais para

estudantes mais velhos em relação aos mais jovens de escolas particulares que para os estudantes mais velhos em relação aos mais jovens de escolas públicas.

- As três variáveis antecedentes também são fontes de variação do fator Irritação Contida e um efeito de interação entre idade e tipo de escola foi encontrado. Assim, pode-se considerar que os sujeitos mais novos, as mulheres e os estudantes de escolas particulares têm maiores níveis de Irritação Contida, entretanto esses níveis diminuem mais para estudantes mais velhos em relação aos mais jovens de escolas particulares que para os estudantes mais velhos em relação aos mais jovens de escolas públicas.

Novamente, as três variáveis antecedentes são fontes de variação da Agressividade Geral e nenhum efeito de interação foi encontrado, sendo que são mais agressivos os sujeitos mais jovens, do sexo masculino e estudantes de escolas particulares.

- As médias nos escores do fator Lidar com Críticas são influenciadas pelas três variáveis antecedentes, significando que os sujeitos masculinos, os estudantes de escolas particulares e os sujeitos mais velhos têm maior capacidade de Lidar com Críticas. Neste fator não foi encontrado nenhum efeito de interação entre as variáveis antecedentes.

- Sexo, idade e tipo de escola foram, nos efeitos principais, fontes de variação nas médias dos escores do fator Iniciativa e encontrou-se efeito interação entre sexo e idade. Mostrando que os sujeitos mais jovens, os homens e os estudantes de escolas particulares possuem maiores níveis de Iniciativa, mas a Iniciativa diminui mais para os homens mais velhos em relação aos mais jovens do que para as mulheres mais velhas em relação as mais novas.

Os resultados da correlação canônica apontaram a existência de um construto chamado de Dominância formado pelos fatores Agressividade Física e Iniciativa. Sendo que a MANOVA comprovou a influência das variáveis sexo e idade na Dominância.

Outro variante encontrado pela correlação canônica, denominado de Agressividade, foi constituído por todos os fatores da Escala de Agressividade e o fator Lidar com Críticas da Escala de Assertividade. A MANOVA confirmou que sexo e idade influenciam esses construtos.

CAPÍTULO III

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

1- DISCUSSÃO

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão discutidos conforme foram apresentados, ou seja, primeiro a análise fatorial da Escala de Agressividade, depois a análise fatorial da Escala de Assertividade e por último os resultados do Estudo de Hipóteses.

A estrutura fatorial da Escala de Agressividade - três fatores de primeira ordem (agressividade física, agressividade verbal e irritação contida) e um fator de segunda ordem (agressividade geral) - comprova para a cultura brasileira os resultados encontrados por escalas americanas, ou seja, que os componentes da agressividade são correlacionados e é possível a obtenção de um escore geral para a agressividade (Buss & Perry, 1992; Campbell, Muncer, Guy & Banin, 1994).

A consistência interna foi considerada boa para os dois primeiros fatores (0,85 e 0,84) e para o fator de segunda ordem (0,89), mas foi baixa para o fator irritação contida. Esse fator parece abarcar os fatores raiva e hostilidade encontrados por Buss e Perry (1992) e referir-se ao que chamou-se de agressividade internalizada, assim ele mede o sentimento de raiva ou irritação que possuem potencial para gerar atos agressivos. E, devido a sua importância conceitual, o fator irritação contida merece ser revisado futuramente com o objetivo de aumentar sua precisão.

De forma geral, a Escala de Agressividade mostrou-se um bom instrumento para avaliar a agressão. Porém, ela foi validada para uma amostra específica de estudantes do Distrito Federal e seu uso em outros grupos é aconselhado, por enquanto, apenas com o objetivo de pesquisa.

A estrutura fatorial da Escala de Assertividade - 5 fatores de primeira ordem (Admitir Deficiência Pessoal, Iniciar Encontro Amoroso, Admitir Erros, Resistir a Usar Drogas e Expressar Sentimento Negativo) e 2 fatores de segunda ordem (Lidar com Críticas e Iniciativa) - mostrou-se consistente com as teorias de assertividade, para os quais este construto é multidimensional, também mostrou-se capaz de avaliar alguns dos componentes da assertividade propostos pelos autores na área. Entretanto, outros instrumentos elaborados para medir esse construto (Galassi, Galassi & Bastien, 1974; Rathus, 1973) não apresentaram fatores de segunda ordem, pois julgando que os componentes da assertividade são independentes, os autores não investigaram a correlação entre eles, o mesmo acontecendo com as análises realizadas para o inventário original de Gambrill e Richey (1975).

Essa hipótese de componentes independentes não pode ser descartada totalmente pela Escala de Assertividade, já que os resultados da análise fatorial demonstraram que a correlação entre os fatores era pequena (entre 0,39 e 0,04), não permitindo a extração de um fator geral, mas de dois fatores de segunda ordem, relativamente independentes, nos quais foram agrupados os fatores de primeira ordem, com exceção do quarto fator. Assim, há, para essa escala, três fatores não-agrupados: Lidar com Críticas, Iniciativa e Resistir à Drogas.

O surgimento de dois fatores de segunda ordem pode ser justificado pela especificidade situacional da assertividade refletida no instrumento conforme discutido por Gambrill e Richey (1975). Assim, os fatores de primeira ordem Iniciar Encontro Amoroso e Expressar Sentimento Negativo e os fatores Admitir Erros e Admitir Deficiências pessoais expressariam, respectivamente, Iniciativa e Lidar com Críticas em contextos situacionais específicos. O mesmo acontecendo com o fator Resistir à Drogas que está relacionado à capacidade das pessoas de dizer não, a qual várias

pesquisas anteriores mostraram fazer parte da assertividade e que neste instrumento só apareceu relacionado à situação específica de uso de drogas.

Apesar da estrutura fatorial da Escala de Assertividade ter demonstrado a validade do instrumento para medir grande parte do construto assertividade, não foi possível comprovar sua consistência interna.

A falta de consistência interna pode ter sido causada pelo construto medido por essa escala estar à mercê da relatividade situacional, como discutido por Gambrill e Richey (1975). Porém, alguns fatores foram constituídos por poucos itens, o que também pode levar à baixa consistência interna.

O inventário original obteve boa precisão teste-reteste, porém o cálculo da precisão foi feito para o escore total do inventário e não para cada fator separadamente, não sendo possível verificar se os fatores do inventário original eram precisos.

Enfim, sugere-se que a Escala de Assertividade seja revisada e julga-se necessário aumentar a quantidade de itens em alguns fatores e retirar aqueles com baixas cargas fatoriais. Dessa forma, a escala poderá vir a ser um instrumento extremamente útil na avaliação da assertividade.

A verificação da primeira hipótese (os fatores da Escala de Agressividade possuem correlação positiva com os fatores de segunda ordem da Escala de Assertividade) foi corroborada pelos resultados da correlação bivariada, confirmando que os fatores da Escala de Agressividade estão correlacionados positivamente com os fatores da Escala de Assertividade. Porém, nesta análise, foram utilizados apenas os fatores de segunda ordem da Escala de Assertividade. Os resultados mostraram que entre os fatores de primeira ordem da Escala de Agressividade, apenas o fator agressividade verbal está correlacionado com os dois fatores de assertividade. O fator

ao sexo. Esses resultados estão de acordo, também, com Gladue (1991), que demonstrou que a agressividade física é mais característica dos homens e a hostilidade mais característica das mulheres. E, finalmente, comprova para a amostra de estudantes brasileiros que de forma geral os homens são mais agressivos que as mulheres.

Porém a agressividade, também, se diferencia de forma qualitativa entre os sexos para esses sujeitos, estando de acordo com outros estudos (Buss & Perry, 1992; Ellis, Hoffman & Burke, 1990; Eagly & Steffen, 1986). Assim, pode-se concluir que os sujeitos da amostra estudada por esta pesquisa não se diferenciam dos grupos estudados em outras culturas, demonstrando que os homens são mais agressivos que as mulheres e que as formas de expressão da agressividade são qualitativamente diferentes para homens e mulheres, sendo que elas possuem maiores níveis de irritação contida e eles maiores níveis de agressividade física.

A idade foi uma variável importante como fonte de variação de todos os fatores de agressividade, comprovando todas as hipóteses H2 para a agressividade. Esse resultado pode ser justificado pela categorização em dois níveis dessa variável, sendo que no primeiro nível foram colocados os sujeitos com idades entre 14 e 19 anos, que é a faixa etária típica da adolescência e no nível 2, os sujeitos com idades entre 20 e 45 anos, onde os sujeitos já podem ser considerados adultos ou adultos-jovens. Como pesquisas anteriores mostraram que a agressividade aumenta na adolescência, é possível que o efeito de idade encontrado seja causado pela etapa de vida dos sujeitos em cada grupo. Assim, esse resultado não pode ser interpretado em termos de idade, mas em termos de etapas do desenvolvimento. Então, conclui-se que, para a amostra dessa pesquisa, sujeitos adolescentes são mais agressivos que sujeitos adultos ou adultos-jovens.

Por outro lado, surge a necessidade de verificar em outras pesquisas as diferenças na agressividade devido à idade em cada etapa do desenvolvimento, ou seja, adolescentes de 14 anos são mais agressivos que os de 15 anos e esses mais que os de 16, e assim por diante? Essa mesma pergunta poderia ser feita para as idades da infância e para as idades dos adultos.

Quanto ao tipo de escola, esperava-se que os alunos provenientes da rede pública de ensino fossem mais agressivos que aqueles provenientes da rede particular (hipóteses H3), mas os resultados mostraram o inverso, ou seja, alunos da rede particular de ensino foram mais agressivos que os da rede pública, em todos os fatores da Escala de Agressividade. Esses resultados podem ser justificados pelo fato de que os alunos da rede particular tinham idades menores que os alunos da pública, assim, encontrava-se maior quantidade de adolescentes na rede de ensino particular em relação à pública.

Efeitos de interação foram encontrados entre idade e tipo de escola na agressividade física e na irritação contida, ao contrário do que era esperado pelas hipóteses H6 nessas variáveis critério. Esses efeitos de interação apontam que apenas sujeitos adolescentes da rede particular têm maior agressividade física e irritação contida que os sujeitos da rede pública; sujeitos adultos da rede particular têm menores escores nesses fatores em relação aos da rede pública de ensino. Muitas justificativas poderiam ser inferidas para esses efeitos, tais como diferenças no estilo de disciplina, que seriam mais eficazes para adolescentes da rede pública; ou supor que sujeitos adultos permaneceram mais tempo na escola e provavelmente experienciaram maior fracasso e estresse e, como as escolas públicas possuem mais estudantes adultos, é possível que eles se tornem mais agressivos fisicamente e irritados quando estudantes desse tipo de escola; mas com os dados dessa pesquisa não se pode chegar a uma boa

explicação para esse efeito, devido à falta de informações sobre as características das escolas estudadas.

A literatura sobre a assertividade propõe que pessoas do sexo masculino são mais assertivas que pessoas do sexo feminino. Nesta pesquisa com estudantes do Distrito Federal essa relação também foi verificada, quando assertividade refere-se a Lidar com Críticas e Iniciativa, comprovando as hipóteses H1 para essas variáveis. Porém, não se pode inferir que a mesma relação ocorreria entre outros componentes da assertividade, que não foram estudados aqui.

Pesquisas anteriores demonstraram que as diferenças na assertividade devidas às mudanças de idade dependem da fase do desenvolvimento estudada. Os resultados desta pesquisa mostraram-se de certa forma contraditórios, pois encontrou-se que a capacidade em Lidar com Críticas é maior para pessoas mais velhas em comparação com as mais novas, inversamente do que era esperado por H2 nessa variável, mas a Iniciativa é maior para pessoas mais novas, como esperado; sendo que um efeito de interação entre idade e sexo na iniciativa, não previsto pela hipótese H6 nessa variável, mostrou que ela diminui em maior grau para homens mais velhos em relação aos mais novos do que para as mulheres. A diferença nesses resultados pode ser explicada pela relativa independência entre esses fatores conforme discutido anteriormente.

Por outro lado, podemos entender esses resultados pelo fato de que as pessoas na medida em que entram na fase adulta e se tornam mais maduras não precisam se auto-afirmarem como os adolescentes e, portanto, são mais hábeis para fazer e receber críticas. O inverso acontece para a Iniciativa que possivelmente, nesta pesquisa, está relacionada à impulsividade e irreverência, tão características dos adolescentes; assim conforme as pessoas amadurecem, elas se tornam mais contidas socialmente e com menor iniciativa, sendo que, como os homens são cobrados mais precocemente a

desenvolver um estereótipo masculino de maior responsabilidade e auto-controle que as mulheres, eles quando adultos têm menor iniciativa que as mulheres, mas quando são adolescentes ocorre o contrário.

A categorização da variável idade em dois níveis, um para sujeitos adolescentes e outro para sujeitos adultos, deve ter superestimado os efeitos dessa variável. Assim, é possível que as diferenças na variação da agressividade e assertividade devido à idade estejam, na verdade, relacionadas às diferenças entre adolescentes e adultos.

As análises de variâncias, também, corroboraram as hipóteses H3 para Lidar com Críticas e Iniciativa, nas quais era previsto que estudantes de escolas particulares iriam possuir maior capacidade de lidar com críticas e iniciativa. Assim, se pode inferir que os sujeitos estudantes da rede particular de ensino e mais favorecidos socialmente sejam mais aptos a expressarem seus sentimentos e desejos e os da rede pública sejam mais submissos ou reprimidos, em oposição à assertividade e agressividade. Porém, esses resultados devem ser vistos com certa cautela devido ao tamanho reduzido da amostra utilizada, a falta de informações sobre o nível sócio-econômico dos sujeitos e sobre suas escolas. Portanto, a realização de estudos mais detalhados sobre essas variáveis seria de grande utilidade social e científica.

As análises de variância sugeriram resultados importantes sobre a relação entre as variáveis da pesquisa. Esses resultados podem facilitar o entendimento dos construtos agressividade e assertividade. Porém, eles devem ser vistos com cautela, já que a quantidade de variância explicada pelas variáveis antecedentes foi pequena, sendo possível supor que outras variáveis, que não foram incluídas nesta pesquisa, podem ser melhores fontes de variação desses construtos que as variáveis estudadas.

Os fatores das Escalas de Agressividade e Assertividade foram agrupados com idade, sexo e tipo de escola através da correlação canônica e dois pares de variantes

canônicos foram encontrados: o primeiro foi Dominância, composto pela Agressividade Física e Iniciativa de um lado e sexo, idade e tipo de escola do outro lado. E o segundo foi Agressividade, composto por Irritação Contida, Agressividade Física, Agressividade Verbal e Lidar com Críticas de um lado e pelas mesmas variáveis sócio-biográficas citadas acima do outro lado.

Segundo a análise de variância multivariada a Dominância é influenciada, significativamente, por sexo e idade, podendo-se considerar que homens e adolescentes tenham maior dominância. Tal construto refere-se ao uso de iniciativa e força física como forma de imposição social e de obtenção de respeito e parece possível fazer-se um paralelo entre esse conceito e o de agressividade instrumental, categoria de agressividade proposta por diversos autores (Baron & Richardson, 1994; Baumgartner, 1995; Tedeschi, Lindskold & Rosenfeld, 1985). A agressividade instrumental ocorre visando a obtenção de um objetivo específico, como ganho de influência social, e é mais característica dos homens como a dominância.

Então, parece ser factível, que sujeitos masculinos e adolescentes possuam maior Dominância que os sujeitos femininos e adultos, pois eles precisam comprovar sua masculinidade, conforme os padrões culturais em que vivem, e a Dominância pode ser considerada um estereótipo masculino positivo para os sujeitos desta pesquisa.

Já o variante Agressividade foi composto, principalmente, pelo fator Irritação Contida e, em seguida pelos fatores Agressividade Física, Verbal e Lidar com Críticas. Ele é mais característico das mulheres por ter maior influência da irritação contida e pode-se supor que esteja emparelhado à agressividade hostil ou expressiva, em oposição a agressividade instrumental, conforme proposto pelos autores citados acima e também por Buss e Perry (1992). A agressividade hostil refere-se à expressão

emocional da raiva e está relacionada a perda de controle, sendo mais emocional e uma forma de agressividade mais encontrada nas mulheres.

Por outro lado, esse variante foi mais característico para os sujeitos mais jovens e estudantes de escolas particulares, ratificando os resultados das análises de variância discutidos anteriormente, nos quais os adolescentes e os estudantes da rede particular de ensino são mais agressivos.

Os resultados dessa pesquisa devem ser vistos com cautela, pois, como mencionado anteriormente, a amostra de sujeitos não é uma amostra representativa da população, já que além do pequeno número de sujeitos, eles não foram escolhidos aleatoriamente entre os estudantes do Distrito Federal nem foi possível a obtenção da mesma quantidade de sujeitos em cada bloco do delineamento. Portanto, os resultados demonstraram a validade das escalas para esses sujeitos e sugeriram como se apresentam as relações entre as variáveis, que apesar de confirmarem, em grande parte, os resultados de pesquisas estrangeiras, não devem ser generalizados.

2 - CONCLUSÃO

Através da primeira parte desta pesquisa, pode-se concluir que a Escala de Agressividade é um bom instrumento de medida da agressão física, verbal e geral e, com algumas modificações, poderá vir a ser, também, capaz de medir com precisão a irritação contida.

Já a Escala de Assertividade, apesar de ter falhado em apresentar-se precisa, revelou, através de sua estrutura fatorial (com 5 fatores de primeira ordem e dois fatores de segunda ordem), que é um instrumento promissor na medida dos seguintes componentes da assertividade: admitir deficiências pessoais, iniciar encontro amoroso, admitir erros, resistir a usar drogas, expressão de sentimentos negativos e em segunda

ordem lidar com críticas e iniciativa. Porém, essa escala terá que ser revisada antes de ser indicada para uso em outras pesquisas.

Da segunda parte da pesquisa, conclui-se que a Agressividade Verbal e Geral estão correlacionadas positivamente com Lidar com Críticas e com Iniciativa, sendo que a Agressividade Física e a Irritação Contida estão correlacionadas positivamente apenas com Iniciativa. Assim, os sujeitos que eram mais agressivos, principalmente aqueles com maior agressividade verbal, também eram mais capazes de Lidar com Críticas e ter Iniciativa. E aqueles que possuíam maior agressividade física e irritação contida tinham, somente, maior iniciativa.

Pode-se concluir, ainda, que os sujeitos masculinos foram mais agressivos de forma geral e especificamente em relação a agressividade física e as mulheres possuíam maior irritação contida. Sendo que nenhuma relação foi encontrada entre sexo e agressividade verbal.

Quanto à idade, os sujeitos adolescentes foram mais agressivos em todos os fatores de agressividade e mais prováveis de terem iniciativa. Já os sujeitos adultos tiveram maior capacidade em lidar com críticas.

E em relação ao tipo de escola, os sujeitos estudantes da rede particular de ensino tiveram maior agressividade verbal e geral e maior capacidade em lidar com críticas e ter iniciativa. Sendo que efeitos de interação entre idade e tipo de escola na agressividade física e irritação contida demonstraram que sujeitos adolescentes estudantes de escolas particulares obtiveram escores significativamente maiores nesses dois fatores comparados aos estudantes adolescentes da rede pública de ensino; e que os sujeitos adultos estudantes desse tipo de escola obtiveram escores significativamente menores que os estudantes adultos da rede pública de ensino.

Os fatores de agressividade e assertividade formaram dois variantes denominados **Dominância** e **Agressividade**, sendo que, esses variantes foram mais característicos dos sujeitos adolescentes. E a Dominância mais característica dos homens enquanto a Agressividade foi maior nas mulheres. Sendo que o primeiro construto foi comparado à agressividade instrumental e o segundo à agressividade hostil conforme proposto por Baron & Richardson (1994), Baumgartner (1995) e Tedeschi, Lindskold & Rosenfeld (1985). A variável tipo de escola não influenciou esses construtos.

Apesar dos resultados dessa pesquisa não serem passíveis de generalização, pode-se considerar que ela tem potencial para gerar muitas contribuições ao entendimento das relações interpessoais entre os estudantes brasileiros. Podem contribuir, também, para o surgimento de outras pesquisas na área, até mesmo, visando verificar mais detalhadamente as relações encontradas.

Julga-se que essas pesquisas possam vir a ajudar os profissionais que convivem com os problemas de relacionamentos entre seres humanos, tais como psicólogos e educadores, na compreensão dos comportamentos agressivos e sua diferenciação dos assertivos e da função deles na sociedade moderna, como formas de resolução de conflito e obtenção de poder social como proposto por Tedeschi (1983).

Porém, considera-se a contribuição mais importante dessa pesquisa a proposição dos construtos **Dominância** e **Agressividade** que, talvez, venham a ajudar a esclarecer a complexidade das relações interpessoais para os homens e as mulheres. Esses construtos devem ser mais estudados visando verificar sua validade e adequação à outras populações.

Posteriormente, pretende-se revisar as Escalas de Agressividade e Assertividade, pois elas mostraram-se bastante promissoras na avaliação desses construtos e merecem ser validadas para outras populações. E ainda propor pesquisas relacionadas à Dominância e à Agressividade, visando o melhor entendimento desses construtos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bandura A. (1983). Psychological mechanism of aggression. In R.G. Geen & E.I. Donnerstein (Eds.), *Aggression: Theoretical and empirical reviews* (Vol.1, pp. 1-40). New York : Academic Press.
- Baron, R.A. & Richardson, D.R. (1994). *Human Aggression*. (2^a. ed.). New York: Plenum Press.
- Berkowitz, L. (1990). On the formation and regulation of anger and aggression: A Cognitive-Neoassociationistic Analysis. *American Psychologist*, 45, 4, 494-503.
- Bettencourt, B.A. & Miller, N. (1996). Gender differences in aggression as a function of provocation: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 119, 3, 422-447.
- Botha, M.P. & Mels, G. (1990). Stability of aggression among adolescents over time: a south african study. *Aggressive Behavior*, 16, 6, 361-380.
- Boulton, M.J. (1996). A comparison of 8 and 11 year old girls' and boys' participation in specific types of rough and tumble play and aggressive fighting: Implications for functional hypotheses. *Aggressive Behavior*, 22, 4, 271-287.
- Brook, J. S.; Whiteman, M.M.; Finch, S. & Cohen P. (1995). Aggression, intrapsychic distress, and drug use: Antecedent and intervening process. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 34, 8, 1076-1084.
- Bruch, M.A.; McCann, M. & Harvey, C. (1991). Type A behavior and processing of social conflict information. *Journal of Research in Personality*, 25, 434-444.
- Buss, A. H. & Perry, M. (1992). The Aggression Questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63, 3, 452-259.
- Campbell, A., Muncer, S., Guy, A. & Banin, M. (1996). Social representations of aggression: Crossing the sex Barrier. *European Journal of Social Psychology*, 26, 135-147.

- Cole, J.; Terry, R.; Lenox, K. & Lochman, J. (1995). Childhood peer rejection and aggression as predictor of stable patterns of adolescent disorder. Special issue: Developmental process in peer relations and psychopathology. *Development & Psychopathology*, 7, 4, 697-713.
- De Man, A.F. & Green, C.D. (1988). Selected personality correlates of assertiveness and aggressiveness. *Psychological Reports*, 62, 672-674.
- Deluty, R.H. (1985) Consistency of assertive, aggressive, and submissive behavior for children. *Journal of Personality and Social Psychology*, 49, 4, 1054-1065.
- Duveen, G.; Loyd, B. & Smith, C. (1988). A note on the effects of age and gender on children's social behaviour. *British Journal of Social Psychology*, 27, 3, 275-278.
- Eagly, A.H. & Steffen, V.J. (1996). Gender and aggressive behavior: A meta-analytic review of the social psychology literature. *Psychological Bulletin*, 100, 309-330.
- Ellis, L.; Hoffman, H. & Burke, D.M. (1990). Sex, sexual orientation and criminal and violent behavior. *Personality and Individual Differences*, 11, 12, 1207-1212.
- Epstein, N. (1980). Social consequences of assertion, aggression, passive aggression, and submission: situational and dispositional determinants. *Behavior Therapy*, 11, 662-669.
- Eskin, M. Suicidal behavior as related to social support and assertiveness among Swedish and Turkish high school students: a cross-cultural investigation. *Journal of Clinical Psychology*, 51, 2, 158-172.
- Ferreira, A. B. H. (1986). *Novo dicionário da língua portuguesa*. (2^a. ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Galassi, J.S.; Galassi, M.D. & Bastien, S. (1974). The College Self-Expression Scale: a measure of assertiveness. *Behavior Therapy*, 5, 165-171.
- Gambrill, E.D. & Richey, C.A. (1975). An Assertion Inventory for use in assessment and research. *Behavior Therapy*, 6, 550-561.
- Gladue, B.A. (1991). Qualitative and quantitative sex differences in self-reported aggressive behavioral characteristics. *Psychological Reports*, 68, 675-684.

- Harm, C.M.; Klopff, D.W. & Ishii, S. (1990). Verbal aggression among Japanese and American students. *Perceptual and Motor Skills*, 10, 3, pt.2, 1130.
- Harris, M.B. (1996). Aggressive experiences and aggressiveness: Relationship to ethnicity, gender, and age. *Journal of Applied Social Psychology*, 26, 10, 843-870.
- Hier, S.J.; Korboot, P.J. & Schweitzer, R.D. (1990). Social adjustment and symptomatology in two types of homeless adolescents: Runaways and throwaways. *Adolescence*, 25, 100, 761-771.
- Hollandsworth, JR., J.G. (1977). Differentiating assertion and aggression: some behavioral guidelines. *Behavior Therapy*, 8, 347-352.
- Kern, J.M.; Cavell, T.A. & Beck, B. (1985). Predicting differential reactions to males' versus females' assertions, empathic-assertions, and nonassertions. *Behavior Therapy*, 16, 63-75.
- LoPresto, C. T. & Deluty, R. H. (1987). Consistency of aggressive, assertive, and submissive behavior in male adolescents. *The Journal of Social Psychology*, 128, 5, 619-632.
- Lorenz, K. (1966). *On Aggression*. New York: Bantam.
- Loyd, B. & Smith, C. (1986). The effects of age and gender on social behaviour in very young children. *British Journal of Social Psychology*, 25, 1, 33-41.
- Maciel, V.M. & Mettel, T.P.L. (1985). Diferenças de sexo e idade no comportamento agressivo em crianças de dois a cinco anos. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, 37, 2, 52-77.
- McFall, R.M. & Marston, A.R. (1970). An experimental investigation of behavior rehearsal in assertive training. *Journal of Abnormal Psychology*, 76, 295-303.
- McIntyre, L.L. (1990). Teacher standards and gender: Factors in special education referral? *Journal of Educational Research*, 83, 3, 166-172.
- Nex, J.; Lohr, J.M. & Stauffacher, R. (1980). Relationship of sex, sex-role orientation and a self-report measure of assertiveness in college students. *Psychological Reports*, 47, 3, pt. 2, 1239-1244.

- Pasquali, L. & Gouveia, V.V. (1990). Escala de Assertividade Rathus - RAS: adaptação brasileira. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 6, 3,233-249.
- Rathus, S.A. (1973), A 30-Item Schedule for Assessing Assertive Behavior. *Behavior Therapy*, 4, 398-406.
- Rich, A.R. & Schroeder, H.E. (1976). Research issues in assertiveness training. *Psychological Bulletin*, 83, 6, 1081-1096.
- Rocha, Z.O. (1981). Estudo comparativo do comportamento agressivo de adolescentes delinqüentes e não-delinqüentes. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*, 33, 1-2, 84-94.
- Rodrigues, A. (1973). *Escalas de Personalidade de Comrey - CPS*. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Pontificia Universidade Católica.
- Sargentim, H. (1992). *Dicionário de idéias afins*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas.
- Smith, T.W.; Sanders, J.D. & Alexander, J.F. (1990). What does the Cook and Medley Hostility Scale Measure? Affect, Behavior, and Attributions in the marital context. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58, 4, 699-708.
- Stefank, M.E. & Eisler, R.M. (1983). The current status of cognitive variables in assertiveness training. *Progress in Behavior Modification*, 15, 277-319.
- Stets J.E. & Pirog-Good, M.A. (1990). Interpersonal control and courtship aggression. *Journal of Social and Personal Relationship*, 7, 3, 371-394.
- Tanner, V.L. & Holliman, W.B. (1988). Effectiveness of assertiveness training in modifyung aggressive behaviors of yong children. *Psychological Reports*, 62, 39-46.
- Tedeschi J. T. (1983). Social Influence Theory and Aggression. In R.G. Geen & E.I. Donnerstein (Eds.), *Aggression: Theoretical and empirical reviews* (Vol.1, pp. 136-162). New York : Academic Press.
- Tedeschi, J.P.; Lindskold, S. & Rosenfeld, P. (1985). *Introduction to Social Psychology*. New York: West Publishing Company.

- Thompson, C.A. & Klopf, D.W. (1991). An analysis of social style among disparate cultures. *Communication Research Reports*, 8, 1, pt. 2, 65-72.
- Tucker, I. R. (1991). Predicting scores on the Rathus Assertiveness Schedule from Myers-Briggs Type Indicator Categories. *Psychological Reports*, 69, 571-576.
- Uhinki, A.; Mattlar, C.E.; Sandahl, C. & Vesala, P. (1990). Personality traits characteristic for adolescents highlighted by Zulliger. Special Issue: The Zulliger Test. *Brithish Journal of Projective Psychology*, 35, 2, 49-53.
- Wills, T.A., Botvin, G.J. & Baker, E. (1989). Dimensions of assertiveness: differential relationships to substance use in early adolescence. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57(4), 473-478.
- Zainuddin, R. & Taluja, H. (1990). Aggression and locus of control among undergraduate students. *Journal of Personality and Clinical Studies*, 6,2, 211-215
- Zillmann. D. (1983). Arousal and Aggression. In R.G. Geen & E.I. Donnerstein (Eds.), *Aggression: Theoretical and empirical reviews* (Vol.1, pp. 75-101). New York : Academic Press.

ANEXOS

ANEXO 1 - Síntese de revisão bibliográfica sobre Assertividade

ANEXO 2 - Caderno de questões e folha de resposta

ANEXO 3 - Gráficos da relação entre idade e variáveis critério

ANEXO 1

SÍNTESE DE REVISÃO BIBLIOGRÁFICA SOBRE ASSERTIVIDADE

AUTORES/ ANO	CONCEITO	COMPONENTES
1970 - Lawrence in Rich e Schroeder, 1976.	Habilidade para expressar opiniões e discordar de opiniões contrárias a sua própria.	-
1973 - Goldstein et. al. in Rich e Schroeder, 1976.	Habilidade para dar mais respostas de auto-elevação do que de auto-recusa e tomar decisões em situações de conflito	
1975 - Gambrell e Richey	-	1- recusar um pedido, 2- expressar limitações pessoais, 3- iniciar contato social, 4- expressar sentimentos positivos, 5- lidar com crítica, 6- divergir, 7- asserção no serviço, 8- dar feedback negativo.
1973 - Eisler et al.	É uma habilidade para buscar, manter ou fortalecer reforçamento numa interação interpessoal na expressão direta de sentimentos ou desejos quando tal expressão arrisca perda do reforço ou punição.	1- componentes verbais. 2- componentes não verbais: menor latência de resposta, falar alto, respostas longas e afeto. (Eisler et. al., 1973)
1973 - Lazarus	Costume de liberdade emocional.	
1966 - Wolpe e Lazarus	Toda expressão de direitos e sentimentos aceitável socialmente. (Wolpe e Lazarus, 1966).	1- habilidade de dizer não, 2- habilidade de pedir um favor ou fazer um pedido, 3- habilidade de expressar sentimentos negativos ou positivos, 4- habilidade para iniciar, continuar e terminar conversa em geral.
1974 - Galassi et.al.	-	1- expressão de sentimentos positivos, 2- expressão de sentimentos negativos, 3- auto-recusa: tendência a ter preocupações exageradas pelos sentimentos dos outros.
1969 - O'Connor in Rich e Schroeder, 1976.	Habilidade de iniciar e manter interações sociais.	-
1972 - Liberman in Rich e Schroeder, 1976.	Habilidade para auto-expressar-se	-
1974 - Emons in Rich e Schroeder, 1976.	Comportamento que torna capaz uma pessoa de agir em interesse próprio, elevar a si mesmo sem ansiedade, expressar seus direitos sem ferir o direito dos outros.	-
1977 - Hollandsworth	Expressão direta, verbal ou não-verbal de sentimentos, necessidades, preferências ou opiniões. Cada resposta é vista como comportamento aprendido emitido em situações interpessoais específicas.	Não-verbais: contato visual, tom forte ou firme de voz, expressão facial, expressão corporal e outros (Seber, 1972).
1983 - Eisler e Stefank	Indivíduos assertivos são os que consideram as conseqüências de suas ações e planejam seu comportamento quando confrontados com situações interpessoais problemáticas.	1- auto-afirmação (self-statements), 2- antecipação de conseqüências.* Componentes cognitivos.
1988 - Man e Green	-	1- pouco neuroticismo e 2- locus de controle interno.
1978 - Bakker et.al	O termo assertividade refere-se a defesa, respostas comportamentais visando proteger territórios estabelecidos e privilégios, e iniciar comportamentos para aumentar seu território ou status.	-
1989 - Wills e Botvin	-	1- assertividade geral, 2- assertividade quanto ao uso de drogas, e 3- assertividade social.
1988 - Tanner e Holliman	Comportamentos assertivos não são agressivos e são considerados métodos mais aceitáveis de procedimentos em situações interpessoais de frustração.	-
1974 - Eisler, Hersen e Miller	-	Não-verbal: 1- contato visual, 2- tom de voz, 3- afeto.

Anexo 2

CADERNO DE QUESTÕES

LEIA ATENTAMENTE AS INSTRUÇÕES ABAIXO:

Esta escala faz parte de uma pesquisa, ao nível de mestrado, que está sendo desenvolvida pelo **Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida** da UnB. A pesquisa procura averiguar como as pessoas lidam com situações interpessoais diversas.

Sua contribuição é muito importante, pois os resultados dessa pesquisa serão utilizados para melhorar os conhecimentos científicos sobre esse assunto.

Sua contribuição consiste em responder a cada afirmação deste caderno de questões de acordo com as alternativas apresentadas abaixo delas escrevendo na folha de resposta o número da alternativa que mais se aproxima do seu jeito de ser na afirmação. Por exemplo se você muitas vezes gosta de conversar com seus amigos, você deverá marcar o número 4 na folha de resposta no espaço correspondente ao número dessa afirmação, por exemplo:

Caderno de questões ↑ **4- Gosto de conversar com meus amigos.**

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

Folha de respostas ↑

↓

Afirmções:	1	2	3	4	5	6
Respostas:	4	4	1	4	5	5

Não existem respostas **certas** ou **erradas** neste questionário. Responda sinceramente. Não deixe afirmações sem respostas mesmo que ela não descreva com exatidão a sua maneira de agir, **o importante é que você dê a resposta que mais se aproxime de você** nas situações descritas. Você não precisa se identificar. As **suas respostas são sigilosas**, serão analisadas junto com as respostas das outras pessoas e somente serão utilizadas para esta pesquisa. Se você tem dúvidas, levante a mão e pergunte ao pesquisador. Se não você já pode começar a responder.

Por favor, não escreva neste caderno!

1. Mando os outros calarem a boca quando discordo deles.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

2. Nego quando alguém pede meu carro emprestado.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

3. Cumprimento um amigo.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

4. Peço um favor a alguém.

- 1- nunca faço isso
- 2- poucas vezes faço isso
- 3- às vezes faço isso
- 4- muitas vezes faço isso
- 5- sempre faço isso

5- Gosto de fazer gozação com pessoas que fazem coisas que considero estúpidas.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

6. Tenho vontade de me vingar quando alguém me insulta.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

7. Se me pedissem para levantar um peso de 10 toneladas eu o faria.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

8. Resisto à pressão de vendedores.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

9. Gosto de atacar pontos de vista contrários ao meu.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

10.. Peço desculpas quando eu estou errado.

- 1- nunca faço isso
- 2- poucas vezes faço isso
- 3- às vezes faço isso
- 4- muitas vezes faço isso
- 5- sempre faço isso

11. Quando acordo de manhã meu coração está palpitando.

- 1- nunca
- 2- raramente
- 3- ocasionalmente
- 4- freqüentemente
- 5- sempre

12. Recuso quando alguém me pede em namoro.

- 1- nunca faço isso
- 2- poucas vezes faço isso
- 3- às vezes faço isso
- 4- muitas vezes faço isso
- 5- sempre faço isso

13. Quando fico muito irritado sinto vontade de jogar e quebrar coisas.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

14. Se o mundo fosse acabar amanhã, continuaria vivendo como vivi até agora.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

15. Quando uma pessoa, com quem estou romanticamente envolvido, diz ou faz alguma coisa que me aborrece eu digo a ela.

- 1- nunca faço isso
- 2- poucas vezes faço isso
- 3- às vezes faço isso
- 4- muitas vezes faço isso
- 5- sempre faço isso

16. Quando não gosto de alguém eu o ignoro.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

17. Pedir aumento de salário.

- 1- certamente não faria isso
- 2- provavelmente não faria isso
- 3- possivelmente faria isso
- 4- provavelmente faria isso
- 5- certamente faria isso

18. Admito ignorância em um assunto.

- 1- nunca faço isso
- 2- poucas vezes faço isso
- 3- às vezes faço isso
- 4- muitas vezes faço isso
- 5- sempre faço isso

19. Vez por outra, em minha vida, eu senti medo.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

20. Rejeito pedido para emprestar dinheiro.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

21. Gozo de pessoas que possuam um defeito físico.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

22. Falo abertamente sobre as fraquezas e falhas dos outros.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

23. As pessoas que fazem perguntas inconvenientes devem receber respostas grosseiras.

- 1- discordo totalmente
- 2- discordo
- 3- não concordo nem discordo
- 4- concordo
- 5- concordo totalmente

24. Minha moral está acima de qualquer suspeita.

- 1- nunca
- 2- raramente
- 3- ocasionalmente
- 4- freqüentemente
- 5- sempre

25. Faço perguntas pessoais.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

26. Mandaria calar um amigo que fala demais.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

27. Falo mal de quem eu não gosto.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

28 Tenho vontade de xingar as pessoas que me irritam.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

29. Já fiz coisas de natureza sexual que a sociedade não aprova.

- 1- nunca
- 2- raramente
- 3- ocasionalmente
- 4- freqüentemente
- 5- sempre

30. Peço críticas construtivas.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

31. Sinto vontade de falar palavrões a quem me aborrece.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

32. Inicio uma conversa com estranhos.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

33. Cumprimento uma pessoa com quem estou romanticamente envolvido.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

34. Minhas maneiras à mesa quando estou em casa são exatamente as mesmas que quando sou convidado para jantar fora.

- 1- nunca
- 2- raramente
- 3- ocasionalmente
- 4- freqüentemente
- 5- sempre

35. Pediria um encontro ou em namoro alguém.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

36. Pessoas que me prestam serviços de forma inadequada merecem ser tratadas como inferiores.

- 1- discordo totalmente
- 2- discordo
- 3- não concordo nem discordo
- 4- concordo
- 5- concordo totalmente

37. Quando alguém me provoca fico constrangido em responder-lhe com gestos obscenos

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

38. Algumas vezes é necessário que eu grite com outras pessoas para que elas prestem atenção no que eu estou dizendo.

- 1- discordo totalmente
- 2- discordo
- 3- não concordo nem discordo
- 4- concordo
- 5- concordo totalmente

39. Como demais.

- 1- nunca
- 2- raramente
- 3- ocasionalmente
- 4- freqüentemente
- 5- sempre

40. Seu encontro com alguém é recusado. Você pediria outro mais tarde?

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

41. Quando meus pais me aborrecem não consigo me controlar e grito com eles.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

42. Admito confusão sobre um ponto de uma discussão e peço esclarecimento.

- 1- nunca faço isso
- 2- poucas vezes faço isso
- 3- às vezes faço isso
- 4- muitas vezes faço isso
- 5- sempre faço isso

43. Dou todo o dinheiro que posso a caridade.

- 1- nunca
- 2- raramente
- 3- ocasionalmente
- 4- freqüentemente
- 5- sempre

44. Pergunto se ofendi alguém.

- 1- nunca faço isso
- 2- poucas vezes faço isso
- 3- às vezes faço isso
- 4- muitas vezes faço isso
- 5- sempre faço isso

45. Uma vez ou outra em minha vida eu roubei alguma coisa.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

46. Quando não consigo alguma coisa fico muito irritado.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

47. Eu sinto vontade de xingar quem me nega um pedido.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

48. Digo a alguém que gosto dele.

- 1- nunca faço isso
- 2- poucas vezes faço isso
- 3- às vezes faço isso
- 4- muitas vezes faço isso
- 5- sempre faço isso

49. Quando eu quebro algum objeto eu me sinto culpado.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

50. Se a ficha de um telefone público é devolvida depois de eu ter falado, eu a reponho no telefone.

- 1- nunca
- 2- raramente
- 3- ocasionalmente
- 4- freqüentemente
- 5- sempre

51. Exigiria um serviço esperado quando ele não ocorre, por exemplo, num restaurante.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

52. Discuto abertamente as críticas feitas sobre meu comportamento.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

53. Devolvo objeto com defeito, por exemplo, numa loja.

- 1- nunca faço isso
- 2- poucas vezes faço isso
- 3- às vezes faço isso
- 4- muitas vezes faço isso
- 5- sempre faço isso

54. É comum eu estourar com meus amigos.

- 1- discordo totalmente
- 2- discordo
- 3- não concordo nem discordo
- 4- concordo
- 5- concordo totalmente

55. Minto se for conveniente para mim.

- 1- nunca
- 2- raramente
- 3- ocasionalmente
- 4- freqüentemente
- 5- sempre

56. É comum eu bater nos meus irmãos.

- 1- discordo totalmente
- 2- discordo
- 3- não concordo nem discordo
- 4- concordo
- 5- concordo totalmente

57. Fico irritado quando sou forçado a fazer coisas que não quero.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

58. Expresso uma opinião diferente da pessoa com quem estou falando.

- 1- nunca faço isso
- 2- poucas vezes faço isso
- 3- às vezes faço isso
- 4- muitas vezes faço isso
- 5- sempre faço isso

59. Resisto a avanço sexual quando não estou interessado.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

60. Na escolha de meus amigos, ignoro coisas como: raça, religião e convicções políticas.

- 1- nunca
- 2- raramente
- 3- ocasionalmente
- 4- freqüentemente
- 5- sempre

61. Gosto de pichar (muros, paredes, monumentos etc.)

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

62. Faço ameaças a pessoas que não fazem o que eu quero.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

63. Quando alguém impede o meu caminho merece ser derrubado.

- 1- discordo totalmente
- 2- discordo
- 3- não concordo nem discordo
- 4- concordo
- 5- concordo totalmente

64. Falo para uma pessoa quando sinto que ela cometeu alguma injustiça comigo.

- 1- nunca faço isso
- 2- poucas vezes faço isso
- 3- às vezes faço isso
- 4- muitas vezes faço isso
- 5- sempre faço isso

65. Acho que estou certo em bater nas pessoas que me ofendem.

- 1- discordo totalmente
- 2- discordo
- 3- não concordo nem discordo
- 4- concordo
- 5- concordo totalmente

66. Na escola coleí algumas vezes.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

67. Aceitaria um encontro de namoro.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

68. Quando eu quero passar no meio de uma multidão, não me importo em empurrar as pessoas que atrapalham o meu caminho.

- 1- discordo totalmente
- 2- discordo
- 3- não concordo nem discordo
- 4- concordo
- 5- concordo totalmente

69. Digo a alguém coisas boas sobre mim mesmo.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

70. Acho emocionante ver pessoas brigando com facas.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

71. Em tudo que eu faço, tento realmente fazer o melhor possível.

- 1- nunca
- 2- raramente
- 3- ocasionalmente
- 4- freqüentemente
- 5- sempre

72. Resisto a pressão para beber.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

73. Ver pessoas sendo mortas me causa desconforto.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

74. Acho que usar a força física contra a outra pessoa é, algumas vezes, uma boa forma de resolver desavenças.

- 1- discordo totalmente
- 2- discordo
- 3- não concordo nem discordo
- 4- concordo
- 5- concordo totalmente

75. Quando uma pessoa está com algum objeto e não me deixa ver eu costumo tomá-lo.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

76. Entro na casa de pessoas estranhas mesmo quando não sou convidado.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

77. Agi covardemente em certos momentos de minha vida.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

78. Resisto a pedidos injustos de pessoa importante.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

79. Pedir demissão.

- 1- certamente não faria isso
- 2- provavelmente não faria isso
- 3- possivelmente faria isso
- 4- provavelmente faria isso
- 5- certamente faria isso

80. Gosto de escrever em mesas e paredes.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

81. Existem coisas que eu não entendo.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

82. Resisto a pressão para usar drogas.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

83. Discuto abertamente com uma pessoa críticas feitas ao meu trabalho.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

84. Peço de volta objetos emprestados.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

85. Acredito ser a única pessoa na terra com que Deus falou pessoalmente.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

86. Quando não consigo o que quero fico emburrado.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

87. É divertido implicar com pessoas bobas.

- 1- discordo totalmente
- 2- discordo
- 3- não concordo nem discordo
- 4- concordo
- 5- concordo totalmente

88. Sinto-me bem em ferir os sentimentos de quem eu não gosto.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre
- 5- sempre faço isso

89. Acredito que meu corpo viverá para sempre.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

90. Continuo conversando com alguém que discorda de mim.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

91. Gosto de ver filmes e programas de violência na televisão.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

92. Digo a um colega quando ele faz alguma coisa que me incomoda.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

93. Existem algumas pessoas no mundo que não conheço pessoalmente.

- 1- certamente não
- 2- provavelmente não
- 3- possivelmente
- 4- provavelmente sim
- 5- certamente sim

94. Digo a uma pessoa que está me aborrecendo para parar.

- 1- nunca
- 2- poucas vezes
- 3- às vezes
- 4- muitas vezes
- 5- sempre

FOLHA DE RESPOSTAS

1	2	3	4	5

A) Dados pessoais:

6	Sexo: 1- masculino 2- feminino
---	-----------------------------------

7	8	Idade em anos
---	---	---------------

9	Escola: 1- pública 2- particular
---	-------------------------------------

10	Escolaridade:	1- 8ª série do 1º grau 2- 1ª série do 2º grau 3- 2ª série do 2º grau 4- 3ª série do 2º grau 5- superior incompleto 6- superior completo
----	---------------	--

B) Respostas:

Afirmações:	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
Respostas:														
	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24

Afirmações:	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
Respostas:														
	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38

Afirmações:	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42
Respostas:														
	39	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52

Afirmações:	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56
Respostas:														
	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66

Afirmações:	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70
Respostas:														
	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80

Afirmações:	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84
Respostas:														
	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94

Afirmações:	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94
Respostas:										
	95	96	97	98	99	100	101	102	103	104

ANEXO 3

Gráficos da representação da relação linear entre as variáveis idade e escolaridade e os fatores das escalas de agressividade e assertividade

Figura 1: Gráfico demonstrativo da relação linear entre idade e agressão geral (AGRGER)

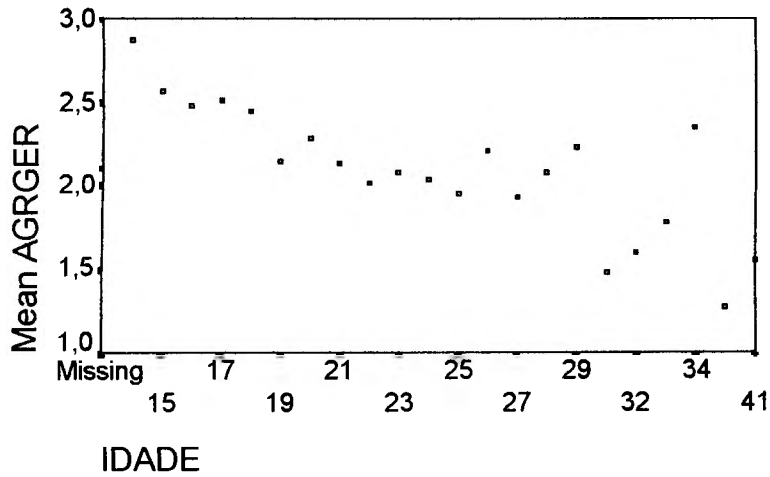


Figura 2: Gráfico demonstrativo da relação linear entre idade e lidar com críticas (ASSERT1)

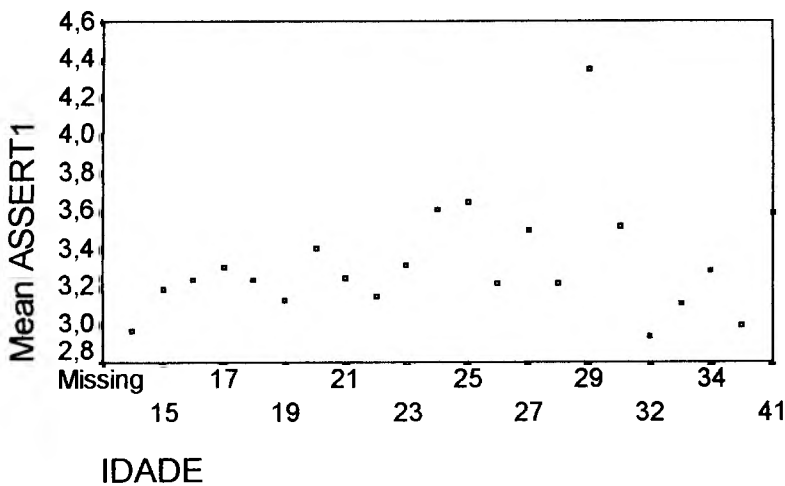


Figura 3: Gráfico demonstrativo da relação linear entre idade e iniciativa (ASSERT2)

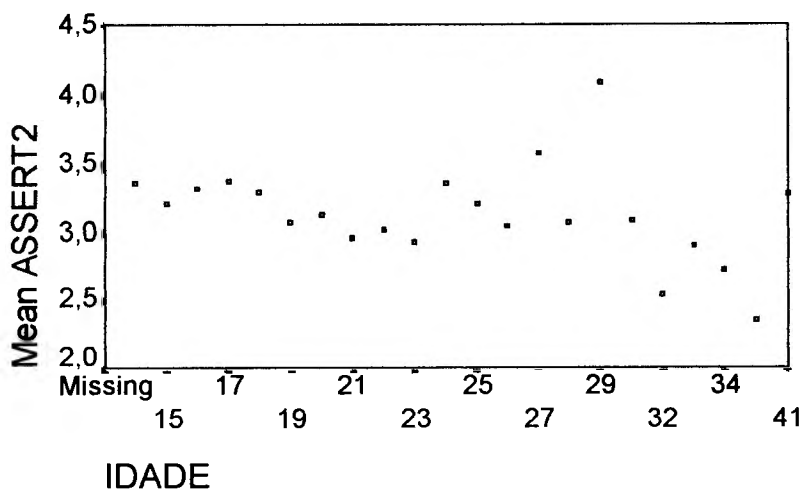


Figura 4: Gráfico demonstrativo da relação linear entre idade e agressão verbal (AGR1)

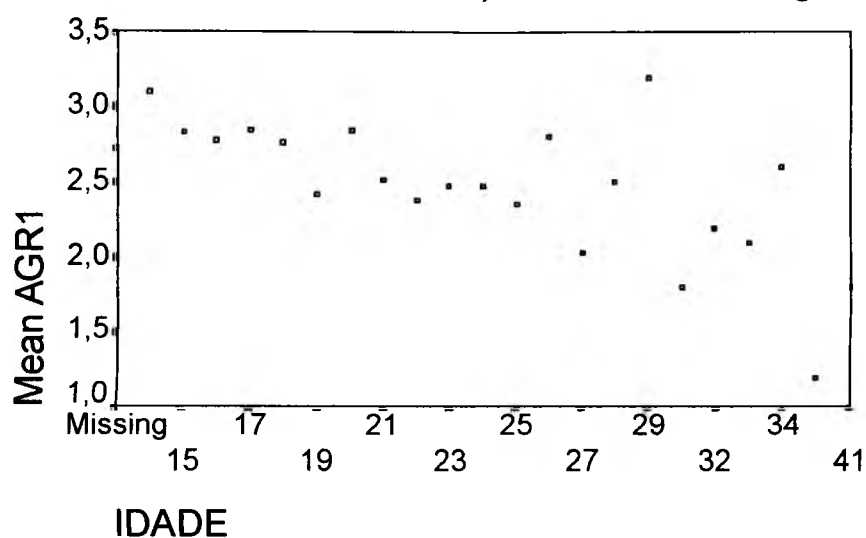


Figura 5: Gráfico demonstrativo da relação linear entre idade e agressão física (AGR2)

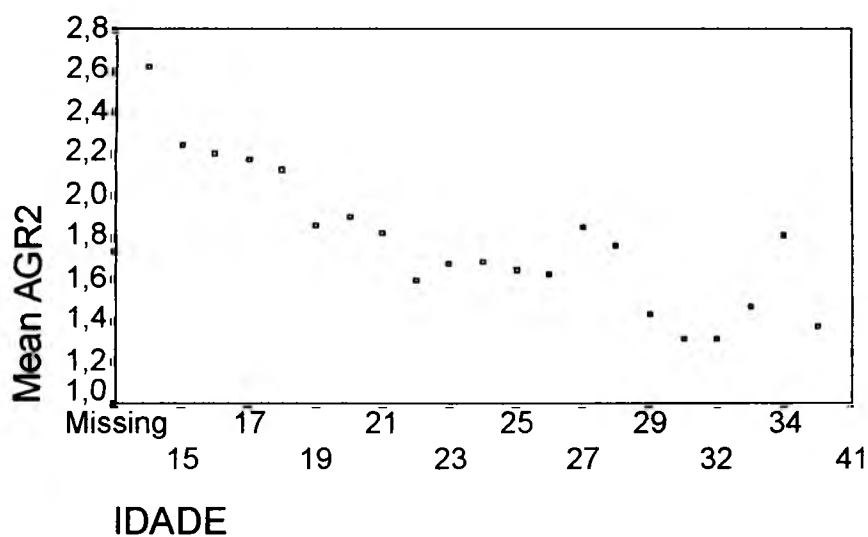


Figura 6: Gráfico demonstrativo da relação linear entre idade e irritação contida (AGR3)

